SUPERENTREVISTA COM BOB DYLAN!

Nº 7
FEVEREIRO 1986
CTS 80 000

BIZZ

ENTREVISTA COM
THE CURE
FRANK ZAPPA
A CRÍTICA APONTA
OS MELHORES DE 1985
A VOLTA DE
MICHAEL JACKSON

+ CINEMA • DISCOS • VÍDEO
MICK JAGGER • STYLE COUNCIL

BRUCE & MADONNA
DONOS DO MUNDO

GRÁTIS!
POSTER DURAN DURAN

BIZZ

Foto Flavio Colker

Melhor LP, melhor grupo e melhor vocal. Estes são os votos de BIZZ (pág. 30)

Bruce Springsteen e Madonna foram, indiscutivelmente, os grandes campeões da cena pop em 85. Com estilos muito diferentes, os dois se espalharam de forma universal ocupando espaço invejável, como conta o editor *José Emílio Rondeau*.

Apesar do estrondoso sucesso, os dois não figuram na votação dos **Melhores de 85**, feita pela redação de BIZZ e por músicos convidados. Veja o que deu na pág. 30 e aguarde os resultados de sua votação em uma próxima edição.

Uma das mais influentes e polêmicas figuras do mundo do rock desde início dos anos 60, **Bob Dylan** nunca perdeu sua atualidade. Em entrevista exclusiva a BIZZ, ele fala de seus ídolos, de música e de política, sempre em tom instigante e, por vezes, profético.

Outro monstro sagrado a figurar nesta edição é o genial **Frank Zappa**, que menciona, também em entrevista exclusiva, sua briga contra tentativas de censura ao rock nos Estados Unidos.

Não tão antigo, mas já para muitos um mito, **Robert Smith**, do **Cure**, fala até de futebol e da Copa de 70 num papo exclusivo em Londres com *Pepe Escobar*. O mesmo jornalista inaugura, com os agitos da mesma cidade, sua coluna **London Calling**.

Uma paixão pelo punk brasileiro. Esta é uma das revelações feitas por **Jello Biafra**, da banda californiana **Dead Kennedys**, às vésperas de seu desembarque por aqui, numa exclusiva com *Marco Antônio de Menezes*. Nesta edição tem ainda: **Hermeto** no estúdio, por *José Augusto Lemos*, Ao Vivo e mais.

José Eduardo Mendonça
chefe de redação

ESTE MÊS

20 Bruce Springsteen e Madonna
O segredo do sucesso dos donos de 1985 > *José Emílio Rondeau*

26 The Cure
Um papo exclusivo com Robert Smith > *Pepe Escobar*

30 Os Melhores do Ano
A crítica aponta os destaques de 1985

34 Hermeto Paschoal
O bruxo dos sons solta o verbo > *José Augusto Lemos*

44 Dead Kennedys
Uma entrevista com Jello Biafra feita em Nova York > *Marco Antônio de Menezes*

46 Frank Zappa
O pai do Mothers of Invention numa queda de braço com a Censura

48 Atrás do Trio Elétrico
Frevo, axé e muitos quilowatts

TODO MÊS

6 Show Bizz
Notas, notícias e boatos

11 Paradas
Cash Box, Melody Maker, Billboard, New Musical Express e Parada do Leitor

12 Lançamentos
Discos quentinhos da boca do forno

18 Vídeo Bizz
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

35 Entrevista
Bob Dylan reflete sobre Deus, política e rock'n'roll

43 Heavy Metal
Um noticiário especial para o mundo da pauleira

50 Ao Vivo
The Cult e *Itamar Assumpção*

52 Visual Cinema
A Lenda, o novo filme de *Ridley Scott*. *Autour de Minuit*

56 Clip
Mick Jagger e os *computer graphics* de seu "Hard Woman", uma retrospectiva de clips em Paris

60 Porão
Bandas novas rumo à superfície
Obina Shok, *Maria Angélica Não Mora Mais*
Aqui, *Waterboys* e *Brilliant*

62 Letras
Style Council, "Paris Match"

66 Meu Instrumento
Nesta edição, todas as cordas de *Armandinho*, do *Trio Elétrico de Dodô e Osmar*

68 Cartas

70 Bits Bizz
Computadores aprendem a pensar

71 London Calling
A partir deste número, *Pepe Escobar* conta as acobrinhas e groselhas mais fresquinhas da Grã-Bretanha

72 Discoteca Básica
As obras-primas *The Velvet Underground and Nico*

74 Opinião
Na tribuna *Jose Augusto Lemos*

Fotos da capa: Keystone/ Camera Press — Lynn Goldsmith-LGI/ Still

CAMISETA HERING. O TEMPO VAI COMEÇAR A ESQUENTAR.

Hering

Sol na pele. Areia escaldante.
Onda que bate na camiseta.
Algodão direto sobre o corpo
traz a brisa que refresca.
A maré do verão começa a subir.

VISTA ESTE CLIMA.

Marvin Gaye, cantor, compositor, multiinstrumentista e produtor do melhor LP da história

Foto Gamma

100 LPs PARA A ETERNIDADE

Em 1974, o fogoso semanário inglês *New Musical Express* arrebanhou todos os seus críticos para eleger os 100 melhores LPs pop de todos os tempos. Em 1985, resolveu repetir a dose e provocou surpresas e surpresas com a nova lista (divulgada na edição de 30/11/85).

Trata-se da primeira lista rigorosamente pós-punk do gênero, como o próprio jornal anuncia: "A diferença desta para a primeira lista é a influência do punk, do rock alemão, do pop do Terceiro Mundo". Isso explicaria a ausência de discos "pretensosos que representaram verdadeiros descamin-hos", como *Sgt. Pepper's* dos Beatles e *Dark Side of the Moon* do Pink Floyd. Vale lembrar que o manifesto psicodélico de Lennon, McCartney & Cia. sempre teve o primeiro lugar em todas as listas do gênero.

Pois, desta vez, o maior LP de todos os séculos seculares foi *What's Going On* do Marvin Gaye. Em segundo lugar, outra escolha que só pode surpreender quem não conhece a preciosa bolacha: *Astral Weeks* de Van Morrison.

No cômputo geral, os campeões são David Bowie — com *Low* (em 15º lugar), *Young Americans* (36º), *Heroes* (64º) e *Station to Station* (66º); os Beatles com *Revolver* (11º), *The Beatles* (o "album branco", 33º), *Hard Day's Night* (74º) e *Rubber Soul* (96º); e Bob Dylan com *Highway 61 Revisited* (3º), *Blonde on Blonde* (8º), *Bringing It All Back Home* (22º) e *Blood on the Tracks* (52º).

Ainda nos anos 60, dois grupos tiveram três de seus LPs na lista: os Doors e o Velvet Underground, cujo primeiro disco (*Discoteca Básica* desta edição) está em 16º. E um grupo nunca lançado no Brasil, o Joy Division, teve os dois únicos LPs de sua carreira eleitos — *Unknown Pleasures* (9º) e *Closer* (55º). Dos anos 70, dois grupos tiveram seus três primeiros LPs incluídos: o Talking Heads e o Roxy Music.

Quanto aos discos mais recentes que já entraram direto para os "100 eternos", são *Meat Is Murder* dos Smiths, *Steve McQueen* do Prefab Sprout e *Rattlesnakes* de Lloyd Cole & the Commotions... Uia!

BEATLES ORIGINAIS

Esta é para os beatlemaníacos mais fissurados: a Capitol Records prepara-se para lançar nos Estados Unidos 10 álbuns dos **Beatles** lançados entre 1964 e 1968 exatamente como foram originalmente comercializados naquela época pela Parlophone inglesa. Para os incautos pode parecer bobagem, mas acontece que todos os álbuns americanos feitos na primeira fase da carreira dos Quatro de Liverpool pouco ou nada tinham a ver com os lançamentos da matriz inglesa. Isso porque a primeira gravadora americana a se interessar pelos Beatles não foi a Capitol, mas a pequena e independente Vee-Jay, que manteve por anos a fio os direitos americanos de muitos hits do grupo.

O jovem e promissor quarteto de Liverpool

Foto SKR/LFI

OUÇA ESSA

"O que as nádegas do Bruce têm de credibilidade, em comparação com as minhas?" ***George Michael***

A VOLTA DO STEELY DAN

Inativo desde que seus fundadores se separaram em nome de carreiras solo, em 1980, o Steely Dan está sendo reformado por Walter Becker e Donald Fagen. A história é bastante interessante, pois o Dan foi extinto logo após a assinatura da banda com uma nova gravadora, a Warner Bros., sem que fosse lançado um só compacto. Em vez disso, Becker lançou o bem-sucedido *Nightfly*, e Fagen virou produtor de discos (seu mais recente trabalho foi com o China Crisis). Assim que estiver pronto o novo disco do Steely Dan, edição 1985, o grupo fará sua primeira turnê em 10 anos.

Foto LFI

O sempre ativo Paul Weller (Style Council) contra a Dama de Ferro

POP TRABALHISTA

Desesperados com o longo e tenebroso reinado de **Maggie** "Dama de Ferro" **Thatcher**, os popstars ingleses acabam de formar uma organização chamada Red Wedge. A intenção é promover uma série de grandes shows e eventos em apoio ao Partido Trabalhista, para a próxima eleição britânica. Estão na turma: **Paul Weller, Heaven 17, Lloyd Cole**, os **Communards** (nova banda do ex-Dexys Beat), **Jimi Sommerville**, **Billy Bragg**, **Gary Kemp** (Spandau Ballet) e **Robert Wyatt**.

LIVE AID, HORA DA PRESTAÇÃO DE CONTAS

Segundo declarações dadas por **Bob Geldof** no final de novembro, os projetos Band Aid e Live Aid arrecadaram um total de 80 milhões de dólares. Metade da grana já foi, inclusive, gasta da seguinte maneira: 17 mil toneladas de cereais, 2 mil toneladas de leite em pó, 1.2 tonelada de açúcar e 1.210 toneladas de óleo vegetal e outros produtos alimentícios.

Por outro lado, a Federação Internacional de Produtores de Fonogramas e Vídeos calculou em 3 milhões de dólares o prejuízo que os etíopes tiveram com a comercialização de vídeos e fitas piratas do Live Aid.

O NOVO CLASH ACABOU

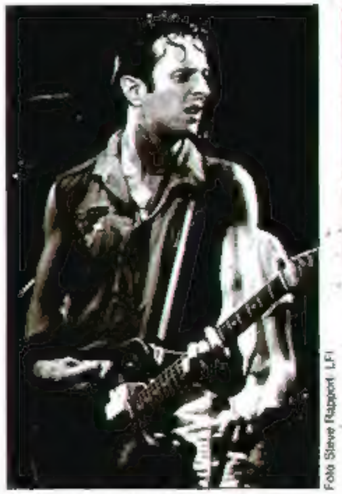


Foto Steve Rapport/ LFI

Joe Strummer: o novo Clash não deu certo

A vida da mais recente encarnação do Clash foi tão curta, mas tão curta que os fundadores **Joe Strummer** e **Paul Simonon** viram-se, mais uma vez, sem baterista e guitarrista assim que o novo álbum da banda, *Cut the Crap*, chegou às lojas. A saída de **Pete Howard** (bateria), **Nick Sheppard** e **Vince White** (guitarras) foi, aparentemente, a gota d'água numa duradoura tempestade que há muito vem açoitando o front clashiano. Os dois mentores da banda — o empresário **Bernard Rhodes** e o relações-públicas **Kosmo Vinyl** — vinham se desentendendo seriamente com Joe Strummer, que se recusava terminantemente a excursionar para promover o novo álbum. Ao mesmo tempo, fervilhavam na Europa rumores insistentes que davam conta de uma ressurreição do Clash original (com o baterista **Topper Headon** e o guitarrista e cantor **Mick Jones**), o que em nada deve ter agradado os companheiros de Strummer. Novamente uma dupla, o Clash não tem planos para o futuro imediato. Simonon e Strummer já gravaram uma nova música, "Shouting Street", mas é incerta a possibilidade de que eles mantenham as colaborações de Vinyl e Rhodes. Como será o próximo capítulo desta novela?

JEFF REAPARECE

Foto Sipa Press

Beck sacode a poeira e volta ao estúdio

Depois do sucesso de crítica e do fracasso comercial de seu disco mais recente, *Flash*, Jeff Beck já se prepara para voltar ao estúdio.

Entre os músicos convidados o baterista Slim Jim Phantom e o baixista Lee Rocker (ambos ex-Stray Cats).

UMA NOVA BOSSA?

Era só o que faltava. Certos de que o Brasil vive hoje um "clima bem parecido com o dos anos 60", um grupo de artistas se reuniu na segunda semana de dezembro, no auditório do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, para oficializar a existência do movimento "Nova Bossa", integrado por nomes como **Tunai**, **Toninho Horta**, **Márcio Montarroyos**, **Ricardo Silveira**, **Grupo D'Alma**, **Azymuth** e os ex-**Boca Livre Zé Renato**, **Cláudio Nucci**, **David Tygel** e **Maurício Maestro**. Como apoio, esta coleção de artistas tem cartas de diversos diretores de gravadoras — como **João Araújo** (Som Livre), **André Midani** (WEA) e **Roberto Menescal** (Polygram) — avalizando este novo-bossismo. Além disto, a Nova Bossa namora a possibilidade de uma série de programas na TV Globo, mais vários shows de grande porte em casas como o Canecão carioca. Em tempo: afora duas palavras, este movimento não tem, necessariamente, nada a ver musicalmente com a Bossa Nova dos anos 60, exceto a natural influência que receberam dela todos os artistas envolvidos. Não há entre eles sequer parentesco musical real e a única semelhança é o fato de nenhum deles fazer rock. E a ausência de todos nos playlists das FMs.

MAIS UM DUPLO AO VIVO DE GIL

Foto Rui Mendes

Os shows de comemoração dos 20 anos de carreira de Gil estarão reunidos em um LP duplo

Os shows da semana Gil 20 Anos Luz, que aconteceram em novembro em São Paulo, vão mesmo para o vinil. Em março a GG Produções vai lançar um álbum duplo com os melhores momentos do evento.

Além deste disco, **Gil** também está preparando um LP com **Jorge Ben**. Mas não se sabe ainda para quando, já que tudo está dependendo dos entendimentos entre a WEA e a Som Livre.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Foto Flávio Colker

Fê, Flávio, Dinho e Loro, do Capital Inicial, desistem da CBS e embarcam via Polygram

Se pouca gente gravou nos últimos meses por causa do Carnaval, imagine agora em fevereiro. A maioria das gravadoras está em férias coletivas, mas algumas andam finalizando seus lançamentos para março.

A Polygram vem com **Eduardo Dusek, Ney Matogrosso** e **Ceiso Blues Boy.** Mas a grande novidade ficou com a contratação do **Capital Inicial,** ex-CBS, que vai lançar seu primeiro LP em abril.

A Som Livre espera dar um fim à novela **Barão Vermelho** e soltar o disco logo depois do Carnaval. Isso além de lançar mais um LP de **Jorge Ben,** que resolveu renovar o contrato.

O **Zipertensão,** depois de aparecer para o Brasil todo através do *Festival dos Festivais,* vem com seu primeiro LP pelo selo Pointer, que terá letras e músicas de **Augusto de Campos, Antônio Risério** e **Rogério Duarte.** "Vamp Neguinha", que já saiu no compacto duplo lançado em dezembro, não estará no disco.

O selo Ataque Frontal está terminando o LP do **Lobotomia,** que deve sair ainda este mês.

TROPICALISMO PARA INGLÊS

Foto Maurício Valladares

Arto Lindsay dá aula sobre tropicalismo no New Musical Express

Conhecido dos leitores de BIZZ e provavelmente anônimo para "nossas" gravadoras (que se recusaram a lançar aqui seu samba-avant-funk), **Arto Lindsay** deu uma aula sobre tropicalismo no *New Musical Express* de 16 de novembro:

"O tropicalismo foi um grande acontecimento no Brasil dos anos 60. Foi introduzido para contra-atacar o imenso complexo de inferioridade que o povo tinha em relação à cultura norte-americana. Se seu lado negativo tinha uma feroz xenofobia, mesmo assim tornou aparente a riqueza e diversidade da cultura brasileira. Isso bebendo em fontes como dadaísmo e surrealismo. E, em seus melhores expoentes, a música pop brasileira atingiu um nível Duke Ellington de sofisticação estilística, com uma expressão totalmente integrada de rimas internas e várias camadas de significado. E o que é melhor... todo mundo, dos 8 aos 80, estava ligado no movimento".

BILLY IDOL VOLTA PASSADO A LIMPO

Foto LFI

Billy Idol estréia o novo álbum no Ritz (NY)

A qualquer momento nas lojas o novo álbum de **Billy** "Supla" **Idol,** *Whiplash Smile.* Quem já ouviu garante que Billy deixou de lado — pelo menos por enquanto — o sarcasmo e a careta que marcaram sua carreira até agora. Idol confirmou à revista *Rolling Stone* que, pela primeira vez, mostrou sua "vulnerabilidade". As músicas do novo álbum foram estreadas no Ritz, night club nova-iorquino onde os Psychedelic Furs se apresentaram. Billy subiu no palco com uma boininha tipo Fagner e detonou a nova "World's Forgotten Boy". A galera gostou.

COMUNISMO SIM, COCA-COLA NÃO

Dean Reed é americano, mas mora na Alemanha comunista. Cantor e ator, ele é o único cidadão não-soviético já honrado com a *Ordem da Jovem Liga Socialista de Lênin para as Artes e Literatura,* pelo conjunto de sua obra: 18 filmes e 13 discos (estes vendendo milhões de cópias), todos realizados por trás da cortina... de ferro. Chamado de "Johnny Cash Comunista" (Johnny é um dos patriarcas do *country*), Reed retruca: "Não sou marionete de ninguém". E estabelece certas condições para uma eventual volta aos EUA: "Quero levar minha carreira com dignidade — eu não iria à televisão anunciar Coca-Cola". Os chineses que não o ouçam.

PHILIPS

a sua marca

RÁDIOS-GRAVADORES PHILIPS ESTÉREO ESPACIAL. LIGOU, VIAJOU.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

Rock. MPB. New-Wave. Jazz. Clássicos. A Philips oferece partidas diárias para todos os lugares onde vivem o som e a emoção. Você escolhe como quer viajar: a bordo do rádio-gravador portátil AR 420 ou do AR 530 Philips. E escolhe também a passagem: AM, FM estéreo, fitas de cromo, metal ou ferro.

São os únicos rádios-gravadores que, além do estéreo em FM e fita, oferecem mais um serviço de primeira classe: o estéreo espacial. É um estéreo com efeitos especiais: um som gostoso, envolvente, que preenche todos os espaços do ambiente e do coração.

Você pode dar asas à imaginação e transformar os rádios-gravadores Philips em autênticas centrais de música: eles têm saída para caixas acústicas e entrada para toca-discos ou segundo gravador. Faça a sua composição e boa viagem.

Se preferir embarcar em outros vôos, você ainda encontra na linha Philips dois rádios-gravadores com som mono e muito desempenho: o AR 150 e o AR 248.

E todos eles também levam na bagagem a tecnologia dos inventores do Compact Disc. Com um rádio-gravador Philips seu destino é certo: a emoção.

DIGITAL AUDIO

PHILIPS OS INVENTORES DO COMPACT DISC

Som Philips.
A emoção da música ao vivo.

Standard

TRILHAS À VISTA

Foto Frank Stronach - Stills

Responsável por um dos melhores LPs de 85, o romântico incurável Bryan Ferry

Mais um popstar de namoro com o cinema. Desta vez foi o Sr. Elegância em pessoa, **Bryan Ferry**, que criou a trilha-sonora para o novo filme de **Ridley "Alien" Scott**, *Legend*. Enquanto isso, um velho paquerador de Hollywood, o ex-Van Halen **Dave Lee Roth**, convidou **Nile Rodgers** para compor a música de seu filme de estréia: *Crazy From the Heat*.

STEVIE WONDER ACUSADO DE PLÁGIO

Foto Câmara

Stevie "Maravilha" Wonder: será verdade?

Dois compositores, **Lee Garrett** e **Lloyd Chiate**, acabam de entrar na Justiça norte-americana acusando **Stevie Wonder** de ter plagiado "I Just Called to Say I Love You", que será de autoria da dupla. É mais: que Garrett será co-autor de outros megahits de Stevie, compostos entre 1970 e 78, sem jamais receber crédito ou remuneração alguma, resposta do empresário de Wonder, Ewert Abner: "A música e a integridade de Stevie falam por si mesmas."

SPANDAU ENCANA A GRAVADORA

Para quem não sabe, o nome **Spandau Ballet** refere-se ao Castelo de Spandau, onde oficiais nazistas permaneceram trancafiados à espera de seu julgamento. Pois o grupo inglês que atende por essa alcunha deixou alguns executivos do selo Chrysalis em situação semelhante. Tudo começou quando a gravadora resolveu lançar *Singles Collection*, uma coletânea com as músicas do Spandau lançadas anteriormente em forma de compacto. O grupo imediatamente entrou na Justiça, que mandou recolher os discos das lojas e interromper sua propaganda na TV. Como este último item não foi obedecido, os responsáveis passaram alguns dias no xilindró.

O SOM QUE VEM DO SUL

Foto Eurico Salis

O grupo Tarantinha, um fenômeno independente do rock gaúcho que vem invadir nossa praia

BIZZ foi a primeira a falar no rock dos pampas (ver matéria no nº 5). Mas de lá para cá muita coisa mudou.

Durante os quatro sábados de outubro, aconteceu em Porto Alegre o Rock Sul Concert que teve participantes gaúchos e de outros Estados. Entre os convidados estavam **Léo Jaime**, Camisa de Vênus, Paralamas do Sucesso, Ultraje a Rigor, RPM, Capital Inicial, Titãs, Ira!, Legião Urbana, Lulu Santos, Joe, Lobão e Alceu Valença. Da ala gaúcha, participaram **Os Eles**, TNT, Engenheiros do Hawaii, Replicantes, Tarantinha e Garotos da Rua.

Se você ainda não conhece estas bandas e não pode ir a Porto Alegre, não se preocupe. A RCA enviou ofertas para o festival e já chamou De Falla, TNT, Engenheiros do Hawaii, Garotos da Rua e Replicantes para participarem do *Rock Grande do Sul*, uma coletânea que deve ser lançada ainda este mês. Em breve os Replicantes deverão ter um disco sozinhos. Os Eles preferiram ficar com um LP na gravadora gaúcha Acit, que já tem o Tarantinha como contratado.

O NOVO 365

Depois de ficar um ano parado, o grupo **365** voltou à ativa neste ano. Só que com nova formação.

Além do baterista **Miro**, presente desde os tempos da **Lixomania** — banda que gravou um dos compactos mais importantes da safra punk brasileira de 81/82 —, o novo 365 vem com vários ex-Repetes: o vocalista Mi (também ex-**Guerrilha Urbana**), o baixista Mingau (ex-**Ratos de Porão** e **Inocentes**) e o guitarrista Ari (ex-**Fator Zero** e **Fogo Cruzado**).

PARADA BIZZ

A partir deste número, a parada BIZZ apresenta, além da Parada do Leitor, os dez mais nos Estados Unidos (LPs e compactos) e na Grã Bretanha (LPs independentes). Os dados são das revistas *Billboard* e *Cash Box* (EUA) e dos semanários *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB).

Foto Divulgação

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE PARA A PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Escreva também seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

Billboard (EUA) 07/12/85 Compactos

1	(3)	"Broken Wings" - **Mr. Mister** (RCA)
2	(1)	"Separate Lives" - **Phil Collins/Marilyn Martin** (Atlantic WEA)
3	(2)	"We Built This City" - **Starship** (RCA)
4	(5)	"Never" - **Heart** (Capitol)
5	(12)	"Say You, Say Me" - **Lionel Richie** (Motown)
6	(4)	"You Belong to the City" - **Glenn Frey** (MCA)
7	(8)	"Election Day" - **Arcadia** (Capitol)
8	(7)	"Who's Zoomin' Who" - **Aretha Franklin** (Arista)
9	(9)	"Party All the Time" - **Eddie Murphy** (Columbia)
10	(10)	"Sleeping Bag" - **ZZ Top** (WEA)

Cash Box (EUA) 30/11/85 LPs

1	(1)	*Miami Vice* - **Trilha do seriado de TV** (MCA)
2	(2)	*Brothers in Arms* - **Dire Straits** (WEA)
3	(8)	*Afterburner* - **ZZ Top** (WEA)
4	(4)	*Heart* - **Heart** (Capitol)
5	(3)	*Scarecrow* - **John Cougar Mellencamp** (Polygram)
6	(5)	*In Square Circle* - **Stevie Wonder** (MCA)
7	(7)	*Whitney Houston* - **Whitney Houston** (Arista RCA)
8	(6)	*Songs from the Big Chair* - **Tears for Fears** (Polygram)
9	(13)	*Power Windows* - **Rush** (Polygram)
10	(10)	*No Jacket Required* - **Phil Collins** (WEA)

New Musical Express (GB) 23/11/85 LPs Ind

1	(4)	*Can Your Pussy Do the Dog?* - **The Cramps** (Big Beat)
2	(2)	*Winds of Change* - **Robert Wyatt** (Rough Trade)
3	(4)	*Sub-Culture* - **New Order** (Factory)
4	(3)	*V2* - **That Petrol Emotion** (Noise A Noise)
5	(5)	*The Battle Continues* - **Conflict** (Mortarhate)
6	(6)	*Rain* - **The Cult** (Beggars Banquet)
7	(10)	*Well, Well, Well* - **The Woodentops** (Rough Trade)
8	(11)	*Sequenz* - **Xmal Deutschland** (Red Rhino Europe)
9	(6)	*Cruiser's Creek* - **The Fall** (Beggars Banquet)
10	(N)	*Tiny Dynamine* - **Cocteau Twins** (4 AD)

Melody Maker (GB) 16/11/85 LPs

1	(9)	*Afterburner* - **ZZ Top** (WEA)
2	(1)	*Once Upon a Time* - **Simple Minds** (Virgin)
3	(3)	*The Love Songs* - **George Benson** (K-Tel)
4	(N)	*Promise* - **Sade** (Epic)
5	(2)	*Hounds of Love* - **Kate Bush** (EMI)
6	(7)	*The Singles 81-85* - **Depeche Mode** (Mute)
7	(4)	*Love* - **The Cult** (Beggars Banquet)
8	(14)	*Power Windows* - **Rush** (Vertigo)
9	(8)	*World Machine* - **Level 42** (Polydor)
10	(19)	*Slave to the Rhythm* - **Grace Jones** (ZTT)

CONVENÇÕES
( ) o número entre parênteses indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) retorno à parada

CUT THE CRAP — The Clash/ THIS IS BIG AUDIO DYNAMITE — Big Audio Dynamite (CBS)

No auge de sua carreira, lá pelo final da década passada, o Clash — os compositores/cantores/guitarristas Mick Jones e Joe Strummer, o baixista Paul Simonon e o baterista Topper Headon — foi coroado "a última banda que valia a pena" pela crítica. Também, pudera! Implodidos os Sex Pistols, estendido o tapete vermelho da indústria fonográfica a todo e qualquer cidadão de cabelos espetados, alfinetes e roupas prafrentex, o Clash era o sonho de todo crítico (e era realidade): um grupo aparentemente incorruptível pelos prazeres fáceis da indústria do rock e decidido a manter sua guerra de guerrilha ideológico/musical a qualquer preço. Casando ao punk-rock diferentes formas terceiro-mundistas de música, da Jamaica ao Caribe, do México à África, o Clash daquele tempo era bom, muito bom mesmo.

Mas, como tudo que é bom, aquele Clash acabou. Topper Headon saiu, apaixonou-se pela exclusivista Sra. Heroína e só reapareceu há pouco, com um bom disco solo. Mick Jones foi "saído" e formou o Big Audio Dynamite. No B.A.D. Jones deu maior sofisticação ao casamento rock/Terceiro Mundo, e a sonoridade do álbum de estréia do grupo não deixa nada a dever às maiores aventuras sônicas de Arthur Baker. A síntese clashiana é lapidada aqui com esmero. Mas a nova versão do Clash — Strummer, Simonon, dois guitarristas e um baterista — massacra o coração de qualquer velho fã da banda. Sem uma sombra sequer de nova identidade, amarrado a velhos cacoetes, o novo Clash é uma nau à deriva. É cheia de bons ensaios de idéias, que acabam não dando certo numa mixagem caótica e, por fim, submergem sob a velha obsessão por slogans. Pelo menos nesse estágio — que, aliás, já foi encerrado com a saída (demissão?) dos três novos (antigos?) integrantes — o Clash não vale mais a pena. E está perto de se tornar "a banda que se recusa a morrer"

José Emílio Rondeau

THE HISTORY MIX VOL. 1 — Godley & Creme (Polygram)

A genial dupla Kevin Godley e Lol Creme, que no passado foi parte vital do extinto grupo 10 cc, volta a atacar.

O lado A é um supermix com "Wet Rubber Soup", feito com músicas recicladas do 10 cc, temperadas na batida break de Trevor Horn. O genial produtor (presente também no LP de Grace Jones) ao final até aproveita uma deixa de "I'm Not in Love" para transformá-la em "Cry", o hit vigente da dupla.

O outro lado do disco muda de estilo, mas não perde a qualidade.

T.L.

CRUSH — Orchestral Manoeuvres in the Dark (RCA)

OMD foi, na virada dos anos 80, um dos grupos ingleses que acompanharam os ensinamentos de Brian Eno. A uma distância conveniente, lógico. Conseguiram reunir sintetizadores a outros instrumentos; tapes a seqüenciadores; vocais melosos a letras intelectualizadas. Mas é só em seu sexto LP que chegam ao Brasil (apesar de terem sido trilha de novela, uns dois anos atrás, com "Souvenir", aliás uma de suas piores composições). O tempo passou e o OMD pode ser confundido com a legião tecnopop que ajudou a impulsionar. Uma injustiça, pois ainda estão entre os mais íntegros e interessantes — só que um pouco caducos.

A.A.

INSTRUMENTAL — Almir Sater (Som da Gente)

Instrumental, límpido e cristalino, este disco poderia ser descrito como um produto nativo muito próximo do modo como Ry Cooder estraçalha o violão na trilha sonora de *Paris, Texas*.

Mais que isso, persegue temas de diferentes inspirações regionais — uns com percussão, outros só viola —, para revelar um instrumentista luminoso, e iluminado. Nada a ver com as latino-americanices que Almir costumava cantar. Confira já.

J.A.L.

CRISTAL — Simone (CBS)

Tem certos caras que, quando a gente os critica, evocam o passado glorioso, batem no peito e dizem: "Fulano (ou sicrana) nos trairá!" Simone não. Ela tem sido, desde o início dos tempos, gloriosa e coerentemente insuportável.

Cristal traz a dose usual de boleros sintetizados, rebatida por uns sambas pasteurizados e um ou outro popismo insalubre. Há farta exibição de decotes (até no selo) que deixam entrever pouca fartura... de talento. Entre os autores das músicas estão Ivan Lins, Gonzaguinha e até um certo Hércules Correa — seria o dirigente do PCB? Em se tratando da capacidade da moça de catalizar chatice, não duvido nada.

Alex Antunes

ASYLUM — Kiss (Polygram)

E o Kiss não pára. Gene Simmons e Paul Stanley não deixam de lado aquela idéia que tiveram juntos há mais de doze anos, de dar aos roqueiros alegria, diversão e muito rock. "O rock vai perder a graça quando o Kiss parar", já disseram os dois. O atual guitarrista Bruce Kullick está totalmente entrosado com o grupo, coisa que não aconteceu com o anterior, Mark St. John.

Em *Asylum* tem de tudo da paulicéia: hard, metal rock e até momentos zeppelinianos. O LP no todo pode não ter aquela energia do início de carreira, mas percebe-se a preocupação em agradar a sua imensa legião de fãs. Sempre criam refrões que possam ser repetidos pela massa nos concertos e Paul até melhorou suas interpretações. Destaco em *Asylum* "King of the Mountain", "I'm Alive" e "Who Wants to Be..."

L.R.

Fotos Estúdio Abril

NO LOOKIN' BACK — Michael McDonald (WEA)

Nada como um dia após o outro... ex-voz principal, ex-compositor e ex-líder da derradeira encarnação do grupo norte-americano Doobie Brothers, McDonald foi um dos arquitetos do som pasteurizado e uniforme que vigora nas FMs até hoje, ao transformar em fórmula o soul branco que elevou aos píncaros da popularidade hits como "What a Fool Believes". Curiosamente, este seu segundo álbum individual parece buscar um pouco mais de humanidade com menos programação e mais alma. Não que Michael tenha abandonado fórmulas, mais desde o dueto que fez com James Ingram ("Ya Mo Be There") o grisalho McDonald não soa tão verdadeiro.

J.E.R.

RENATO BORGHETTI (CBS/Som Livre)

Borghettinho é gaúcho, tocador de gaita-ponto (o acordeom dos pampas) e vendeu, de seu primeiro LP de música instrumental regionalista, 150 mil cópias, a maior parte no Sul. Uma ponte surpreendente entre a juventude e a tradição gaúchas.

Neste segundo disco, a tentativa é atingir de fato o país, e Borghetti & banda (basicamente gaita-ponto, violões e percussão) receberam reforços. Sivuca e seu acordeom aparecem em duas faixas (uma delas, "Encontro", de inflexão bem nordestina). Em outra, "Coisa Nossa" (com teclados, flauta, baixo e bateria), o flerte é com o rock progressivo. Mas a marca do folclore sulino no som Borghetti é indelével.

A.A.

PROMISE — Sade (CBS)

É absolutamente deliciosa a capacidade que o ser humano tem de redescobrir coisas — pessoas, sons, sentimentos — que sempre existiram e revesti-las duma aura de Suprema Revelação. Isso ocorreu, por exemplo, com a meio-nigeriana, meio-inglesa Sade Adu, cujo hit "Smooth Operator" invadiu metade da Terra, ano passado, com uma mistura de bolero, neo-cool jazz e pop anos 80. Afora este último, todos os outros elementos que compõem o *sow* Sade já embalaram, no passado, nossos pais. Contudo, não se deixe enganar — Sade não é saudosismo. Pelo contrário, este seu segundo álbum é um prolongamento amadurecido da receita de "Smooth Operator" — arranjos clássicos e classudos emoldurando canções de amor (ganho, perdido ou ambos) que Sade embrulha com suave rouquidão. Seria mais correto crer que Sade reincorporou a personagem da compositora/cantora de fossa com um requebrado novo: ao mesmo tempo mais cínica e mais humana. Por isso, quando Sade canta a perda de sua melhor amiga — "Maureen" — ou fala dos mecanismos que levam uma garota a ganhar a vida nas ruas — "Jezebel" —, é quase possível vê-la sorrir de compaixão dos incréus que não entendem que também a dor ajuda a mover o mundo.

J.E.R.

SIX SILVER STRINGS — B.B. King (WEA)

"Eu pego você em minhas mãos e tudo dá certo", canta B.B. King com sua voz redonda de velho blueseiro, em "Lucille". Não. Não é uma mulher. Lucille foi o nome dado a sua primeira guitarra, com a qual começou a tocar profissionalmente em 46, em Memphis, Tennessee, centro do blues. Desde o início da carreira até este LP, o qüinquagésimo, King, hoje com 60 anos, vem arrastando legiões de seguidores por onde passa com sua mágica Gibson GS 335. Mais conhecido mundialmente depois de ter tocado com os Stones numa tour pelos EUA em 69, ele desfila tranqüilo clássicos como "In the Midnight Hour", faz uma reinvenção estonteante de "Big Boss Man", de Luther Dixon, mas em alguns momentos se vê prejudicado pela excessiva "contemporaneidade" dos arranjos.

J.E.M.

ENCONTROS E DESPEDIDAS — Milton Nascimento (Barclay)

Já era de se esperar que Milton se transformasse num artista cosmopolita, num mineiro cidadão do mundo. Afinal 2/3 dos músicos convidados para o Free Jazz Festival, em agosto passado, incluíram em seus repertórios músicas dele, e, portanto, uma recíproca não é nada de estapafúrdio. Dessa maneira soam bastante interessantes os fraseados knopflerianos que o guitarrista Ricardo Silveira emprestou à faixa carro-chefe, "Portal do Amor", da mesma forma que é extremamente bem-vinda a sonoridade ultramoderna, *state-of-the-art*, que o produtor Mazola e o engenheiro de som Humberto Gatica (que trabalha com Quincy Jones) emprestaram a este disco. Tanto assim que Milton poderia até flertar com os Top 100 da revista *Billboard* sem riscos de estar voando alto demais.

J.E.R.

WEST SIDE STORY/ NIGHT TRAIN/ TRISTEZA — Oscar Peterson Trio (Polygram)

Leonard Bernstein compôs *West Side Story* para um musical da Broadway. Depois de um estrondoso sucesso no palco, a peça encontrou a mesma receptividade no cinema. E ficou mundialmente conhecida, em diversas versões. O desafio de Peterson era transpor, para um trio, uma partitura manjada, renovando-a. Tarefa para um gênio, que ele soube cumprir à altura. Neste, como em outro dos oportunísimos relançamentos, com sua formação mais brilhante (Ray Brown, mestre do baixo, e Ed Thigpen na bateria), Peterson optou por uma abordagem estritamente jazzística, como ele a entende: "Tudo dentro do jazz deve conter espaço adequado para improvisação, ou o que chamamos de impacto criativo". E que impacto! Peterson peita o mesmo desafio em *Night Train*, onde recria antigos clássicos, como a faixa-título, "Georgia on My Mind" e "Bag's Groove". Em *Tristeza* (Sam Jones no baixo e Bob Durham na bateria), um som mais moderno, com a inclusão brasileira da faixa-título e de "Triste", de Jobim.

José Eduardo Mendonça

FIRST CIRCLE — Pat Metheny Group (Polygram)

Num disco perfeitamente previsível, uma surpresa logo de cara, no lado A: "Forward March", uma desconexa e dissonante marcha aberta com rufos militares de tambores. A impressão é a de uma banda de músicos circunspectos alcoolizados, mergulhados num clima que beira o surrealismo. Já o resto é o resto. "Yolanda", a segunda faixa, com uma batida rock meio sem-vergonha, nos introduz de volta à realidade — o repetitivo universo de Metheny. "First Circle" é o melhor do disco. Se a gente não lesse, na contracapa, que ele foi gravado no moderno estúdio Power Station, de NY, poderia pensar que o grupo passeava pelas Gerais, penetrado pelo mais que forte espírito de Milton Nascimento. Fechando-se os olhos, dá até para imaginar que o piano, de Lyle Mays, é na verdade de Wagner Tiso. Milton aparece de novo em "Tell it All". E o disco é encerrado com "Praise", uma espécie de hino à alegria no gênero festival dos festivais. O que soa patético para quem sabe voar mais alto. *J.E.M.*

NÃO SÃO PAULO — Vários (Baratos Afins)

Em 79, alguns grupos *underground* nova-iorquinos (Young Jesus & Teenage Jerks, James Chance & Contortions e outros) deram seu grito-manifesto através do LP *No New York*, que, se não abalou as estruturas, interferiu na estética musical vigente. Quase sete anos depois, é a vez do *underground* paulistano dar seu brado através deste LP, justamente intitulado *Não São Paulo*.

São quatro grupos: Akira S & as Garotas que Erraram, Muzak, Ness e Chance. A semelhança entre os dois movimentos acaba no título, pois o que existia de dadaísta na turma americana chega quase ao "normal" na galera paulistana. Comparados aos atuais grupelhos de "rock" nacionais, são a pura transvanguarda. *Não São Paulo* serve, no mínimo, como antídoto para execráveis paus-de-sebo que chegam a chamar o rock de "indústria".

Destaques: o ótimo baixo de "Swing Basses" e a trompa de Holger Czukay (do progressivo alemão Can) em "Sobre as Pernas", ambas do Akira S; o interessante tecno-sambossa do Chance, "Samba do Morro"; o som cada vez mais apurado do Muzak (que vem aí num LP só deles) e o Ness, que cumpriu o que prometia através de prévias demo-tapes.

Parabéns à Baratos Afins, que assim documenta uma fase importante do novo rock brasileiro. Enquanto existirem grupos como estes, haverá esperanças para o rock nacional, e as bocas de certos cães ficarão impedidas de latir enquanto a caravana passar. *Tom Leão*

SLAVE TO THE RHYTHM — Grace Jones (EMI-Odeon)

Com dois LPs absurdamente impecáveis (*Warm Leatherette* e *Nightclubbing*, ambos lançados aqui) em seu currículo de modelo, atriz e cantora, Miss Jones parte agora para um festim autocongratulatório que deixaria Nero e Napoleão um tanto corados.

O que acontece é o seguinte: temos oito versões da mesma canção — a "faixas"-título que toca nas FMs —, intercaladas a trechos de entrevistas com Grace e seus admiradores e colaboradores, todas sobre o tema "Maravilhas e Glórias e Esplendores de Grace Jones". Seria o artefato mais irritante da Era de Aquarius, não fossem as oito versões vítimas da perícia do produtor Trevor Horn, o mesmo de Frankie. *J.A.L.*

THE RHYTMATIST — Stewart Copeland (CBS)

É o terceiro disco solo do baterista do Police (há um sob o codinome *Klark Kent* e a trilha do filme *Rumble Fish*, inéditos aqui). Irritado com a banda que inventou, que virou veículo para o carisma de Sting, Copeland acabou na África, atrás das tais raízes, e gravou um vídeo sobre o contato com os nativos (com direção do belga V.P. Dutilleux, de *Raoni*).

Este disco, a trilha sonora, tem dois lados bem distintos. No primeiro, em parcerias com o cantor zairense Ray Lema, ele encontra o misto de ingenuidade e grandiosidade do *juju* (fusão do pop/rock com ritmos afro). Do outro, emergem mais suas origens progressivo-zappeanas, e a magia se desfaz. Semi-bom. *A.A.*

THE CAT — Jimmy Smith (Polygram)

Num mundo povoado por um excesso de teclados de toda sorte (e de pouca competência), boa iniciativa de resgatar este LP, lançado originalmente em 64. Numa saraivada de hits, Smith tira de seu Hammond delírios e sonoridades como as que algumas bandas tentam recuperar (caso, por exemplo, de Lloyd Cole and the Commotions). Os momentos mais arrepiantes ficam por conta do tema do filme *Joy House*, da agitada "The Cat" (um ataque vigoroso do teclado e uma maestria única na divisão) e de "Basin Street Blues", um bluesaço que anda por aí em outro relançamento, com os All Stars de Louis Armstrong. De quebra, Smith é cercado de feras como Lalo Schifrin (arranjos e regência), Thad Jones (trumpete), Jimmy Cleveland (trombone) e Grady Tate (bateria). *J.E.M.*

DIGITAL WORKS — Ahmad Jamal (WEA)

Pegue a belíssima "Misty", de Errol Garner, misture com um pouco de água e açúcar, recheie com um acompanhamento apenas eficiente e frases rebuscadíssimas do piano e veja como transformar uma das mais belas melodias do jazz numa versão que não ultrapassa as fronteiras de um piano-bar. Ahmad Jamal é mais ou menos assim, nesta dupla overdose que certamente vai rolar muito como pano de fundo para uisquezinhos de fim de tarde. A contracapa argumenta que agora o caro ouvinte vai poder conhecer, graças a modernas técnicas de gravação digital, músicas como a classiquíssima "Poinciana", uma das marcas de Jamal, sem barulho das platéias e do boteco. "Poinciana" é o melhor do LP, e talhada para este tipo de piano. Mas eu ainda acho que a moçada vai beber em cima. *J.E.M.*

KNEE DEEP IN THE HOOPLA — Starship (RCA)

O Jefferson Starship (ex-Jefferson Airplane) agora é só Starship. Dos produtivos e revolucionários anos do *flower power* ficaram as roupas coloridas bem moderninhas, sapatos trocados nos pés e outras amenidades. A bela voz da musa Grace Slick, porém, continua lá, ainda que cercada de funks eletrônicos endereçados diretamente aos DJs e FMs do estilo americano "parada rococó". Nesta vigésima produção, quase nada restou da formação original. O disco é bonito mas ordinário, apesar da eficiência dos músicos. "We Built the City" e "Rock Myself to Sleep" podem embalar, e a lenta "Love Rusts" agrada mais pelas recordações de São Francisco. É muito pouco. *L.R.*

SACRED HEART — Dio (Polygram)

É o terceiro LP de Dio e seu grupo, que ele mesmo classifica como o mais harmonioso do heavy atual, e que vem recebendo o rótulo de heavy medieval pelos temas usados.

Outros (como eu) percebem em seu som a mistura dos estilos americanos e inglês do gênero, tentando mostrar novos caminhos a uma certa rivalidade.

Dio é muito versátil em suas interpretações, que não perdem o pique. Porém muitos temas são bandos e a mania "demoniozinhos" soa de maneira falsa. Mesmo assim gostaria de destacar a energética faixa ao vivo "King of Rock'n'Roll", mais "Hungry for Heaven" e a faixa-título. *L.R.*

DON'T STAND ME DOWN — Dexy's Midnight Runners (Polygram)

Na verdade, os Dexy's Midnight Runners são mesmo o compositor, privilegiado letrista e exaltado cantor Kevin Rowland. Além de alterar constantemente a formação da banda, Kevin nutre o saudável hábito de só entrar no estúdio quando *realmente* tem algo a dizer. Daí o fato deste LP ser apenas o terceiro em uma carreira que já dura uns cinco, seis anos. Daí o fato de ele ser pelo menos tão sublime quanto os dois anteriores — *Searching for the Young Soul Rebels* e *Too-Rye-Aye* (ambos lançados aqui — cace que nos sebos dá para achar). Soul celta (vide Van Morrison) de rasgar o coração e lavar as almas. *José Augusto Lemos*

ROCK SHIRTS
Camisetas e bonés exclusivos com estampas dos grupos e ídolos do rock.
GRÁTIS
Preço Cr$ 90.000
na compra de 5 camisetas você ganha uma à sua escolha. Cores: verm. • am. verde • azul • preta • branca
Reembolso Postal
Camuflado - Cr$ 69.000
Vermelho ou preto Cr$ 59.000
GRÁTIS
na compra de 5 bonés, um à sua escolha.
Escolha o aplique do grupo que você quiser acima. Pedido mínimo: 2 bonés. Mandamos também os apliques separados para você aplicar em sua roupa por Cr$ 19.000
Pedido mínimo: 3.
Ref. 10 Ref. 11 Ref. 12
Ref. 13 Ref. 14 Ref. 15
Ref. 16 Ref. 17 Ref. 18
Ref. 19 Ref. 20 Ref. 21
Preencha corretamente: referência, cor da camiseta, tamanho (P, M ou G)
REF. | COR | TAM. | REF. | TAM.
Nome
End.
Cidade Est. CEP
Mande seu pedido para a Av. Carinás, 788
CEP 04086 - SP - Capital
Preços válidos até 28/02/86
DESCONTO 10% - Enviando cheque à Rock Shirts ou ordem de pagamento para o Banco Itaú - SP - Moema - 0745 - c/corrente 19249-4
Preencha os valores já descontados os 10%

STRAUSS (DER ROSENKAVALIER) — Herbert von Karajan (Polygram)

Em 1957, Herbert von Karajan gravou, com Elisabeth Schwarzkopf no papel principal, a que até hoje é uma versão de referência do *Cavaleiro da Rosa*. Mais de 25 anos depois, ele revisa essa obra-prima, dando dela mais uma brilhante interpretação. A música recebe um tratamento resplandecente, revelando os mínimos detalhes da opulenta orquestra. Este disco contém os principais trechos da ópera. *L.M.C.*

TREM CAIPIRA — Egberto Gismonti (EMI-Odeon)

É Villa-Lobos. Mas é também, e principalmente, um depoimento muito pessoal de um de nossos mais brilhantes músicos populares sobre a música de nosso maior compositor erudito. Egberto Gismonti consegue a proeza de permanecer extremamente fiel ao espírito de Villa-Lobos, ao mesmo tempo que traduz algumas de suas mais conhecidas composições, com sensibilidade e com seu inconfundível estilo.

Um trabalho de qualidade excepcional. *L.M.C.*

PHANTOM, ROCKER & SLICK (EMI-Odeon)

(Slim Jim) Phantom e (Lee) Rocker, livres de Brian Setzer (com quem rememoraram o *rockabilly* dos anos 50, sob a alcunha de Stray Cats), passaram para a lição seguinte — e para a década seguinte — no curso de História do Rock. A matéria deles agora é o Rock'n'Blues dos anos 60, ao lado do guitarrista Earl Slick (conhecido pela turnê *Serious Moonlight* de Bowie). Os convidados são mais que adequados, ambos emprestados pelo museu-de-cera dos Rolling Stones: Keith Richards, o próprio, em uma faixa; e Nick Hopkins, que providencia teclados para duas baladas. Muita animação e *déjà-vu*. *A.A.*

HOW TO BE A ZILLIONAIRE — ABC (Polygram)

Há uns três anos, o mundo foi tomado de surpresa por *The Lexicon of Love*, espécie de *Fragmentos do Discurso Amoroso* do romantismo pop. Era a estréia do ABC, encabeçado pelo cantor/letrista Martin Fry, em uma descarada obra-prima que devia quase 90% de sua concepção e execução a Bowie e Bryan Ferry.

Veio depois *Beauty Stab* (unanimemente massacrado pela crítica), e agora este. Fry continua um letrista manhoso, mas tal tecnofunk requentado não dá pé. *J.A.L.*

LIVE AFTER DEATH — Iron Maiden (EMI-Odeon)

Certamente o mais esperado LP da série Heavy Metal Attack 2, principalmente por aqueles que não mataram a sua fissura naquele Rock in Rio, de janeiro de 84, com a presença da besta-fera.

O material do disco é baseado na *World Slavery Tour* apresentada em vinte e três países, entre 84 e 85. No entanto, neste álbum duplo só há gravações de Los Angeles e Londres.

O grande espetáculo metálico contemporâneo deve comportar som fortíssimo de primeiríssima qualidade; cenários e visuais deslumbrantes; letras conceituais; vocalista competente; guitarras com solos variados, rápidos e rasgantes, e ritmo pulsante de baixo e bateria. O Iron é tudo isso e sempre procura jogar tudo na cara da platéia com bastante competência.

Seu estágio atual de som pode ser conferido na faixa "Rhyme of the Ancient Mariner". Ali tem de tudo, do hard ao power metal. A produção é outra vez de Martin Birch e a capa de Derek Riggs é uma obra-prima. *Leopoldo Rey*

WAITING FOR THE FLOODS — The Armoury Show (EMI-Odeon)

Desde o início de 83, quando foi formado, até meados deste ano, Armoury Show era praticamente uma incógnita. Era a banda *all-star* de Richard Jobson e Russell Webb (voz e baixo, ex-Skids), do magnífico guitarrista John McGeoch (ex-Magazine e Siouxsie & the Banshees) e de John Doyle (bateria, ex-Magazine), que fez umas poucas apresentações, e só. Aí está, finalmente, o LP de estréia.

E não é menos do que se esperava — um som forte, rico de texturas e essencialmente honesto. Com alma e bons pernas. O modo apaixonado com que trabalham reflete-se nos arranjos impetuosos das canções, cheias de partes e variantes, e nas letras "encorajadoras", na definição do próprio Jobson. Eles contam com a ajuda de, entre outros, Paul Fishman (teclados) e Billy Currie (violino), do Ultravox, para alguns dos melhores momentos do disco ("Castles in Spain", "Higher than the World").

Só há um problema: o atraso no lançamento deste LP (na "matriz", inclusive) os coloca como seguidores — e não como os precursores que realmente foram — do renascimento do rock visceral. Portanto, não diga perto deles que "imitam o Big Country", ou Jobson pode amassar seu nariz. *A.A.*

ISAIAH 53:5 — Stryper (RGE)

Do lado do demo está cheio de grupos metálicos por aí. Agora, do outro, não há nada como o quarteto Stryper (o Açoitador), que na contracapa desse LP faz um agradecimento a Jesus, O Chefão. Segundo Isaías 53:5: "Por seus açoites somos curados". O som, porém, é o mesmo do lado do diabo: pesado, cheio de técnicas metálicas, como solos rápidos de guitarra, cantor de voz poderosa, marcações célebres, backing-vocals bem-cuidados e tal. Nada de revolucionário e sim muito oportunismo. Mas deve estar dando certo, porque o lançamento do segundo LP já está programado. *L.R.*

RÁPIDO & RASTEIRO* RÁPIDO & RASTEIRO* RÁPID

As nevascas do Natal norte-americano podem não ter aterrisado em solo brasileiro, mas os efeitos da passagem de Papai Noel pela indústria fonográfica dos Estados Unidos chegaram até nós como se fossem reverberações de abalos sísmicos. O bom velhinho despejou por aqui, também, os discos natalinos da dupla anual **Dolly Parton** e **Kenny Rogers, ONCE UPON A CHRISTMAS** (RCA), e de **Ray Charles, THE SPIRIT OF CHRISTMAS** (WEA) ⊗ Mas para quem sequer sonhou com o inverno setentrional e invadiu 1986 torrando-se ao sol, embalado por ritmos tropicais, nada melhor que o LP de estréia no Brasil do cantor/compositor-multi-instrumentista argentino **Litto Nebia, O SEGREDO DA VIDA** (RCA), uma salutar mescla de MPB e música popular argentina que inclui um cast invejável de feras brasileiras, como Hélio Delmiro e Maurício Einhorn ⊗ E logo quando todo mundo achava seguro passear pela Pompéia... lá vêm de novo os infatigáveis irmãos Vechionne com mais uma encarnação do **Made in Brazil**, no disco **DEUS SALVA, O ROCK ALIVIA** (RGE); em poucas palavras, é tamanco sem couro, pau puro ⊗ Duas cantoras, duas paixões: **Barbra Streisand** colecionou LP **THE BROADWAY ALBUM** (CBS) alguns hits dos musicais que marcaram época nos teatros localizados na mesma avenida que leva o nome do disco, em Nova York. Por sua vez, a italiana **Loredana Berté** criou junto com o nosso Djavan as músicas do álbum **CARIOCA** (CBS), mais uma etapa do duradouro romance que ela vem mantendo com a música do Brasil. Entre os convidados do disco, Lincoln Olivetti ⊗ E o **Roupa Nova** resolveu comemorar seus dez anos de carreira com um novo álbum (RCA), diferente dos demais pela produção, que o grupo assina pela primeira vez. Quanto ao conteúdo... faixas eficientes. Mas *apenas* eficientes ⊗ **Francis Hime** resolveu dar uma chacoalhada na fórmula habitual do disco anual: em **CLAREANDO** (Som Livre), ele incluiu somente duas faixas inéditas — "Clara" e "Por Tudo Que Te Amo" — num álbum retrospectivo de carreira repleto de regravações e remixes. *J.E.R.*

LONDON FOG® FOOTWEAR
AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 1541
CAL CENTER LOJA 102 TEL.: 813-0642
FILIAIS
MORUMBI SHOPP. LJ. 2A - PISO LAZER
TEL.: 61-4550
RUA PADRE JOÃO MANOEL, 712 - JARDINS
TEL.: 881-8858
IBIRAPUERA AVENIDA MOACI, 137
TEL.: 531-0474

DRAMA

DE VOLTA PARA O INFERNO (Uncommon Valor, 1982)

Direção: Ted Kotcheff. Com Gene Hackman, Fred Ward. CIC.

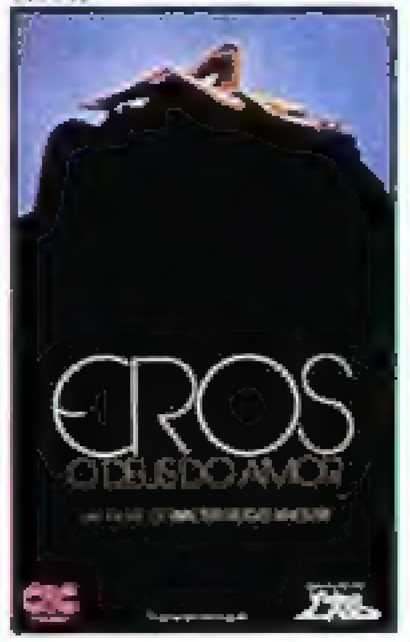
Mais um no filão do Vietnã, uma derrota que os americanos passarão ainda muitos anos para engolir. O coronel Rhodes é um cara obstinado que monta pequeno exército privado para resgatar seu filho, prisioneiro dos vietnamitas. Para quem gosta deste gênero de ação, não faltam balas e fuzilaria pra todo lado. E quem está do lado errado do fuzil a gente já sabe.

ROMEU E JULIETA (Romeo and Juliet, 1968)

Direção: Franco Zefirelli. Com Olivia Hussey, Leonard Whiting. CIC.

Quando sentar em frente à TV, não esqueça a caixa de lencinhos. Esta adaptação melosa da obra de Shakespeare põe em prantos os mais duros dos machões. Uma bela reconstituição de época serve de pano de fundo para a tragédia que envolve os dois belos jovens das famílias Capuleto e Montechio. Olivia é uma Julieta para ninguém botar defeito e, mesmo inexperiente, convence. Pena que tenha desaparecido das telas de lá para cá.

EROS, O DEUS DO AMOR (1981)



Direção: Walter Hugo Khouri. Com Lilian Lemmertz, Dina Sfat, Renée de Vielmond. CIC.

Marcelo Rondi é um empresário bem-sucedido, na meia-idade. Na verdade, ele é apenas uma voz em *off*, que narra sua vida. Desde a tenra infância cercada pelo mais notável mulherio pátrio (além daquelas lá em cima, ainda tem Christiane Torloni, Denise Dumont e outras. E que outras!). Com a sua grana e suas mulheres, Marcelo é um cara insatisfeito. Boa fotografia. Tema para o Bergman cá dos trópicos.

ALÉM DA PAIXÃO (1985)

Direção: Bruno Barreto. Com Regina Duarte, Flávio Galvão, Patrício Bisso. Globo Vídeo.

Regina, hoje célebre nacionalmente como a fogosa viúva Porcina, é aqui uma arquiteta de classe média alta. Certo dia, tem um sonho com forte conteúdo homossexual. No dia seguinte, atropela um travesti. Ela o socorre e é roubada por ele. E tentando resgatar o objeto do furto — uma caixinha de ouro —, que ela acaba se amarrando no rapaz (?), entrando num período de alta turbulência existencial, acidentes e violência. A trilha é de César Camargo Mariano. Não é fantástico, mas Bruno é eficiente.

COMÉDIA

TROCANDO AS BOLAS (Trading Places, 1983)

Direção: John Landis. Com Dan Aykroyd, Eddie Murphy. CIC.

Junte Aykroyd (um dos *Irmãos Cara-de-Pau*, do mesmo Landis), Murphy (*Um Tira da Pesada*) e um bom roteiro, e o que você tem? Uma comédia hilária. Um é um rico empresário. O outro, o maior trambiqueiro. Por causa de uma aposta, trocam suas posições sociais. Tem, de quebra, a gata Jamie Lee Curtis (*Perfeição*). É de Landis, também, o bom *Um Lobisomem Americano em Londres*.

POLICIAL

UM CORPO QUE CAI (Vertigo, 1958)

Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart, Kim Novak. CIC.

Filmaço imperdível do maior mestre do suspense. Um detetive aposentado por sua fobia pela altura tropeça com uma bela mulher com tendências suicidas. Ele se apaixona e ela se mata sem que possa ajudá-la, por conta da fobia. Tempos depois, ele encontra outra mulher, exatamente igual à morta. E esta é o centro de um argumento para roer as unhas. E se você achar mais fitas de Hitch, veja todas.

MUSICAL

DANCE ON FIRE (1985) *Com The Doors. CIC.*

Foto UPI

Eletrizante. Mestre Jim Morrison incendeia a tela durante todos os 65 minutos da fita, com músicas como a antológica "The End" (gravada ao vivo no Hollywood Bowl, em 68), "Light my Fire" (tirada do programa de TV de Ed Sullivan) ou "The Unknown Soldier". Esta última, contra a estúpida aventura americana no Vietnã, estava proibida nos vídeos americanos desde 1968. Coisa rara, a CIC lança este vídeo pouco depois de ele aparecer lá fora, sabendo, espertamente, que os Doors têm um enorme público cativo. Ainda nesta preciosa coletânea, uma curiosa versão do popular "Adágio", de Tomaso Albinoni. Corra até seu videoclube e não perca mesmo esta obra-prima.

DOCUMENTÁRIO

ISTO É PELÉ (1984)

Direção: Eduardo Escorel e Luiz Carlos Barreto. Globo Vídeo.

Você pode até não gostar de futebol, mas trata-se, aqui, de uma atividade elevada à categoria de arte. Mr. Nascimento não pisa no tomate, é ripa na chulipa e pimba na gorduchinha. O documentário abre com o jogo-despedida de Pelé da Seleção Canarinho e depois desfia dezoito anos de carreira do maior jogador de todos os tempos.

AVENTURA

VIAJANTES DO TEMPO (Voyager from the Unknown, 1983)

Direção: Winrich Kolbe, James Parriot. Com Jon Hexum, Meeno Peluce. CIC.

Um viajante do tempo chega na vida de um garoto de 11 anos e o leva a passeios por diferentes eras. Encontram os irmãos Wright, Louis Pasteur, Lindbergh e Robin Hood, entre outros. Abobral xaropada, para ver com reservas, se você não tiver o que fazer num dia de chuva.

JUSTICEIRO IMPLACÁVEL (Rooster Cogburn, 1975)

Direção: Stuart Millar. Com John Wayne, Katherine Hepburn. CIC.

Wayne é uma espécie de esquadrão da morte, destituído de sua estrela de xerife por abusar dos direitos humanos. Até que chegam bandidos perigosos e o juiz devolve a estrela. Implacável, barrigudo, gordo e bêbado, Wayne, ídolo da direita americana, manda bala, tendo ao lado a bela Hepburn.

Todos os filmes são lançamentos. Levantamento feito a partir das distribuidoras CIC Vídeo e Globo Vídeo.

Fotos Estúdio Abril

RECEBA JÁ EM SUA CASA:
Camisetas com estampas Hot Adesivas. Importadas, super coloridas.

NOVIDADE: Pode ser aplicada na frente ou nas costas da camiseta é só você escolher.

CAMISETAS
Nas cores: Vermelha - Verde - Amarela - Branca e Preta.

GARANTIMOS TOTALMENTE A ENTREGA DOS PRODUTOS

CAMISETAS E ADESIVOS
Despachamos em 48 horas para todo o Brasil os pedidos acompanhados de cheque nominal.
O FRETE É GRÁTIS (NA COMPRA DE 5 OU MAIS CAMISETAS)

Promoção Especial: Na compra de 3 camisetas você ganha 1 estampa com adesivos atrás à sua escolha.
PEÇA HOJE MESMO!!!

Nunca passe a ferro diretamente sobre a estampa (use o lado avesso)

Camisetas 100% algodão, nas cores da moda com corte e caimento perfeitos.

PREÇOS: PEDIDOS C/ CHEQUE
Camisetas
BRANCAS: Cr$ 80.000
COLORIDAS: Cr$ 84.000
Super adesivos das estampas: Cr$ 40.000
Medidas: 25 x 25 cms, em média

SUPER ADESÍVOS
(no mesmo tamanho das estampas)
Enviamos separadamente para serem aplicados em: Livros, cadernos, móveis, janelas ou onde você quiser.

Escolha a estampa, (ref.) na frente ou nas costas da camiseta, com cor, tam. e quantidade. Mande seu pedido em folha separada, bem legível com nome e endereço completos.

Por Reembolso Postal:
20% a mais no total do pedido.
Preços válidos até a próxima edição.

Envie: Pedido e cheque nominal à Hot Hits, para: Av. Santo Amaro nº 4438 - s/12 - CEP 04556 SP - Capital (Novo endereço)

REF.	COR	TAM	frente	costas

OS DONOS DE 85

Ninguém foi mais visível e mais popular no ano passado do que o Chefão Springsteen e a Garota Material. Juntos, eles espalharam mais de 20 milhões de discos pelo planeta. Qual o segredo dessa química que mistura músculos de He-Man, lingerie, patriotismo, sensualidade e alegria? *José Emílio Rondeau* tenta encontrar a resposta

MADONNA

BRUCE

Quando um arqueólogo do terceiro milênio iniciar as escavações dos escombros que ocultam da Eternidade as relíquias de 1985, certamente vai dar de cara com uma pilha de sutiãs meia-taça enroscados em calças Levi's de cinco bolsos. No gigantesco latão da história daquele período, achará bandeiras americanas, diamantes, lingeries e máquinas de musculação. E, após cada pedaço de papel pintado em que pousar os olhos, soprada a poeira dos tempos, o arqueólogo aumentará sua certeza de que 1985 foi o parque de diversões exclusivo de duas pessoas no mundo inteiro: Bruce Springsteen e Madonna.

O arqueólogo não estará muito distante da realidade: afinal, nenhum outro astro internacional do rock foi tão visível ao ponto da inevitabilidade quanto o Chefão Bruce e a Garota Material Madonna. Ambos lideraram em popularidade o ano de maior lucro da indústria fonográfica norte-americana em muito tempo. E isso os torna tão heróis quanto ídolos de massa — através de vendas de discos (somadas, as cópias que Bruce e Madonna espalhadas pelo planeta atingiram a marca dos 20 milhões de unidades) e de evangelhos sócio/políticos específicos (mais sobre isso adiante). Madonna e Bruce tornaram-se o principal retrato de 1985 e seus grandes salvadores.

Cada um a seu modo. Num ano em que os eleitores de Reagan confundiram patriotismo com o jingoísmo de Rambo, Bruce inflou os músculos, apontou seu espírito de caridade para os quatro cantos da América (distribuindo parte da renda de seus shows a instituições beneficentes), driblou as propostas de políticos que queriam cooptá-lo para suas lides e devolveu aos Estados Unidos uma *polaroid* acurada do país: um povo massacrado pelo desemprego e surrado no exterior como um cão vadio. No processo, Bruce provou ser o derradeiro estandarte da sinceridade no rock: é um artista que, aos 34 anos, não sucumbiu ao cinismo e à formulação de sucessos fáceis. Cada palavra de Bruce fala única e exclusivamente ao povo. De igual para igual. E esse diálogo resultou numa cristalização da carreira de Bruce muito bem definida pela revista *Rolling Stone* na sua edição de fim de ano: "Bruce deixou de ser um mero fenômeno do rock para se tornar, pura e simplesmente, um fato da vida".

Madonna já é um caso bastante diferente. Se em nenhum momento Bruce escapou de ser uma unanimidade em gênero, número e grau, Madonna representou um papel polêmico. Numa era em que o feminismo trava uma árdua e contínua batalha por direitos iguais, lá vem Madonna rebolando sob a lingerie mais reveladora, oferecendo-se ao primeiro garoto que prometer carregá-la nos ombros em direção ao centro do Mundo Material. Ouvi zilhões de mulheres excomungando Madonna e a fivela de cinto que ela andou usando, onde se lia "Brinquedo de Menino". "Ela é tudo aquilo contra o que viemos lutando até agora", espumou uma, "a mulher gostosa mas burra e subserviente." Uma nova Marilyn Monroe que estonteia com sua beleza sem necessariamente impressionar pelo intelecto? Talvez, mas nem tanto assim, já que o público-alvo de Madonna — a garotada — reagiu a cada requebro de seu umbigo como um cão de Pavlov. Para cada feminista inflamada havia, pelo menos, uma dezena de crianças — meninos e meninas entre 10 e 17 anos — reclamando da reação lúbrica dos adultos em relação a Madonna. Para as crianças, Madonna é, simplesmente, sinônimo de alegria e diversão. "Esse negócio de ficar chamando a Madonna de piranha", reclamou comigo o filho de uma divulgadora, "é coisa de adulto tarado." Tamanha polêmica — nada atrapalhada por fotos *ao natural* publicadas nas revistas *Playboy* e *Penthouse*, mais um casamento

Foto Sipa Press

Foto Lynn Goldsmith Stills

Foto Gamma

Foto Sipa Press

Foto Gamma

Foto Lynn Goldsmith Stills

Foto Rex Features

A ex-dançarina suburbana virou estrela de cinema quando o filme *Procura-se Susan Desesperadamente* chegou às telas no mundo inteiro

Do garoto franzino de 1979 ao verdadeiro He-Man de 1985, Bruce passou por transformações notáveis através dos tempos

A ascensão de Springsteen no ano passado representou a vitória da sinceridade do rock sobre o cinismo e a formulação de sucessos fáceis

Ambição sem limites, mais uma trinca de *madonettes*: partes da fórmula de sucesso de Madonna

com um dos novos atores mais temperamentais do cinema americano. Sean Penn — acabou revertendo em favor de Madonna, que lotou quadras em todos os Estados Unidos com suas primeiras apresentações ao vivo

Mas talvez nada disso — a conquista do pódio rock, edição 85, por Bruce e Madonna — teria ocorrido caso não tivesse sido acionado um exército numeroso, exigente e ávido: as meninas adolescentes

Que me desculpem os garotões que vinham tentando espelhar sua virilidade rock nos músculos de He-Man, recém-cultivados pelo Chefão. Não fossem as meninas, provavelmente até agora ele seria "apenas" um superastro e não um dos felizes proprietários de 1985 Foi após a exibição na MTV do clip de "Dancing in the Dark" — dirigido por Brian De Palma — que Bruce decolou em direção aos estádios de mais de 60 mil lugares. No clip, Bruce pescava na platéia uma garota dos seus 14 anos e dançava com ela como se fossem um casal de namorados na festa da escola. As adolescentes, que desde os anos 50 são vorazes consumidoras de ídolos jovens e de televisão, associaram o clip de Bruce — bonito, saudável, musculoso e dançando com uma garota da idade delas — aos meninos lindos do Wham! e do Duran Duran que vinham alimentando suas fantasias. A reação em cadeia foi estonteante

Foto Lynn Goldsmith

Graças ao público feminino que conquistou recentemente, Bruce trocou os pequenos teatros por gigantescos estádios, onde ele é mais bem visto num telão de TV

Foto Sipa Press

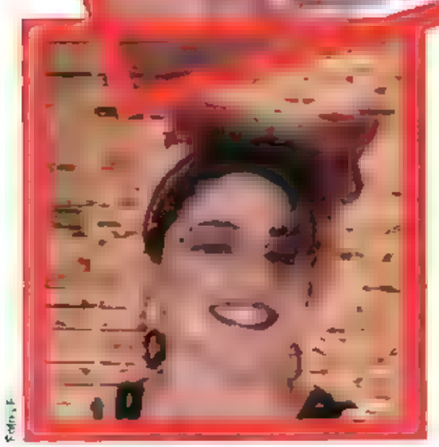


Foto Rex Keystone

Para as meninas, Madonna era, a seu modo, uma fantasia de libertação, alegria e despojamento

Essas mesmas meninas entronizaram Madonna, mas por razões bem diferentes Para elas, Madonna também era uma fantasia, mas uma fantasia de libertação: a mulher feita que sai pelas ruas de ligas e sutiã com os cabelos revoltos enfeitados com a gaze mais barata que o dinheiro pode comprar; a mulher feita que não tem vergonha de ser mimada, a mulher cujo famosíssimo umbigo adorna uma barriga aquém de perfeita, meio evidente demais para um padrão vigente de músculos domados em academias

Estranha essa química que põe em pé de igualdade um Herói do Povo e um Brinquedo para Meninos. A única provável semelhança seriam as adolescentes que Bruce e Madonna arrebataram simultaneamente. E a capacidade que ambos demonstraram para transformar rock and roll em milhões de dólares

Talvez o reparte do cobiçado mercado que Bruce e Madonna dominaram em 85 ficasse mais disputado caso Prince não tivesse abortado sua turnê do ano passado e caso Michael Jackson não tivesse tomado um litro inteiro de chá de sumiço (veja box na pág. 25) Mas, a essa altura, não há nada que mude o curso dessa história. E 1985 passou a ser um troféu que um sonhador suburbano e uma dançarina ambiciosa levaram para casa, penduraram na parede e passaram a acariciar por todo o sempre

E EM 1986?

TENHA VOCÊ TAMBÉM UM **DOCK SIDE** AMERICANO!

EM COURO LEGÍTIMO É O "SAPATO TÊNIS" MAIS VENDIDO NO MUNDO.
NAS CORES VERM. BRAN. AZ. AMAR. BEGE E PRETO DE 33 A 43

GRÁTIS UM SUPER ADESIVO DE ROCK À SUA ESCOLHA NA COMPRA DE CADA PAR ESCOLHA O ADESIVO NA PÁG 19 DESTA REVISTA

PREÇO ESPECIAL 330 000
REF A 100

ATENÇÃO
GARANTIMOS TOTALMENTE A ENTREGA DESPACHAMOS O PRODUTO APÓS 48 HORAS DO RECEBIMENTO DO PEDIDO
SOMENTE DESPACHAREMOS PEDIDOS ACOMPANHADOS POR CHEQUE NOMINAL A HOT HITS

APROVEITE: NOSSO ESTOQUE É LIMITADO

TAM	COR	REF

MANDE SEU PEDIDO ACOMPANHADO DE CHEQUE NOMINAL A HOT HITS
AV SANTO AMARO N 4438 SALA 1 CEP S P CAPITAL

BIZZ 07

THE CURE

Na cozinha com ROBERT SMITH

Pepe Escobar nem teve tempo direito de se instalar às margens do Tâmisa e já recebeu a missão de encostar na parede a cabeça e força motriz do Cure. Que saiu na frente, disparando as primeiras perguntas...

A cozinha da Fiction Records é branca. Imaculada. Ficamos íntimos. Trocamos impressões durante uma hora, enquanto esperava a chegada de Robert Smith. Ele mesmo, o dândi incurável. É normal. "Fat Bob" (Gordo Bob), como o chamam os amigos, também deu um chá de cadeira — branca — quando foi entrevistado para a capa da *Face* inglesa. Ele não anda de relógio. Nunca. Adora dormir até tarde. Mas dessa vez demorou porque estava trabalhando: tirando fotos promocionais em supermercado.

As histórias sobre pose de superstar são muito. Me pagou uma cerveja e foi extremamente adorável. É uma das pouquíssimas cabeças pensantes no universo do rock e pop. Uma pessoa refinada, civilizada. Alguns dias depois, o Cure deu um show impecável no Camden Palace, com neve lá fora, antes de partir para uma excursão européia. A história da banda vocês já conhecem — saiu na BIZZ de dezembro. Agora vamos conhecer Bob Smith.

Bob — *Gostaria muito de tocar no Brasil. Você acha que haveria muita gente interessada em nos ver?*
BIZZ — Sem dúvida! Nas principais cidades, o grande sonho de muitas bandas é fazer um som inspirado no Cure. De dois anos para cá virou um verdadeiro culto.
Bob — *My God!* .. (sorriso, olhinhos revirados)
BIZZ — Soube que você adora futebol, especialmente a Seleção do Brasil. Como é essa história?
Bob — *É o melhor time. Acompanho desde a Copa de 70, quando jogava aquele fantástico* Jazinho (nota: ele quis dizer Jairzinho). *Acompanho todas as Copas. Mas não torço pela Inglaterra.*
BIZZ — Por quê? Algum preconceito contra o time do seu país?
Bob — *Não. Contra o técnico. Nunca escolhem um bom técnico.*
BIZZ — Você não parece um esnobe. Como é o seu relacionamento com a imprensa musical inglesa, que vive te atacando, e à sua "pose"?
Bob — *Na verdade, eu nunca cheguei a ler jornais e revistas de música. Só lia quando era adolescente. Os bem idiotas, tipo* Smash Hits, *ou* Melody Maker, *para saber das fofocas. Nós tratamos a imprensa com reverência. O problema é que a maior parte das pessoas que escrevem na imprensa de música é estúpida. Não gosto delas.*
BIZZ — Músicos frustrados?
Bob — *Seres humanos frustrados! Acho que nos odeiam porque nunca estivemos na moda. E somos difíceis de categorizar. Não existe muita coisa a escrever sobre o Cure.*

Foto Paul Cox (LF)

BIZZ — Há um verso belíssimo em "The Blood"; "Estou paralisado pelo sangue de Cristo". Foi uma visão ou você o premeditou?
Bob — *Esse verso foi muito mal interpretado. É sobre uma bebida, acho que portuguesa,* The Tears of Christ.
BIZZ — Lacrima Christi.
Bob — *Isso mesmo. Me deram uma garrafa e eu bebi inteira, em quinze minutos .. De repente, comecei a ter visões! Achei que "as lágrimas de Cristo" seria muito sentimental para um verso.* Blood of Christ *é bem mais agressivo. Foi uma licença poética. Adoro o rótulo na garrafa, tem uma madona segurando um bebê e uma garrafa na outra mão. É o melhor uso da Santa que vi nos últimos tempos.*
BIZZ — Como é a sua relação com drogas? O LP *Blue Sunshine* foi baseado em uma série de viagens de ácido, não? Além do filme em si.
Bob — *Eu nunca vi o filme. Severin também não* (nota: Steve Severin, baixista de Siouxsie, com quem Robert gravou o LP). *O filme não saiu na Inglaterra. Nós sabíamos sobre o que era. É, esse disco teve muito a ver com drogas. Agora eu tento não tomar drogas.*
BIZZ — Parou com tudo?
Bob — *Quase tudo. Bem, mas se eu continuar a falar assim, nunca vão me deixar tocar no Brasil .. Tomar drogas, de qualquer jeito, pode chegar a ser estúpido. Álcool e droga, não? E eu bebo demais. Parei com cigarros, pelo menos. Era meu pior vício.*
BIZZ — Muita gente no Brasil associa suas imagens — e até mesmo o som — a viagens de ácido, especialmente em "The Top".
Bob — *Não necessariamente. Algumas dessas canções são ligadas a alucinógenos ou à psicodelia. Mas são poucas. Não rende muito escrever canções sobre drogas.*
BIZZ — Esse romantismo *dark* do Cure foi premeditado de alguma maneira? É uma brincadeira? Algumas pessoas o tomam muito a sério.
Bob — *Antes chegou a ser uma coisa séria. Em* Seventeen Seconds, Faith *e* Pornography *tínhamos uma visão particular do mundo.*
BIZZ — Uma cosmologia?
Bob — *Tínhamos uma idéia do que queríamos fazer, como deveria ser o som, como gostaríamos que as pessoas nos vissem. Depois de* Pornography, *achei que estava ficando pesado demais. Começamos a atrair muita gente com tendências suicidas, ou gente muito aprimida. Isso tudo só refletia um lado nosso. Depressivo. Não havia diversão. Aí começamos a investir em outro lado de nossa personalidade, em canções como "The Walk" ou "Love cats". Tudo muito mais "leve". Agora, no último álbum, acho que estamos bem balanceados.*
BIZZ — The Cure, agora, é a banda que você tinha na cabeça quando começou?
Bob — *Nunca pensei sobre isso. Quando começamos, o Cure que eu tinha na cabeça era o de* Three Imaginary Boys. *Tudo depende muito de como eu me sinto, porque eu fico na frente, tenho que explicar coisas para as pessoas.*
BIZZ — As principais decisões na banda são suas?
Bob — *São. Tínhamos uma espécie de arranjo democrático, antes. Mas dava muita confusão. Hoje, as pessoas confiam em mim para tomar as decisões certas. Claro, se elas deixam de confiar, podem ir tocar em outro lugar. De qualquer maneira, todos estão envolvidos. As discussões são todas em comitê. Eu tento, mas decisões não cometer muitos erros.*
BIZZ — Você geralmente faz os vídeos do Cure com o Tim Pope. Como vocês os roteirizam?
Bob — *No primeiro nós tínhamos um* story board. *Depois, como nos conhecemos tão bem, o grupo decide como quer aparecer, e todas as decisões técnicas ficam com Tim. Durante a gravação temos algumas idéias e improvisamos.*
BIZZ — Foi assim com aqueles pares de meias em "In Between Days"?
Bob — *Foi. Mas não gosto daquilo. Terrível.*
BIZZ — Com tanta excursão pelo mundo, você encontra tempo para si próprio, para relaxar?
Bob — *Os primeiros seis meses de 85 nós passamos gravando, um pouco aqui, um pouco ali. Não fizemos muita coisa. Fiquei em Londres esse tempo todo. Depois ficou mais difícil — tivemos que começar a sair, tocar. Eu adoro ficar trabalhando e compondo no estúdio. E também gosto de tocar no palco. O único problema é que para isso você tem de ficar viajando.. Depois de algum tempo, enche. Nos Estados Unidos, então, é insuportável.*
BIZZ — O que você acha que o Cure representa para um garoto americano lá no meio do *country* ultraconservador?
Bob — *O fantástico na América é que lá há gosto para tudo. Na* middle America, *acho que o Cure tem todas as chances de ser muito mais odiado do que em qualquer outro lugar. As pessoas que gostam de nós são basicamente do mesmo tipo, onde quer que a gente vá.*
BIZZ — Sem dúvida. A garotada brasileira não sabe exatamente o que você está falando nas letras, mas isso não importa.
Bob — *Sim, como na Alemanha, onde a banda é muito popular. No Japão eles traduzem as letras nos discos. Aí começamos a publicar os originais. Antes, não nos importávamos muito em imprimi-los.*
BIZZ — Como é sua relação com a indústria da música? Você é obrigado a suportá-la, muito a contragosto?
Bob — *Nós sempre trabalhamos com a mesma pessoa,* Chris Parry (nota: o diretor da Fiction Records). *Nós lhe dizemos o que queremos. E ele dá o recado para o resto. Depois de trabalharmos tanto tempo juntos — uns oito anos — e depois das pessoas também saberem de nossa relação com a Polydor, nos deixaram em paz. Já sabem que não fazemos o que não queremos. Decidimos desde o dia da assinatura do contrato que nunca pegaríamos dinheiro de gravadora. Portanto, não somos obrigados a fazer nada. Só na América eles têm problemas. Lá as pessoas querem que você faça sucesso, que seja uma estrela. Eu odeio esse sistema. É uma experiência horrível, similar à do Japão. Tentam fazer com que você se sinta "diferente". Na Europa não acontece. Não sou reconhecido na rua, e não espero que as pessoas me tratem de outro jeito. Somos um dos únicos grupos que conseguiu escapar das manipulações da indústria. Foi esperteza, mas foi também muita sorte.*
BIZZ — Fale das suas influências literárias.
Bob — *Muitas e variadas. Acabei de ler o escritor argentino* Jorge Luis Borges.
BIZZ — Que ótimo! O que você leu?
Bob — Labirintos. *Brilhante. "Toda novidade é esquecimento." Ele tem um pensamento brilhante. Tudo que é novo já foi esquecido. Quanto às influências, qualquer um que você mencionar eu provavelmente gosto. Meu passatempo favorito é ler. Eu prefiro ler a ouvir música.*
BIZZ — E quando você compõe, compõe primeiro a música ou as letras?
Bob — *Depende. As vezes é uma frase de cabeça. As vezes estou vendo televisão e de repente, Ah! Isso soa bem! Eu vou para o gravador e balbucio uma melodia .. Encontro música muito mais facilmente do que palavras. Para mim é mais natural compor boas melodias. É difícil, depois de você ler bons autores, como Dylan Thomas, Joyce, achar que escreveu algo suficientemente bom. De qualquer maneira, 90% do que escrevo não uso. É a razão pela qual não soltamos muitos discos.*
BIZZ — Você geralmente escreve depois de tomar umas e outras?
Bob — *Geralmente sim. Ou quando me sinto muito cansado e acordo no meio da noite. As vezes eu me esforço. Em* Pornography *eu fiquei uns quatro ou cinco dias só bebendo água, e de jejum. Aí me forcei a escrever. Mas nunca vou conseguir fazer isso de novo. Há uns cinco meses que não escrevo nada. Geralmente escrevo depois do Natal, porque fico irritadíssimo.*

"Eu tinha 16 anos. Fui ver os Stranglers. Achei ótimo. Pensei: Gostaria de estar na banda. Pensei mais e vi que dava para montar uma"

BIZZ — O que você gostaria de fazer fora das ligações perigosas com a indústria da música?
Bob — *A única coisa que estou fazendo no momento é um livro.*
BIZZ — Fragmentos, excertos?
Bob — *Não, pior. É mais ou menos uma série de contos. Eu não tenho ambições. Prefiro sempre imergir no que estou fazendo no momento. Não consigo me imaginar planejando alguma coisa. Eu costumo "cair" nas coisas. Produção, talvez pintura, qualquer coisa. Estrela da natação internacional.*
BIZZ — Como te afeta o status de celebridade? Se é que afeta.
Bob — *Não afeta. Só antes dos shows, quando fica aquele monte de gente em volta, pedindo autógrafo, fazendo perguntas. É um pouco estranho. No restante do tempo, me deixam em paz. Hoje fui ao Selfridge's* (nota: conhecida rede inglesa de lojas de departamento) *e ninguém falou nada. Isso tudo é um mito que a mídia gosta de perpetuar. Faço tudo o que faria normalmente: ir para casa, ver TV, sair até o pub da esquina. A única vantagem, acho, é a de ganhar dinheiro fazendo uma coisa que dá prazer. Mas de repente você começa a pensar em si mesmo na terceira pessoa. Por isso, durante algum tempo, saí do Cure e fui tocar com os Banshees. Eu só conseguia olhar para mim e me ver como Robert Smith, do Cure, e não como eu mesmo.*
BIZZ — Quando você é confrontado com essa mitologia, fica com raiva?
Bob — *Sim, quando as pessoas esperam uma certa atitude minha. Por exemplo, há pouco, em Nova York nós passamos o dia inteiro na Tower Records, autografando discos. Foi muito chato. Mas havíamos prometido. De noite houve o concerto. Foi ótimo. Saímos e voltei para o hotel às seis da manhã, completamente bêbado. Às onze da manhã recebo um telefonema da recepção — alguém queria que eu descesse para uns autógrafos. Eu disse, "Não dá, estou muito cansado". Logo depois vem uma carta lá de baixo dizendo: "Você não passa de uma estrela metida. Nos vimos aqui só para falar com você, e você não se digna a nos receber". Como é possível explicar? Por isso não me promovo como alguém famoso.*
BIZZ — Para encerrar: o que você tinha na cabeça quando resolveu montar uma banda? Auto-expressão? Um jogo? Flerte com a fama?
Bob — *Originalmente, era uma coisa muito séria. Eu tinha 16 anos. Fui ver os Stranglers. Achei ótimo. Pensei: Gostaria de estar na banda. Pensei mais um pouco e vi que dava para montar uma banda própria. Eu queria ser visto como uma alternativa — fora do consumismo musical. Nós não somos assim tão diferentes, tão revolucionários, tão radicais. Mas, enquanto nossa diferença em relação ao que está aí estiver clara, estou feliz. Fazemos nosso trabalho a sério, mas também nos divertindo. Senão seríamos apenas amargos, como o Fall, por exemplo. Houve também uma outra razão para montar uma banda: eu nunca queria ter que acordar cedo de manhã.*

Foto Steve Rapport (LF)

OS MELHORES DE 85

Uma superprodução estrelada por bate-bocas, preferências pessoais, fãs, discípulos, e até "críticos de música"

Para poder publicar a votação mais democrática e representativa possível, BIZZ bolou o seguinte sistema de computação. Cada Bizzantino escolheu as 10 melhores faixas nacionais e as 10 melhores internacionais, a partir das quais contariam os pontos para *Melhor Lp* (10 pontos para a primeira, 9 para a segunda etc.). Nas outras categorias votamos para primeiro, segundo e terceiro lugares (3 pontos para o primeiro, 2 para o segundo e 1 para o terceiro). Os resultados deram nisso aí, ó:

MELHOR LP NACIONAL

1	LEGIÃO URBANA	125
2	MUDANÇA DE COMPORTAMENTO (Ira!)	81
3	REVOLUÇÕES POR MINUTO (RPM)	78
4	*Dia Dorim Noite Neon* (Gilberto Gil)	47
5	*Nós Vamos Invadir Sua Praia* (Ultraje a Rigor)	42
6	*Rita e Roberto* (Rita e Roberto)	39
7	*Não São Paulo* (Vários)	37
8	*O Adeus de Fellini* (Fellini)	35
9	*Aqui Habitam Leões* (Sossega Leão)	26
10	*Ao Vivo no Mosh* (Smack) *Educação Sentimental* (Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens)	20

MELHOR LP INTERNACIONAL

1	THE DREAM OF THE BLUE TURTLES (Sting)	74
2	BROTHERS IN ARMS (Dire Straits)	59
3	BOYS AND GIRLS (Bryan Ferry)	51
4	*Rattlesnakes* (Lloyd Cole & The Commotions)	33
5	*Diamond Life* (Sade)	29
6	*The Unforgettable Fire* (U2) *You're Under Arrest* (Miles Davis)	28
8	*The Head on the Door* (The Cure)	26
9	*Sun City* (Artists Against Apartheid)	25
10	*The Boy with the Thorn in his Side* (The Smiths) *Our Favourite Shop* (Style Council)	23

GRUPO

1	LEGIÃO URBANA	20
2	Ira! RPM	15
3	Paralamas do Sucesso	8
1	EURYTHMICS	11
2	The Smiths	10
3	The Cure U2 Dire Straits	9

INSTRUMENTISTA

1	EDGARD SCANDURRA (Ira!)	20
2	João Barone (Paralamas do Sucesso)	14
3	Egberto Gismonti	9
1	JOHNNY MARR (The Smiths)	14
2	Tony Thompson (Power Station)	8
3	Mark Knopfler (Dire Straits)	7

REVELAÇÃO

1	OBINA SHOK	15
2	Akira S & as Garotas que Erraram	10
3	Smack	6
1	LLOYD COLE & THE COMMOTIONS	14
2	The Jesus & Mary Chain	7
3	New Model Army The Dream Academy	5

MELHOR SHOW

1	SONNY ROLLINS (Free Jazz Festival)	6
2	Tom Jobim Rod Stewart (Rock in Rio)	5
3	Ira! Buddy Guy & Junior Wells (150 Night Club — SP) Obina Shok (Parque Lage)	4

ELEGÂNCIA

1	PAULO RICARDO (RPM)	10
2	Dinho (Capital Inicial) Lobão	5
3	Anna Ruth (Akira S, Cabine C	4
1	DAVID BOWIE	14
2	Bryan Ferry	13
3	Sade Adu	7

AUSÊNCIA

1	JORGE BEN	9
2	Raul Seixas	8
3	Júlio Barroso	7
1	JIM MORRISON	13
2	Jimi Hendrix	11
3	Bob Marley	7

CLIP

1	VIRUS DO AMOR (Rita e Roberto) EU NÃO MATEI JOANA D'ARC (Camisa de Vênus)	3
2	Sopra o Vento (Ritchie)	2
3	Rádio Pirata (RPM)	1
1	MONEY FOR NOTHING (Dire Straits)	21
2	And She Was (Talking Heads)	10
3	Hard Woman (Mick Jagger)	8

FILME

1	CABRA MARCADO PARA MORRER (votado por um samaritano, toda a redação votou em branco)	3
1	PARIS, TEXAS (Wim Wenders)	12
2	Brazil, o Filme (Terry Gilliam)	10
3	Dublê de Corpo (Brian de Palma)	8

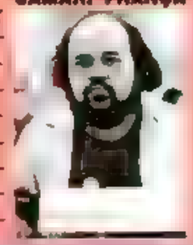
VOCALISTA

1	RENATO RUSSO (Legião Urbana)	23
2	Tim Maia	16
3	Paulo Ricardo (RPM)	10
1	ANNIE LENNOX (Eurythmics)	12
2	Bono Hewson (U2)	10
3	Morrissey (The Smiths)	9

INTERNACIONAL

1	NEW MODEL ARMY "No Rest"
2	FRANKIE GOES TO HOLLYWOOD "Relax"
3	J. BROWN & A. BANBAATAA
4	TEARS FOR FEARS "Shout"
5	DIRE STRAITS "Money for Nothing"
6	U2 "New Years's Day"
7	THE CURE "Close to Me"
8	STING "Russians"
9	MICK JAGGER "Lonely at the Top"
10	KILLING JOKE "Love Like Blood"

JAMARI FRANÇA



NACIONAL

1	LEGIÃO URBANA "Geração Coca-Cola"
2	CAPITAL INICIAL "Leve Desespero"
3	IRA! "Coração"
4	ESCOLA DE ESCÂNDALOS "Lazer"
5	KID ABELHA "Lágrimas e Chuva"
6	RPM "Primeiro Vício"
7	ULTRAJE "Nós Vamos Invadir Sua Praia"
8	PARALAMAS DO SUCESSO "Meu Erro"
9	TITÃS "Televisão"
10	GANG 90 "Quaisquer Gestos"

INTERNACIONAL

1	STYLE COUNCIL "Boy Who Cried Wolf"
2	HEAVEN 17 "And That's No Lie"
3	STING "Moon over Bourbon Street"
4	PRINCE "The Ladder"
5	V. UNDERGROUND "I Can't Stand It"
6	BRYAN FERRY "Boys and Girls"
7	JASON & THE SCORCHERS "White Lies"
8	SMITHS "The Boy With..."
9	STEVIE WONDER "It's Wrong"
10	THE CURE "Sinking"

ANTÔNIO CARLOS MIQUEL

NACIONAL

1	LEGIÃO URBANA "Geração Coca-Cola"
2	GANG 90 "Marginal Conservador"
3	RPM "Sob A Luz do Sol"
4	GILBERTO GIL "Febril"
5	IRA! "Longe de Tudo"
6	MAY EAST "Maraka"
7	CAZUZA "Mal Nenhum"
8	RITA e ROBERTO "Vilma"
9	LULU SANTOS "Replay"
10	TITÃS "Massacre"

INTERNACIONAL

1	COMMODORES "Night Shift"
2	STING "Moon over Bourbon Street"
3	STEVIE WONDER "Apartheid"
4	A. AGAINST APARTHEID "Sun City"
5	DIRE STRAITS "Money for Nothing"
6	KATE BUSH "Cloudbursting"
7	EURYTHMICS "Sisters Are Doin' It..."
8	BIG AUDIO DYNAMITE "Sony"
9	B. SPRINGSTEEN "Dancing in the Dark"
10	TEARS FOR FEARS "Shout"

ANA MARIA BANANA

NACIONAL

1	LEGIÃO URBANA "Será"
2	GILBERTO GIL "Roque Santeiro, o Rock"
3	KID ABELHA "Lágrimas e Chuva"
4	RPM "Rádio Pirata"
5	E. GISMONTI "O Trenzinho do Caipira"
6	ALCEU VALENÇA "Estação da Luz"
7	SOSSEGA LEÃO "Bomba"
8	CAZUZA "Mal Nenhum"
9	ULTRAJE "Nós Vamos Invadir Sua Praia"
10	RITA e ROBERTO "Melodeo Souvenir"

INTERNACIONAL

1	ARTISTS AGAINST APARTHEID "Sun City"
2	STING "If You Love Somebody..."
3	TALKING HEADS "Road to Nowhere"
4	EURYTHMICS "Would I Lie To You"
5	L. COLE & THE COMMOTIONS "Forest Fire"
6	STING "Love is the Seventh Wave"
7	TEARS FOR FEARS "Mother's Talk"
8	THE SMITHS "The Boy With..."
9	STYLE COUNCIL "Internationalists"
10	DIRE STRAITS "Money for Nothing"

TOM LEÃO

NACIONAL

1	LEGIÃO URBANA "Ainda É Cedo"
2	LEGIÃO URBANA "A Dança"
3	IRA! "Núcleo Base"
4	LEGIÃO URBANA "O Reggae"
5	CAZUZA "Mal Nenhum"
6	ULTRAJE "Cláme"
7	RPM "Revoluções Por Minuto"
8	ULTRAJE "Nós Vamos Invadir Sua Praia"
9	LOBÃO "Decadence Avec Elegance"
10	IRA! "Coração"

OS MÚSICOS ESCOLHEM OS MELHORES DE 85 ...

OKKY DE SOUZA

1 PRINCE "America"
2 DAVE LEE ROTH "Just a Gigolo"
3 MICK JAGGER "She's the Boss"
4 SADE "Smooth Operator"
5 U2 "Elvis Presley and America"
6 STYLE COUNCIL "Shout to the Top"
7 STEVIE WONDER "Part-time Lover"
8 SHEILA E. "Sister Fate"
9 THE SMITHS "Asleep"
10 M. TRANSFER "Another Night..."

1 ULTRAJE "Vá Vamos Invadir Sua Praia"
2 GAL COSTA "Bem-Bom"
3 FELLINI "Cultura"
4 GANG 90 "Ela"
5 RITA e ROBERTO "Vitima"
6 CAZUZA "Exagerado"
7 IRA! "Ninguém Precisa da Guerra"
8 RPM "Rádio Pirata"
9 GILBERTO GIL "Roque Santeiro, o Rock"
10 ULTRAJE "Rebelde sem Causa"

MAURICIO VALLADARES

1 BOB MARLEY "Buffalo Soldier"
2 THE CURE "Charlotte Somethimes"
3 COMMODORES "Nightshift"
4 STYLE COUNCIL "Boy Who Cried Wolf"
5 JEFF BECK "Get Working"
6 V. UNDERGROUND "I Can't Stand It"
7 KILLING JOKE "Love Like Blood"
8 G. PUBLIC "Are You Leading Me On"
9 DEXY'S "Occasional Flickers"
10 NEW MODEL ARMY "No Rest"

1 MILTON NASCIMENTO "Lágrimas do Sul"
2 CAPITAL INICIAL "Love Desespero"
3 IRA! "Por Trás da Luz Sorriso"
4 LEGIÃO URBANA "O Reggae"
5 RPM "Juvenília"
6 BIQUINI CAVADÃO "Tédio"
7 GILBERTO GIL "Roque Santeiro, o Rock"
8 FINIS AFRICAE "Van Gogh"
9 SOSSEGA LEÃO "Ninguém É Um"
10 TITÃS "Parvimentação"

LEOPOLDO REY

1 DIRE STRAITS "So Far Away"
2 DIRE STRAITS "Money for Nothing"
3 STING "If You Love Somebody..."
4 U2 "Pride (In the Name of Love)"
5 U2 "Bad"
6 WILLY & POOR BOYS "Baby Please..."
7 POWER STATION "Get It On"
8 JOHN FOGERTY "The Old Man..."
9 P. ROCKER & SUCK "Man Without Shame"
10 THE CURE "Six Different Ways"

1 IRA! "Longe de Tudo"
2 IRA! "Ninguem Entende um Mod"
3 ULTRAJE "Inútil"
4 RPM "Revoluções por Minuto"
5 RPM "Rádio Pirata"
6 RPM "Olhar 43"
7 LEGIÃO URBANA "Geração Coca-Cola"
8 PLATINA "Fascínio"
9 E. GISMONTI "O Treminho do Caipira"
10 PREMÉ "Carrão de Gás"

CARLOS ARRUDA

1 STING *The Dream of the Blue Turtles*
2 DIRE STRAITS *Brothers in Arms*
3 MILES DAVIS *You're Under Arrest*
4 JEAN-LUC PONTY *Fables*
5 DAVE LEE ROTH *Crazy from the Heat*
6 TEARS FOR FEARS *Songs from the*
7 BRIAN FERRY *Boys and Girls*
8 THE SMITHS *The Boy with.*
9 JEAN MICHEL JARRE *Zoolookologie*
10 SUPERTRAMP *Brother Where You.*

1 RITA e ROBERTO *Rita e Roberto*
2 LULU SANTOS *Normal*
3 EGBERTO GISMONTI *Trem Caipira*
4 GILBERTO GIL *Dia Dorim Noite Neon*
5 ULTRAJE *Vá Vamos Invadir Sua Praia*
6 MILTON NASCIMENTO *Encontros e Despedidas*
7 SOSSEGA LEÃO *Aqui Habitam Lobos*

Vamos ao LPs

JOSÉ EDUARDO MENDONÇA

1 STING "Moon Over Bourbon Street"
2 BRYAN FERRY "Windswept"
3 MILES DAVIS "One Phone Call"
4 LLOYD COLE "Perfect Skin"
5 BOB DYLAN "When the Night..."
6 K. CREOLE & T. COCONUTS "Endless"
7 U2 "The Unforgettable Fire"
8 B.B. KING "In the Midnight Hour"
9 THE CURE "Shake Dog Shake"
10 EURYTHMICS "There Must Be an Angel"

1 RITA e ROBERTO "Vê Vê Vê"
2 LOBÃO "Decadence Avec Elegance"
3 PARALAMAS "Romance Ideal"
4 G. GIL "Oração pela Libertação."
5 TIM MAIA "A Grande Família da..."
6 ULTRAJE "Mim Quer Tocar"
7 PARALAMAS "Ska"
8 TITÃS "Televisão"
9 RPM "Loucos Geladas"
10 IRA! "Longe de Tudo"

PAULO RICARDO
(RPM)

U2 "The Unforgettable Fire"
TEARS FOR FEARS "Head over Heels"
TEARS FOR FEARS "Broken"
ZERO "Amor Demais"
CHANCE "O Strip-tease de Mme. X"

SKOWA
(Soraya Leão)

POWER STATION "Go to Zero"
PARALAMAS DO SUCESSO "Ska"
PRINCE "Tambourine"
TELEX "Egoista"
CLEMILDA "Prenda o Tadeu"

MARCELO NOVA
(Camisa de Vênus)

OS REPLICANTES "Sorrisa Calhorda"
LEGIÃO URBANA "Ainda É Cedo"
CAPITAL INICIAL "Love Desespero"
THE SMITHS "Barbarism Begins at Home"
THE CURE "The Blood"

ALEX
(Metrô)

LEGIÃO URBANA "Será"
RPM "Juvenília"
ZERO "Heróis"
GILBERTO GIL "Barracos"
BRYAN FERRY "Slave to Love"

NASI
(IRA!)

STYLE COUNCIL "All Gone Away"
U2 "Sunday Bloody Sunday"
TITÃS "Televisão"
PETE TOWNSHEND "Face the Face"
A. AGAINST APARTHEID "Sun City"

Afinal, eles também mereciam sua colherzinha de chá...

[illegible]
(AKIRA S & As Garotas que Erraram)

KILLING JOKE "Love Like Blood"
TITÃS "Televisão"
THE CURE "The Blood"
IRA! "Longe de Tudo"
MUZAK "Ilha Urbana"

[illegible]

STING "Moon Over Bourbon Street"
TITÃS "Televisão"
LEGIÃO URBANA "Ainda É Cedo"
KID ABELHA "Garotos"
GILBERTO GIL "Touches Pas à Mon Poto"

RENATO RUSSO
(Legião Urbana)

ESCOLA DE ESCÂNDALO "Lutas"
THE SMITHS "That Joke Isn't Funny Anymore"
KID ABELHA "Amor por Retribuição"
NEW ORDER "Sooner Than You Think"
RPM "A Cruz e a Espada"

PAULA TOLLER
(Kid Abelha e Os Abóboras Selvagens)

GILBERTO GIL "Barracos"
STING "If You Love Somebody"
DIRE STRAITS "Your Latest Trick"
TITÃS "Televisão"
KID ABELHA "Lágrimas e Chuva"

HERBERT VIANNA
(Paralamas do Sucesso)

MARINA "Nada por Mim"
GIL "Roque Santeiro, o Roque"
DIRE STRAITS "Money for Nothing"
LEGIÃO URBANA "Ainda É Cedo"
KID ABELHA "Lagrimas e Chuva"

JOSE EMILIO RONDEAU

1 DIRE STRAITS "Money for Nothing"
2 BRUCE SPRINGSTEEN "Born in the USA"
3 ARTISTS AGAINST APARTHEID "Sun City"
4 EURYTHMICS "Would I Lie to You"
5 STING "If You Love Somebody..."
6 KATE BUSH "Running Up that Hill"
7 TALKING HEADS "And She Was"
8 J.C. MELLENCAMP "Lonely Ol' Night"
9 TEARS FOR FEARS "Shout"
10 JAMES TAYLOR "Only a Dream in Rio"

1 LEGIÃO URBANA "Será"
2 LEGIÃO URBANA "Ainda É Cedo"
3 GILBERTO GIL "Roque Santeiro, o Rock"
4 RPM "Rádio Pirata"
5 KID ABELHA "Lágrimas e Chuva"
6 RITA e ROBERTO "Vírus do Amor"
7 LULU SANTOS "Atualmente"
8 CAZUZA "Mal Nenhum"
9 ALCEU VALENÇA "Estação da Luz"
10 ULTRAJE "Cinema"

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

1 BRYAN FERRY "Windswept"
2 J. BROWN & A. BAMBAATAA "Unity III"
3 SADE "Smooth Operator"
4 SMITHS "The Boy With..."
5 V. UNDERGROUND "I Can't Stand It"
6 MILES DAVIS "One Phone Call"
7 STYLE COUNCIL "The Paris Match"
8 THE CURE "Six Different Ways"
9 BRYAN FERRY "Don't Stop the Dance"
10 LLOYD COLE "Forest Fire"

1 TIM MAIA "A Grande Família da..."
2 AKIRA S "Sobre as Pernas"
3 RPM "Juvenília"
4 FELLINI "Zoeira"
5 LEGIÃO URBANA "Ainda É Cedo"
6 IRA! "Tolices"
7 SMACK "16 Horas e Pouco"
8 IRA! "Ninguém Entende um Mod"
9 RPM "Loucos Geladas"
10 MUZAK "Jovens Atenas"

ALEX ANTUNES

1 KILLING JOKE "Love Like Blood"
2 BRYAN FERRY "Don't Stop the Dance"
3 YELLO "Desert Inn"
4 MILES DAVIS "Ms. Morrisine"
5 N. M. ARMY "Grandmother's Footsteps"
6 JEAN MICHEL JARRE "Zoolookologie"
7 V. UNDERGROUND "I Can't Stand It"
8 GRACE JONES "The Fashion Show"
9 BRYAN FERRY "Windswept"
10 TEARS FOR FEARS "Mothers Talk"

1 CHANCE "O Strip-Tease de Mme. X"
2 SMACK "Mediocridade Afinal"
3 LEGIÃO URBANA "A Dança"
4 FELLINI "Outro Endereço Outra Vida"
5 MUZAK "Ilha Urbana"
6 IRA! "Longe de Tudo"
7 TITÃS "Massacre"
8 FELLINI "Zaíra"
9 LEGIÃO URBANA "Ainda É Cedo"
10 FINNIS AFRICAE "Ética"

LUISA DE OLIVEIRA

1 U2 "Sunday Bloody Sunday"
2 THE CURE "Six Different Ways"
3 DIRE STRAITS "Money for Nothing"
4 BRYAN FERRY "Windswept"
5 STING "Shadows in the Rain"
6 U2 "Bad"
7 THE CURE "Close to Me"
8 STYLE COUNCIL "With Everything to Lose"
9 K. CREOLE & THE COCONUTS "Endless"
10 FRANKIE GOES TO HOLLYWOOD "Relax"

1 SOSSEGA LEÃO "Tequila"
2 LEGIÃO URBANA "Será"
3 RPM "Juvenília"
4 LÍNGUA DE TRAPO "Frande"
5 SOSSEGA LEÃO "Caribe, eh?"
6 IRA! "Longe de Tudo"
7 PATIFE BAND "Tá Tenso"
8 GILBERTO GIL "Oração pela Libertação."
9 RITA e ROBERTO "Gloria F."
10 FELLINI "Fantasma Sessa Vapore"

SÔNIA MAIA

1 LLOYD COLE "Are You Ready to Be..."
2 LLOYD COLE "Rattlesnakes"
3 SADE "Frankie's First Affair"
4 J. BROWN & A. BAMBAATAA "Unity III"
5 SADE "Smooth Operator"
6 THE SMITHS "The Boy With..."
7 THE CURE "In Between Days"
8 BRYAN FERRY "Windswept"
9 TEARS FOR FEARS "Shout"
10 U2 "Sunday Bloody Sunday"

1 CHANCE "Samba do Morro"
2 FELLINI "Zaíra"
3 IRA! "Ninguem Entende um Mod"
4 SMACK "16 Horas e Pouco"
5 LEGIÃO URBANA "Petróleo do Futuro"
6 LEGIÃO URBANA "Ainda É Cedo"
7 LÍNGUA DE TRAPO "Donos do Mundo"
8 BIQUINI CAVADÃO "Tédio"
9 RITA E ROBERTO "Gloria F."
10 MUZAK "Jovens Atenas"

Fotos Rui Mendes

HERMETO

O BRUXO E O ESTÚDIO

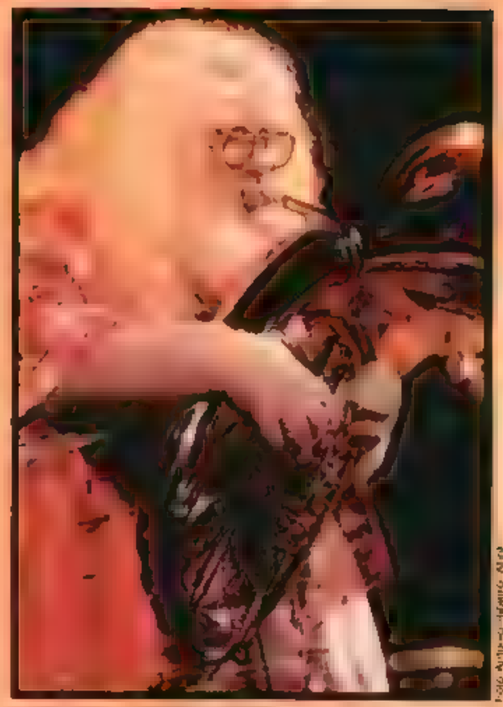


Foto Antonio Guerra/Abril

No palco, Hermeto transforma-se na música em pessoa e a celebração vara a madrugada. Mas como será que esse bruxo da improvisação sem limites se comporta dentro dos rigorosos esquemas do trabalho em estúdio? A curiosidade matou o gato, mas *José Augusto Lemos* quis ver para crer

O estúdio da gravadora Som da Gente fica numa viela de Perdizes, um simpático bairro paulistano. Um belo estúdio, com seus 24 canais sob a exímia pilotagem de Marcus Vinicius, um dos raros peritos em engenharia de som deste país.

Por trás do vidro que separa sua cabine do estúdio propriamente dito, Marcus vê o seguinte espetáculo: o Campeão — como Hermeto é chamado por sua troupe de músicos — mais três membros da troupe estão tecendo uma intrincada e hipnótica teia melódica, munidos apenas de quatro garrafas. O *take* é interrompido para acertar a afinação de uma delas. Uma gotinha, depois outra gotinha de água vão sendo acrescentadas até a nota atingir a altura desejada. Se no palco ele é um demiurgo possuído pelo espírito da música, no estúdio Hermeto revela-se um meticuloso artesão, ourives experimentalista.

"Nesta música eu jamais poderia fazer isso, cada um teria de tocar com doze garrafas... no estúdio eu posso pegar essas doze, jogar cada uma num canal separado, fazer acordes completos."

Aproveito para fazer a pergunta que roía minha cabeça enquanto assistia à gravação. Não seria muito mais rápido e fácil gravar uma única vez o som da garrafa, jogar a amostra num *sampler* como o Emulator e ter, instantaneamente, esses timbres em todas as notas do teclado?

Hermeto esboça um sorriso budista, aquele que pretende esconder a sabedoria. "Ah, é muito mais gostoso a gente bater, soprar, sentir, esse prazer ninguém me tira."

Como produtor, Hermeto deu também um belo trato em discos de Fagner *(Orós)* e Robertinho do Recife *(Robertinho no Passo)*. Na primeira pausa na gravação da "música das garrafas", Hermeto recebe Tetê Espíndola, que quer um arranjo dele para uma das faixas de seu novo disco. Logo depois, ele conta o encontro: "Ela trouxe a música pra me mostrar com a cravioia, mas eu disse que não precisava escutar. Pedi a ela que gravasse só a voz e ela: 'Mas como? Cantar a música sozinha, sem harmonia nem nada?'. Eu respondi: 'Exatamente, eu sei que tem uma história sua nessa música, que você me contou, e a história é sua e você deve cantar sozinha. Depois eu junto a minha história... vai sair com muito mais força.' Alô, produtores, eis aqui um genuíno produtor."

Mais tarde, outra visita. É o saxofonista Carlos Alberto Sion, que veio conhecer a música que Hermeto compôs especialmente para ele gravar com seu grupo, o Pau Brasil. Enquanto isso, Carla — a divulgadora do Som da Gente — conta que já é de praxe Hermeto entrar no estúdio com várias músicas prontas e, depois, improvisar tanto nas horas de folga (com a fita sempre rodando, claro) que essas músicas iniciais acabam tendo de ceder seu espaço às novas compostas ali no ato.

Quando estou saindo, a troupe volta para mais uma camada de garrafadas melódicas. Demorou uns três dias para a música descolar da minha cabeça.

BOB DYLAN

poeta laureado, profeta num casaco de motoqueiro. Vagabundo misterioso. Napoleão em andrajos. Um judeu. Um cristão. Um milhão de contradições. Um completo desconhecido, como uma pedra rolante.

Foi analisado, classificado, categorizado, crucificado, definido, dissecado, inspecionado e rejeitado, mas nunca completamente entendido.

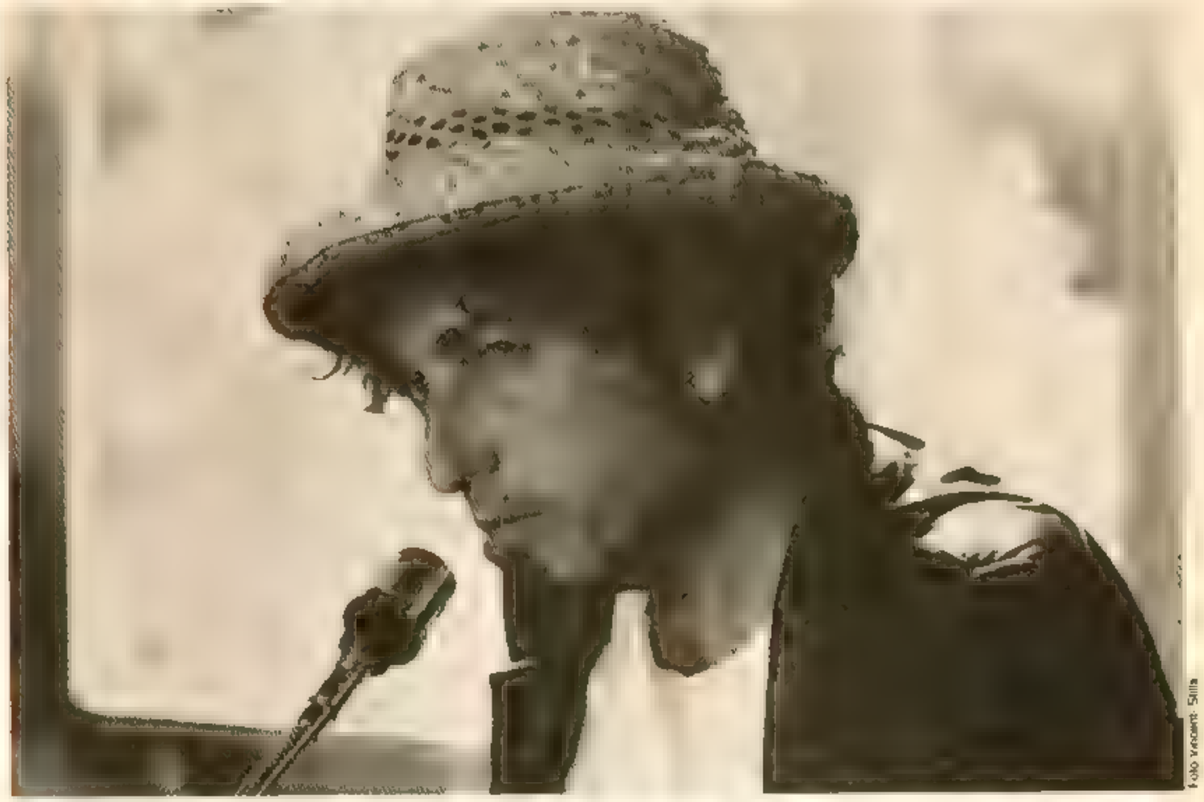


Foto Vincent Stills

© SPIN Exclusivo para BIZZ

Ele entrou na mitologia em 1961, com uma guitarra e uma gaita de boca, um cruzamento entre Woody Guthrie e Little Richard. Era o primeiro cantor de folk punk. Introduziu a música de protesto no rock. Tornou as palavras mais importantes que a melodia, mais importantes que a batida. Sua voz enfumaçada e nasal e seu fraseado sexy são únicos. Pode escrever canções surrealistas com uma lógica toda própria e, com a mesma facilidade, baladas simples, vindas diretamente do coração. Pode tirar a escuridão da noite e pintar o dia claro de escuro.

Ele provavelmente poderia ter se tornado o maior símbolo sexual desde Elvis, mas não optou por isto. Depois veio Mick Jagger. Os Stones, Beatles, Jim Morrison, Janis Joplin, Jimi Hendrix, todos lhe prestaram homenagem.

No auge do "flower power", quando todo mundo embarcava na onda orientalista, Dylan foi para o Muro das Lamentações, em Jerusalém. Uma década depois, era um cristão novo, ou assim o parecia, gravando discos com canções religiosas. Não é que Dylan subitamente tenha se tornado menos político ou mais espiritual. As referências bíblicas sempre estiveram em suas canções. As pessoas já o chamavam de visionário há anos. Quem sabe? Suponha que uma revolução espiritual esteja em curso e que o rock seja apenas um prelúdio de alguma coisa mais. Quem seria um melhor profeta que Dylan?

Dylan é como um de seus versos. Vive simplesmente, numa casa confortável numa propriedade escondida na Califórnia, com um bando de galinhas, cavalos e cachorros. O fato de que está mais visível agora e fazendo coisas comuns, como ganhar Grammies (prêmio da indústria fonográfica americana), fazer vídeos e mesmo esta entrevista, não o torna menos misterioso.

Apenas aumenta o mistério.

Foto Vincent Sulas

Em 84, Dylan reuniu uma multidão de 60 mil pessoas num show ao ar livre em Paris

Foto Alini

Como é que é... ser mesmo este cara

O verdadeiro eu

As vezes o "você" em minhas canções sou eu falando comigo. Em outras vezes, posso estar falando com outra pessoa. Se eu estiver falando comigo numa música, não vou parar tudo no meio e dizer OK, estou falando com você. Você é que tem de adivinhar quem é quem. Uma porção de vezes, é "você" falando com "você". O "eu", como em "eu e eu", também muda. Pode ser eu, ou poderia ser o "eu" que me criou. E ainda, poderia ser outra pessoa que está dizendo "eu". Quando digo "eu" neste momento, não sei de quem estou falando.

Se você quer falar comigo, vá em frente e fale

Um monte de gente da imprensa quer falar comigo, mas nunca o faz, e por alguma razão há este grande mistério, se é que um mistério. E me culpam. Vende jornais, eu acho. Notícias são um negócio. Não tem nada que ver comigo pessoalmente, por isto eu não entro mesmo nessa. Quando penso em mistério, não penso em mim mesmo. Penso no universo, coisas como por que a lua sobe quando o sol some? Ou, por que as lagartas viram borboletas?

Não gosto de falar sobre mim mesmo. As coisas que tenho a dizer, sobre assuntos como favelas, salvação e pecado, desejo, criminosos à solta e crianças sem esperança, isto as pessoas não gostam de publicar. De qualquer maneira, eu não tenho normalmente qualquer resposta para as perguntas que elas publicariam.

Problemas com o clip

Os vídeos para mim não têm personalidade. Tudo bem com os últimos que fiz com Dave Stewart (Eurythmics). Nos outros não sei, só recebia ordens. Não dei muita atenção a esses vídeos. Você tem de fazê-los se grava discos. Tem mesmo. Mas tem de tocar ao vivo. Não dá para se esconder atrás de vídeos. Acho que, quando esta onda de vídeo diminuir, as pessoas vão saber quem toca ao vivo e quem não.

Highway 61 Revisited (2.º LP de Dylan)

Todo o tempo as pessoas me perguntam sobre os anos 60. Se você quiser saber sobre os anos 60, leia *Armies of the Night* de Norman Mailer, ou leia Marshall McLuhan ou Abraham Maslow. Muitas pessoas escreveram de maneira intrigante sobre os anos 60 e falaram a verdade. Os cantores foram apenas uma parte disto. Eu não tenho tanto a dizer a eles. Lembro com muita clareza de algumas coisas. Outras são um tanto embaçadas, mas eu consigo focar onde estava e o que estava fazendo, se for forçado a isto. É claro que há pessoas que conseguem se lembrar das coisas em detalhes vívidos. Ginsberg tem este talento e Kerouac tinha muito este talento. Kerouac nunca se esquecia de nada, por isso podia escrever qualquer coisa.

Pesadelo motopsíquico

Em 1966 sofri um acidente de moto e acabei com diversas vértebras quebradas e uma concussão. Isto me derrubou por um tempo. Eu não podia continuar fazendo o que vinha fazendo. Eu estava muito ferido antes do acidente acontecer. Ele me assentou, e eu consegui ver as coisas de uma perspectiva melhor. Eu não estava sendo nada em qualquer espécie de perspectiva. Eu provavelmente acabaria morrendo se prosseguisse do jeito que vinha vindo.

Blowin'in the wind

A política mudou. O tema mudou. Na década de 60, havia um monte de gente saindo de escolas onde haviam aprendido política com professores que eram pensadores políticos, e estas pessoas ocuparam as ruas. A política que aprendi, aprendi nas ruas, porque era parte do meio ambiente. Eu não sei onde as pessoas ouviriam estas coisas agora. Agora cada um quer ficar na sua. Não há unidade. Há o dia da marcha dos porto-riquenhos, o dia dos poloneses, a semana alemã, o dia da marcha dos mexicanos. Você tem todos estes tipos diferentes de pessoas agitando suas próprias bandeiras, e não há unidade entre todas essas pessoas. Pelo que posso ver, esta é a diferença entre aquela época e agora.

BOB DYLAN

Foto LFI

Freud escreveu uma porção de nonsense"

Foto Abril

Casaco, chapéu e lenço num visual escrachado no tempo do excelente LP Desire

Foto Abril

Um Dylan ainda meio beat, destilando revolta inteligente contra o sistema e as instituições

Foto Abril

Hoje não existe mais a unidade política

O que eu quero mesmo fazer

Enquanto eu continuar gravando e tocando, o que ainda não acabei de fazer, tenho que acompanhar o panorama do momento. Não sou um Pete Seeger. Já fiz aquilo uma vez ou outra, quando levei duas, três mil pessoas através de minhas músicas, mas não o fiz como Pete Seeger. Ele é um mestre nisto, em levar uma massa de gente a cantar uma música que nem está em sua linguagem. Eu acho que ele poderia ter com as pessoas a força que Sting tem, porque poderia fazê-las sentir que importam, que fazem sentido para elas mesmas e que estão contribuindo com alguma coisa. Ver Tears for Fears é como ser espectador numa partida de futebol. Pete é quase como um curandeiro tribal. Os *performers* do rock não são assim. Eles estão só realizando as fantasias dos outros.

As grandes revelações

Quando alguém faz uma coisa em grande estilo, é sempre rejeitada em casa e aceita em outro lugar. Isto poderia, por exemplo, ser aplicado a Buda. Quem foi Buda? Um indiano. E quem são os budistas? Chineses, japoneses, povos da Ásia. E a mesma coisa com o fato de Jesus ser um judeu. A quem ele atraiu? Atraiu pessoas que querem entrar no céu em grande estilo. Mas algum dia a verdadeira história vai se revelar, e por esta época as pessoas estarão prontas para ela, porque as coisas caminham nesta direção. Você pode até sair dizendo isto agora, mas o que importa? Vai acontecer de qualquer jeito.

O primeiro som elétrico

A primeira vez que toquei som elétrico na frente de um grande público foi no Newport Folk Festival, em 1965. Mas eu tinha um disco de sucesso assim nas lojas *(Bringing it All Back Home)*, e por isso não sabia por que as pessoas esperavam que eu fizesse algo diferente. Eu tinha consciência de que tinha gente brigando na platéia, mas não consegui entender. Fiquei um tanto embaraçado com a bagunça, porque ela aconteceu por razões erradas. Quer dizer, você pode fazer algumas coisas realmente lastimáveis na vida e as pessoas vão te perdoar. Daí você faz algo que considera nada mais que natural e as pessoas reagem com este comportamento agressivo. Mas eu não dou muita atenção a isto.

Minha vida é um livro aberto

Fora uma canção como "Positively 4th Street", extremamente unidimensional, e que eu gosto, não costumo normalmente me purgar escrevendo sobre qualquer tipo de, digamos assim, relacionamento. Eu não tenho os tipos de relações baseadas em mentiras; não que eu não as tenha tido. Tive tantas quanto todo mundo, só que não as tenho há muito tempo. De maneira geral, as coisas entre mim e outra pessoa são cara a cara. Do tipo minha-vida-é-um-livro-aberto. E eu escolho estar envolvido com as pessoas com as quais estou envolvido. Elas não me escolhem.

Outro lado de Dylan

Nunca li Freud. Nada do que ele disse jamais me atraiu, e acho que ele iniciou um montão de *nonsense* com este negócio de psiquiatria. Não acredito que a psiquiatria ajude ou já tenha ajudado alguém. Acho que esta é uma grande fraude (sem trocadilhos) com o público. Bilhões de dólares trocaram de mãos, e poderiam ter sido usados para propósitos melhores. Um montão de gente tem problemas com seus pais até os 50, 60 ou 70 anos. Não conseguem se livrar de seus pais. Como na música de John Lennon, "Mother": "Mãe, eu tive você mas você nunca me teve". Não consigo imaginar isto. Sei que muitas pessoas têm este problema. É claro que tem uma porção de órfãos no mundo. Mas esta não é minha experiência. Tenho uma forte identificação com os órfãos, mas fui educado por pessoas que sentem que os pais, sejam casados ou não, devem ser responsáveis por seus filhos, que os filhos devem aprender um ofício, e que os pais devem ser punidos pelos crimes de seus filhos.

Na verdade, fui criado mais por minha avó. Era uma mulher fantástica. Eu a amava tanto, e sinto muita falta dela. Mas, voltando um pouco, tudo tem de ser chacoalhado, e será. Nunca tive quaisquer barreiras para chegar no que me era quendo. Se eu tinha qualquer vantagem sobre os outros, era a vantagem de estar só e poder pensar e fazer o que quisesse.

Patti Smith disse que eu era Rimbaud em outra encarnação. Não sei se ela está certa ou errada, mas, é claro, Patti sabe um monte de detalhes profundos dos quais posso não estar consciente. Ela pode estar ligada em algo que está um pouco além de mim. Conheço pelo menos uma dúzia de mulheres que me dizem que foram a Rainha de Sabá. E conheço uns poucos Napoleões e duas Joanas D'Arc e um Einstein.

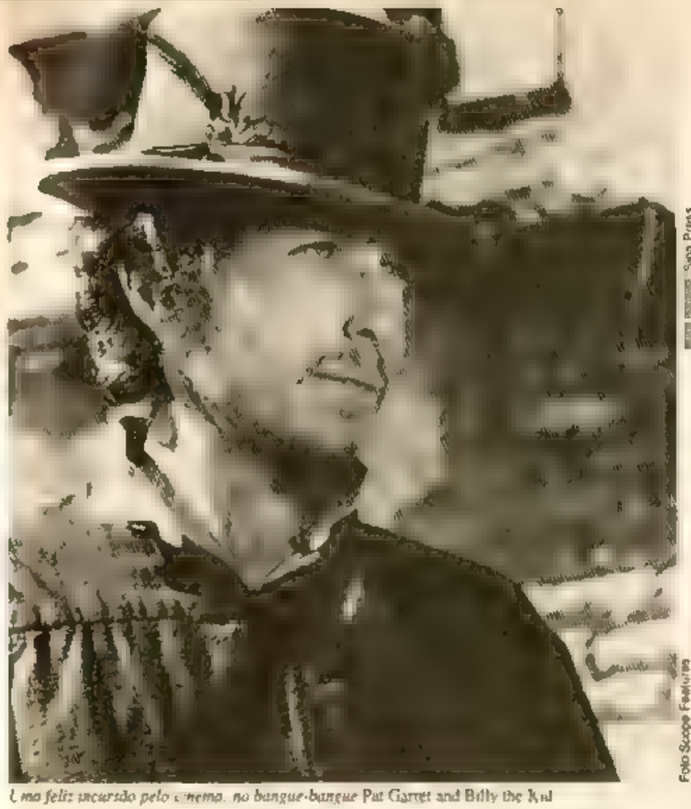
BOB DYLAN

Com a mulher Sarah, numa incomum cena familiar

Foto [illegible]

Dylan de novo em Paris, paparicado pelos [illegible] longe do sossego de sua casa na Califórnia

Foto Vincent Sulla



Uma feliz incursão pelo cinema, no bangue-bangue Pat Garret and Billy the Kid

Foto Scope Features

Num concerto com Santana e Mick Taylor

Foto Sipa Press

O tipo feminino

Sempre fui atraído por certo tipo de mulher. É a voz, mais do que qualquer coisa. Ouço primeiro a voz. É este som que eu ouvia quando estava crescendo. Quando tudo parecia oco e vazio, eu ouvia durante horas as Staple Singers. E este tipo de canto *gospel*. Ou a voz dos Crystals, de Clydie King, de Memphis Minnie, este tipo de som. Há algo nesta voz que quando a escuto paro o que estou fazendo seja lá o que for. Um corpo é um corpo. Uma mulher pode ser surda, idiota, mutilada e cega e ainda possuir alma e compaixão. E isto que importa para mim. Dá para ouvir na voz.

Quem você gostaria de entrevistar?

Um monte de pessoas que não estão vivas: Hank Williams, Apollinaire, José da Bíblia, Marilyn Monroe, John Kennedy, Maomé, Paulo Apóstolo, talvez John Wilkes Booth (o que matou Abraham Lincoln), talvez Gogol. Eu gostaria de entrevistar pessoas que morreram deixando atrás uma grande confusão não resolvida que deixaram por séculos as pessoas especulando. Falando de gente viva, quem há para entrevistar? Fidel Castro? Gorbatchev? Reagan? O Estrangulador de Hillside? O que é que eles têm a dizer? Eu não me importo com o destino do homem mais rico do mundo. Eu sei qual é sua recompensa. Eu gostaria de deixar em seu lugar qualquer pessoa que tenha feito um trabalho que admiro. Não forço muito para saber como é que as pessoas chegaram no que chegaram. Assim, o que resta? Apenas o cotidiano de alguém. Coisas como: "Por que é que você não come peixe?" Isto realmente não me daria respostas para as coisas sobre as quais medito.

Pessoal ou impessoal

Uma vez eu li um livro de cartas de Nathaniel Hawthorne para uma garota e elas eram extremamente privadas e pessoais. Não senti que havia qualquer coisa minha nas cartas, mas pude me identificar com o que elas diziam. Muito de mim cruza minhas canções. Eu escrevo algo e digo a mim mesmo: posso mudar isto, posso tornar isto não tão pessoal. Em outras ocasiões digo: não vou deixar isto num nível tão pessoal, e se alguém quiser fuçar na letra e fazer sua cabeça sobre que tipo de cara eu sou, isto é com ele. Outras vezes, penso assim: acho que vou disfarçar isto. Por que é que vou querer que alguém pense sobre o que estou pensando, se não é para seu benefício?

Tipos interessantes

Miles Davis é minha definição de um cara *cool*. Eu adorava vê-lo em pequenos clubes tocando seus solos, virando as costas para o público, abaixando o trompete e saindo do palco para deixar a banda rolar e voltar no final para tocar algumas notas. Eu fiz isto em alguns shows. As pessoas pensaram que eu estava doente, ou algo assim.

O último disco que comprei foi de Lucille Bogan. Era uma cantora de blues da qual tinha ouvido falar, mas não sabia que gravava. Não compro muitos discos contemporâneos. Não fui à loja comprar o disco pessoalmente. Conheço alguém que trabalha numa loja na cidade e telefonei para ele pedindo para separar o disco. Não, não fui buscá-lo, mas alguém o fez.

Tenho um bom entendimento com todas as mulheres que estiveram em minha vida, quer eu as veja ocasionalmente ou não. Temos ainda as melhores das amizades.

Eu quero fazer um filme

"Tight Connection to my Heart" é uma música muito visual. Eu quero fazer um filme sobre ela. Não acho que ele será feito. Acho que vai ficar pelo caminho, mas, de todas as músicas que já escrevi, esta deve ser uma das *mais* visuais. De todas as músicas que escrevi, esta é a que tem personagens que podem se identificar com ela. O que quer que isto queira dizer. Eu não sei. Talvez eu esteja tentando torná-la mais importante do que é, mas vejo pessoas nela.

A censura nos discos

Não acho que a censura se aplica a mim. Se aplica mais aos artistas da parada de sucessos. As pessoas que gravam hits podem estar preocupadas com ela, mas eu não tenho o tipo de discos nos quais deva me preocupar com o que digo. Vou escrever qualquer velha canção que me der na telha. Eu não compro nenhum desses discos, e nem mesmo gosto da maioria dessas músicas. Não me importaria se as músicas que tocam no rádio recebessem este ou aquele certificado de censura. Mas não acho que isto seja certo. Sou oposto à censura. Acho que qualquer música que você ouve pode ser ouvida de um ponto de vista diferente do que ela é. Há anos que as pessoas acham coisas em minhas músicas.

BOB DYLAN

Foto Keystone

Foto Vincent Sites

Num papo com a imprensa depois de um concerto com a também contestadora Joan Baez

As melhores canções

As melhores músicas que você escreve são as músicas sobre as quais você nada sabe. São um escape. Eu não faço muito isto, talvez porque seja mais importante lidar com o que está acontecendo do que colocar-se num lugar onde tudo que se pode fazer é imaginar alguma coisa. Se você pode imaginar algo e não teve aquela experiência, o que é normalmente verdade é que alguém já passou por ela e vai se identificar

Na verdade estou pensando nas histórias de Edgar Allan Poe. Se você pensar sobre sua vida, vai saber que ele na verdade não experimentou nada do que escreveu. Mas algumas histórias fantásticas saíram de sua imaginação. Como se pensasse: "Aqui estou eu encalhado neste emprego do qual não consigo sair. Trabalho como funcionário público, e o que vou fazer depois? Odeio esta existência". Daí o que ele faz? Senta-se no sótão, escreve uma história e todo mundo acha que isto significa que ele é um cara estranhíssimo. Não, eu não acho que isto seja uma forma ilegítima de tratar as coisas, mas aí você pensa em alguém como Herman Melville, que escreve a partir da experiência, como em *Moby Dick*. Acho que há um tanto de fantasia no que escreveu. Dá para vê-lo cavalgando uma baleia? Eu não sei. Eu nunca fui para a faculdade fazer um curso de literatura Posso apenas tentar responder a estas questões porque supõe-se que eu seja alguém que conheça algo sobre escrever, mas a verdade é que não entendo muito disto. De qualquer maneira, eu não sei o que há para se saber sobre isto

Comecei a escrever porque já estava cantando. Acho que isto é uma coisa importante. Comecei a escrever porque as coisas estavam mudando o tempo todo e havia necessidade de se escrever uma certa canção. Comecei a escrevê-las porque queria cantá-las Se elas estivessem escritas, não teria começado a escrevê-las. Não é algo para o que tivesse me preparado, mas cantei muitas músicas antes que compusesse alguma. Acho que isto também é importante

Orgulho, para quê?

Nunca consegui perceber a seriedade no orgulho. As pessoas falam, agem e vivem como se nunca fossem morrer. E o que é que elas deixam para trás? Nada. Nada a não ser uma máscara

HM

Heavy Metal

Ilustração Cleber V. Garcia Foto Estúdio Abril

Foto Tom Farrington/Sipa Press

Vince Neil: justiça seja feita

★ Fica esclarecido de uma vez: **Vince Neil**, vocalista do Motley Crüe pegou um mês de cadeia, mais cinco anos em observação (sursis) e duzentas horas de serviços prestados à comunidade de Los Angeles pela Corte da Califórnia, em consequência daquele acidente que causou, bebado, em dezembro de 84

Nele morreu o baterra do extinto Hanoi Rocks, **Nicholas Razzle Dingley**, e mais duas pessoas ficaram feridas gravemente. Como se sabe, o acidente ocorreu logo após uma festinha, quando Vince perdeu a direção de sua Corvette numa estrada, chocando-se com um Volkswagen em sentido contrário

Neil teve de pagar 2,6 milhões de dólares às vítimas do acidente. Só a família de Dingley levou duzentos mil. Como o Motley Crüe está em turnê por America e Europa desde o meio do ano passado, só agora em 85 ele cumprirá sua pena. "É assim será. Eu matei muita gente", declarou Vince à imprensa americana. Justiça seja feita

★ Que demora! Nesse fevereiro deverá finalmente estar saindo o primeiro trabalho da nova banda de Ozzy Osbourne. Ele deve se chamar *Killer of Giants*, como declarara Ozzy há uns dois anos. Mas Ozzy deu um tempo maior para cumprir shows já marcados arregimentar a banda e ver seu filho nascer. Todo é novo agora: o título é *Ultimate Sin*, a banda tem **Jake E. Lee** (remanescente) na guitarra, **Phil Soussan** (baixo) e **Randy Castillo** (ex-Lita Ford), bateria. Logo após o lançamento, segue-se turnê pela Grã-Bretanha Abrindo os shows, estará o **Ratt** (invadindo a Europa), que em seguida vai abrir para o **Accept** na Escandinávia, França e Alemanha

★ E **Vinnie Vincent**, ex-guitarrista do Kiss, conseguiu assinar contrato com a Chrysalis para gravar com seu novo grupo. **The Vinnie Vincent Invasion**. Em novembro último, anunciavam preparativos em Los Angeles para uma excursão de lançamento

★ O baterra do Scorpions, **Herman Rarebell**, conseguiu, finalmente lançar a versão regravada de seu primeiro álbum solo, *Nip On the Bud* (82), em novembro último com o novo título de *Herman Ze German & Friends*. Nele as presenças de **Don Dokken** e de **Stevie Marriot** (aquele do Humble Pie) nos vocais e a regravação de "Wipe Out" dos **Safaris** (dos anos 60), que deverá encabeçar um compacto

★ Após o sucesso do compacto "Out the Fields", junto a **Gary Moore**, o baixista irlandês **Phil Lynott** (atual Grand Slam, ex-Thin Lizzy) andou requisitando os serviços do guitarrista **Robin George**, do baterra **Brian Downey** e do louríssimo **John Sykes** (ex-Lizzy, atual Whitesnake) fazendo com que todos participem de seu novo LP solo Outro compacto de Phyl, "Nineteen "A Night In the Life Of a Blues Singer", já galga as paradas inglesas

★ **John Entwistle**, aquele do Who anda formando uma banda nova. Só faltava um bom vocalista, pois **Zak Starkey** (filho daquele Beatle, **Ringo Starr**), que toca no **Nightfly**, pegou a baterra e **Andy Nye** (ex-Michael Schenker) ficou com os teclados Convém lembrar que Zak, nem do pai, aprendeu muito com o falecido **Keith Moon**, também Who. Por essas e outras é que alguns da imprensa inglesa andaram sonhando com **Julian Lennon** no lugar do pai num reavivado Beatles; e com **Jason Bonham** em lugar do pai Bonzo na baterra de um reavivado **Led Zeppelin**. Belos sonhos que só poderiam ser estragados caso **Yoko** quera entrar na história junto com **Sean**.

★ Olha aí O até então inédito **Riot** teve seu LP *Narita* escolhido pela EMI-Odeon para a série *Heavy Metal Attack 2* em lugar do novo do Queensryche que ainda não saiu nem lá fora. Não será um pouco tarde para lançar o Riot aqui? O grupo já acabou faz uns dois anos e o melhor de seus trabalhos é um LP ao vivo

★ **David Lee Roth** contra-ataca. Agora ele tem como guitarrista nada mais nada menos que **Steve Vai**, ex-Frank Zappa, que andava tocando no **Alcatrazz** desde a saída de lá do agora glorioso **Yngwie Malmsteen**. Para o baixo chamou **Bill Sheehan**, ex-LFO e atual Talas. No Alcatrazz, em lugar de Steve, está **Danny Johnson**, ex-Rick Derringer. Era pessoal inquieto

Foto Mike Putland/LFI

Tyler de volta com o Aerosmith

★ Após longa hibernação, o **Aerosmith** está mesmo de volta com o LP *Done With Mirrors* vendendo bem na América e Europa. O disco tem a produção de **Ted Templeman** e traz de volta à banda **Joe Perry** e sua guitarra formando dupla com **Brad Whitford**. Por muito tempo, o líder e vocalista **Steven Tyler** negou a volta de Perry, que não vai tão bem com sua **J.P. Project**. Além do disco, existe um *mix* com uma faixa inédita, "Darkness" No próprio LP, está "Let the Music Do the Talking", tema original da Project, que recebeu letra e arranjo novos

Leopoldo Rey

JELLO BIAFRA

A cabeça falante dos Dead Kennedys

Com os shows no Brasil confirmados para março, BIZZ entrevistou em Nova York o cantor dos Dead Kennedys. Em um camarim minúsculo, cercado de amigos, latas de cerveja e fumaças diversas, Jello Biafra falou a *Marco Antônio de Menezes*

BIZZ — Você conhece o punk rock brasileiro?

Biafra — *Tenho a maioria dos discos punk brasileiros: Olho Seco, Cólera, Ratos de Porão... Eles mandam fitas para o programa de rádio de São Francisco, Maximum Rock'n'Roll, e a gente acompanha o que acontece por lá*

BIZZ — E você gosta?

Biafra — *Tem coisas ótimas. Ratos de Porão tem um som maluco de barbeador elétrico ou coisa parecida, uma espécie de navalha elétrica. Em gravações, pelo menos, o som é um barato, um escândalo. No futuro, para manter vivo o espírito do punk, essa música tem que se expandir, mas mantendo sua identidade. O perigo é transformar o punk em outra fórmula, em conformismo. Espero que eles façam experiências, aumentem seus horizontes*

BIZZ — Isso seria o caminho para o futuro do punk?

Biafra — *Punk é um estado de espírito. Essa coisa de vestir jaquetas, uniformes militares, é cultura consumista. A maioria dessa gente está fazendo o mesmo que os chamados "normais". O verdadeiro punk às vezes tem uma aparência comum. O cara que faz as nossas capas, Winston Smith, é mil vezes mais punk que a maioria dos punks que eu conheço. E é um carinha de barba, cabelo comprido de hippie, mora nas montanhas, sem telefone nem eletricidade*

BIZZ — No Brasil vocês vão tocar para o pessoal do subúrbio. É uma garotada com um tipo de sensibilidade muito política, pela própria luta do dia-a-dia, e exigem uma música que expresse a revolta deles

Biafra — *Eu sei disso, e é a coisa que mais atraiu a gente. No princípio pensei que os punks brasileiros fossem ricos, porque quem ia ter dinheiro para comprar os instrumentos? Depois fiquei sabendo que não é bem assim. Mas parece que o punk não consegue chegar até as favelas, até as pessoas de vida realmente miserável. Isso, eu acho, só vai acontecer com um tipo de punk acústico, com instrumentos improvisados, do tipo que o pessoal de Washington faz com garrafas e tambores vazios, latas de lixo. É barato, dá para fazer sem eletricidade. E punk não tem muito sentido sendo só escutado, todo mundo que entra no punk tem que fazer música punk. O interessante seria tentar misturar isso com o punk eletrificado, do mesmo jeito que seria fascinante enfiar no punk uma coisa como a música de Carmen Miranda. Adoro quando as pessoas pegam música folclórica de seus países e misturam com punk, isso é muito melhor do que procurar fazer um som apenas parecido com uma banda americana, inglesa ou finlandesa. Já fizeram um pouco disso no Japão, e na Hungria tem uma banda chamada Bikini, que é uma maravilha*

BIZZ — No Brasil, até componentes eletrônicos e eletricidade dão jeito de improvisar

Biafra — *Ótimo! Porque o pessoal daqui detesta improvisar. Os próprios punks daqui têm medo de improviso; aprendem uma fórmula e ficam naquilo. Eu ia adorar escutar, por exemplo, a música de uma tribo do Amazonas, ou a Carmen Miranda, ou a salsa... sei que não é bem salsa.*

BIZZ — Samba

Biafra — *...o samba, isso tudo misturado com punk havia de criar uma música totalmente nova. O pessoal do Run D M C está tentando misturar* hard rock *com* rap music *e* funk, *aqui nos Estados Unidos.*

BIZZ — Vocês acabam de lançar o LP "FrankenChrist". O anterior, "Plastic Surgery Disaster", saiu em 82 — o que vocês fizeram nesse tempo?

Biafra — *A gente estava tentando adquirir independência real e total para a nossa gravadora, a Alternative Tentacles. Nós fomos roubados adoidado por um pessoal que comercializa nossa marca. Fizeram discos defeituosos e foi preciso entrar em concordata quando chegou a hora de pagar todo mundo que estava reclamando. Nós acabamos no meio da rua, e a primeira decisão que tomamos foi a de reconstruir o selo, completamente independente. Passamos três anos juntando dinheiro para poder gravar novas músicas. E eu fiquei nessa posição incômoda de ser homem de negócios*

"Um músico de punk que vira homem de negócios pode ensinar os homens de negócio a virarem punks" (de George, um amigo francês de Jello)

BIZZ — Vocês estão em excursão. Como é que ela foi até aqui, em Nova York?

Biafra — *Em geral foi tudo bem. Tivemos problemas com grupos religiosos, que em algumas cidades conseguiram proibir nossos shows. Há um movimento para censurar os discos de rock, mas ninguém lembra que violência mesmo as crianças vêem cada dia mais na televisão. É o típico movimento cristão de direita, o mesmo tipo de gente que matava prisioneiros políticos no Brasil e na Argentina. Aqui não chegaram a tanto, mas o objetivo final deles é exatamente esse*

BIZZ — Você foi candidato a prefeito de São Francisco. Por quê?

Biafra — *Eu era candidato oficial, legal, com nome na cédula e tudo mais. Isso deu oportunidade a que jornais, rádios, revistas, panfletos publicassem as minhas opiniões. Por exemplo, obrigar a polícia a ser eleita, guarda por guarda, pelas pessoas que ela vai controlar. Também acho que devíamos fazer um leilão em praça pública de todos os cargos oficiais mais lucrativos. Um leilão mesmo, aberto, em vez de fazer às escondidas, nos escritórios enfumaçados do poder. Naquelas eleições só havia algumas dúzias de punks na cidade, mas eu consegui 6 591 votos, o quarto entre dez candidatos, e foi suficiente para ter que haver uma eleição de desempate entre os dois principais candidatos. E isso era o que eu queria, mostrar que não era uma eleição de verdade, era uma disputa entre um candidato dos banqueiros, Feinstein, e Kopp, uma marionete dos interesses imobiliários. Era uma batalha entre dois setores de direita, e quem tinha consciência disso, e já estava de saco cheio, votou em mim*

BIZZ — Por que você usa a expressão "Fascistas zen" na música "California Uber Alles"? Se o budismo zen é aceito por tantos jovens como alternativa para a civilização consumista ocidental?

Biafra — *O que eu estou querendo denunciar é que algumas pessoas que tinham a cabeça muito aberta, e eram ativistas nos anos 60, agora se tornaram ultraconservadoras e ficam procurando gurus que lhes ensinem o que fazer. E toda religião, quando você tenta forçá-la para outra pessoa, é uma forma de fascismo e também uma forma de capitalismo. Estamos tentando lutar contra essas duas coisas. E agora quero dar um recado para o Brasil: qualquer pessoa que queira conseguir nossa música ou qualquer outra coisa pode escrever para* P O Box 11458, San Francisco, California, 94101, EUA, *que é o endereço da Alternative Tentacles. E eu estou muito interessado em ouvir música brasileira, que seja moderna ou pelo menos interessante, fora do comum, e isso não significa apenas punk. Quem tiver interesse nisso é só mandar discos e fitas; vamos fazer um intercâmbio internacional. É isso aí*

BIZZ — É isso aí.

FRANK ZAPPA

O genial compositor e guitarrista, já quarentão (é de 1940), fala ao jornal *USA Today*, dando opiniões pouco convencionais sobre a família, a América e sobre si mesmo

Foto: Barry Schultz - Sygma Press - 1988 - USA - Toda reprodução só com permissão

Zappa continua coerente, irreverente e intolerante com a mediocridade americana

USA — As pessoas dizem que você é um gênio musical. Mas o Mothers of Invention tem muito de underground. Como é que você nunca chegou a ser grande sucesso comercial?

Zappa — *Olha: se uma pessoa é um gênio musical, isto não significa que este gênio tenha de ser manifestado através de enormes vendas. Não acho que haja muita coisa dentro do espectro das enormes vendas que possa ser considerada genial, e o fato de eu ser um gênio ou não é irrelevante. Sou uma pessoa que tem uma pequena gravadora e uma audiência muito sólida de umas poucas pessoas que realmente gostam do que faço. Eu trabalho para eles e para mim mesmo.*

USA — Você é conhecido por suas letras intelectuais — ou escatológicas, se preferir.

Zappa — *Há uma diferença. Em primeiro lugar, não há nada de errado com a escatologia. Isto existe na literatura há muito tempo. Se você fala sobre algo que se refere a funções do corpo.*

USA — Você faz isto de montão.

Zappa — *Há uma razão para isto, porque a língua inglesa é uma grande peça para articulações. Você pode dizer as coisas de forma muito direta. Se você falar sobre um detrito fecal, pode usar isto como metáfora para uma porção de coisas compreensível para uma pessoa marginalmente letrada. É com esta audiência que você fala. Você não vai querer falar com elas na linguagem de Eurípedes.*

USA — Como é ser um homem de meia-idade e um músico de rock?

Zappa — *Não me importo de ter esta idade. Não me importo de ser feio. Não me importo de estar ficando careca atrás da cabeça. Não me importo de ter problemas com meu corpo. Não me importo com estas coisas. Me importo com música. Se eu fosse um músico de rock do mesmo nível que as pessoas normalmente associam a um músico assim — tipo roupas de couro com uma pulseira com tachinhas e todo este aparato estranho —, aí estaria sendo incongruente. Mas eu não sou.*

USA — Então, o que você é?

Zappa — *Eu calho de ser um compositor que utiliza o rock como meio. Comecei escrevendo música para orquestra e música de câmara. Não escrevi uma música de rock até os 20 anos de idade. E comecei quando tinha 14.*

USA — Você acha que Madonna ou Prince têm letras particularmente interessantes?

Zappa — *Não sou um consumidor deste tipo de música. Sei que as letras que escrevo são importantes para as pessoas que consomem o que faço. Mas não acho que esta seja a mesma audiência de Prince ou Madonna. A música deles é feita para dançar, para posar quando você estiver usando uma roupa especial e para servir como papel de parede para um estilo de vida. Mas não é nada para filosofar em cima. Com muita sorte, até rima.*

USA — O que você estava tentando dizer quando compôs "Valley Girl" (uma música que influenciou muito a linguagem e o comportamento dos adolescentes da costa oeste americana)? Era uma coisa meio debochada sobre as garotas da Califórnia. Sua filha Moon Unit era assim?

Zappa — *Oh, não. Eu escrevi a música porque era o que estava acontecendo por lá naquela época. Você é a primeira pessoa que me diz que ela é debochada. Todo o resto achou: "Pô, que legal. Eu vou agir assim". E isto pode lhe dar uma idéia da compreensão intelectual do público médio. Quer dizer: é debochada. Diz que estas pessoas têm a cabeça oca. Estes são seus valores. É o jeito que eles falam. E é uma letra jornalística.*

USA — É como é ter uma filha que vai para a escola com essa gente?

Zappa — *Onde é que ela iria à escola? Em Venus? Eu quero que todos os meus filhos descubram o que é o mundo real. Eles estiveram em escolas públicas e privadas. E agora os dois mais velhos estão fora da escola. Moon terminou o colegial e caiu fora. Dweezil está fazendo a mesma coisa.*

USA — O que Moon está fazendo?

Zappa — *Ela é consultora de uma série de televisão. Tem um salário semanal, uma vaga na garagem, vai lá e diz para os caras que estão escrevendo a série o que é cool.*

USA — Quer dizer que você tem filhos muito por dentro?

Zappa — *Eu diria que sim. Dweezil toca guitarra de um jeito que você não acreditaria e foi durante um tempo um grande jogador de beisebol. Depois saiu dessa.*

USA — Então não é uma família careta?

Zappa — *Não. E não há razão para ser, já que estou convencido que esta não é a maneira certa de educar uma criança.*

USA — As pessoas evitam sua família por você ter uma reputação demoníaca?

Zappa — *Se eu tenho esta reputação é porque as pessoas na imprensa queriam que eu fosse deste jeito pra servir a seus propósitos. Na verdade, eu sou muito mais conservador que outros pais. Não uso drogas. Minha mulher também não. Me preocupo mais com meus filhos irem à casa dos outros do que eles deveriam se preocupar em mandar seus filhos à minha.*

USA — Por que você deu a seus filhos nomes estranhos (Moon Unit, Dweezil, Ahmet e Diva Thin Muffin)?

Zappa — *Thin Muffin não. Isto ela inventou. O nome é Diva.*

USA — E os outros nomes?

Zappa — *Não interessa que nomes eles tenham, o que vai dar problema é o sobrenome. E, de qualquer maneira, o que há num nome? Sei que estas crianças vão crescer e ser especiais e individuais. Não acho que um nome especial e individual seja um crédito.*

USA — Olhando para trás, você não preferia que sua filha Moon Unit se chamasse Jennifer, ou algo assim?

Zappa — *Durante um tempo, ela quis mudar seu nome para Beauty Heart e Ahmet quis se chamar Ric. Mas isto durou umas três semanas.*

"Em casa não nos sentamos à mesa. Você chega e cozinha o que quiser"

USA — Ao falar recentemente perante o Congresso, você se opôs a um projeto de lei que colocaria faixas de censura nas capas dos discos para que os pais soubessem o que suas crianças estavam ouvindo. Você não quer saber o que Moon ou Dweezil estão ouvindo?

Zappa — *Se os pais fizeram seu trabalho de dar aos filhos uma informação sexual adequada, eles vão saber que quando Judas Priest fala de sadomasoquismo, trata-se de uma aberração, e que isto não vai ter qualquer efeito. As pessoas que querem fazer uma comissão para tirar a educação sexual dos lares são loucas. O governo não consegue controlar nem o orçamento. Como é que vai tomar conta de seus filhos?*

USA — Você acha que seus fãs são mais intelectuais que a maioria?

Zappa — *Nossa demografia não mostra isso. Se você for a um de nossos concertos e olhar para a garotada no público, não acho que vai ter por um microssegundo a idéia de que se trata de um grupo intelectual e introspectivo.*

USA — O que mais falta conquistar? Você é um rebelde sem causa?

Zappa — *Dificilmente, porque minha causa é a música. Estou interessado no que pode ser feito com tipos diferentes de expressão musical — sem qualquer interferência. Isto é muito difícil de fazer nos Estados Unidos; a menos que você venda, não dá para continuar fazendo.*

USA — Você teve um vídeo que nunca foi ao ar.

Zappa — *Entrou no ar em poucos lugares. Há duas razões para não ter sido exibido. A primeira é porque tinha a palavra* nigger (expressão pejorativa para negro), *e porque conseguimos um sósia do presidente Reagan e o colocamos numa cadeira elétrica.*

USA — Os radicais dos anos 60 estão agora na grande corrente. Jerry Rubin tem pequenas casas de música em N.Y. Tom Hayden é um deputado na Califórnia. Sam Brown trabalha na área imobiliária. Incomoda a você o fato de sua geração ter sido transformada numa caricatura? Interessa a década de 60?

Zappa — *Eu acho que os 60 foram vendidos em excesso durante os 60. A nostalgia com os 60 dá pena por causa de todas as marchas pela paz e aquelas coisas — e não estamos falando aqui de um compromisso moral. Estamos falando de um acontecimento social. É onde você ia para transar nos anos 60. Você podia acabar transando alguma garota vestindo um cobertor fedido, que não tomava banho há duas semanas, mas é isto que acontecia então.*

USA — Você vê alguma semelhança entre Live Aid, Farm Aid e USA for Africa?

Zappa — *Não, absolutamente. A única coisa que eles têm em comum é dinheiro.*

USA — Muitas pessoas conhecem você melhor por causa do poster da privada.

Zappa — *Não há nada obsceno com a foto. Não há partes excitantes do corpo à mostra. É uma foto estúpida — um cara de cabelo comprido sentado na privada com as calças abaixadas.*

USA — Você se arrepende dela?

Zappa — *Não.*

USA — E faria de novo?

Zappa — *Não. O que me incomoda é que o poster é provavelmente um dos mais vendidos de todos os tempos. Se alguém quiser uma foto minha sentado numa privada, eu adoraria ser pago para fazê-la.*

AdPAZ

ATRÁS DO TRIO ELÉTRICO...

Foto Luciana Andrade Abril

Só não vai quem já morreu. Isso, pelo menos, é o que diz a louvação feita por Caetano Veloso há uns quinze anos. Lá, então, fomos nós, atrás desse gênero pioneiro do pop eletrificado terrestre

Pois é. A receita é incendiária e bota Salvador inteira — dos 8 aos 80 anos — com todos seus turistas para trepidar a Praça Castro Alves e arredores, pelo menos uma vez por ano, na selvageria greco-romana-intergalática do Carnaval Baiano (o resto é desfile...)

Depois da quarta-feira a história muda de figura. Mas — tratando-se do mais autêntico pop eletrificado para os quadris que o Brasil deu à luz — por que esse mutante híbrido do frevo não sobrevive como gênero próprio?

Para Armandinho — que comandou seu primeiro trio aos dez anos de idade, na condição de filho de um dos pais da matéria — tudo remete à velha maldição dos "rótulos". "Nós já pensamos até em tirar o nome Trio Elétrico e sair por aí como um grupo, uma banda como as outras... mas não tinha nada a ver, seria fazer o jogo dos rotuladores", completa o também ex-guitarrista da Cor do Som e astro convidado para o *Meu Instrumento* desta edição de BIZZ (pág. 66)

Foto Arthur Ikassima Abril

Transplantado para o palco de um teatro, o Trio de Dodô e Osmar não perde um watt de sua energia

Mesmo assim, o Trio Elétrico Dodô e Osmar vai muito bem obrigado, lançando já seu 11.º LP, *Chame Gente*, pela RCA. A formação semi-roqueira de Armandinho e seus irmãos injeta eletricidade e adrenalina na fórmula de eletrificação do frevo cunhada por seu pai Osmar e o amigo Dodô no longínquo ano de 1950. E Armandinho aproveita para enfatizar a importância de Moraes Moreira no eterno rejuvenescimento do trio: "Ele foi o primeiro a cantar com um som de trio elétrico como acompanhamento, e foi quem introduziu o afoxé na jogada. E o sucesso de sua gravação de 'Pombo Correio' foi também muito importante, tão importante quanto o 'Atrás do Trio Elétrico' de Caetano"

E fato e o próprio Caetano esclarece: "Foi Moraes Moreira quem levou isso mais a fundo como linguagem, casando frevo e marchinha com reggae e afoxé. Isso ainda no tempo dos Novos Baianos — na Cor do Som que existia como 'regional eletrificado' dentro dos Novos Baianos. E, de fato, o trio elétrico como gênero pop — e não apenas música de Carnaval — está desenvolvido no trabalho de Moraes, Baby e Pepeu"

Caetano conta também que já pôde ser encontrada, em Salvador uma nova geração disposta a escavar as últimas consequências do santíssimo tripé frevo/afoxé/guitarra baiana. Entre esses nomes, despontaria o de Luís Caldas, que faz do formato "trio elétrico" a sua banda de apoio, e também o de Jerônimo, cujo LP conta com a participação da nova revelação do afro-pop baiano, Lazzo (seu hit "Coração Rastafari", uma homenagem a Bob Marley, pode ser desconhecido no velho eixo Rio—SP, mas em Salvador goza da condição de hino)

Foto Manoel Novaes Abril

Moraes Moreira: fundamental na transformação do frevo elétrico em gênero pop

Esse pessoal vive e trabalha lá mesmo, não tem essa preocupação imediata de ir para o Sul fazer sucesso, já tem um público conquistado na Bahia .. e eu acho ótimo, essa descentralização.

Nós também, mas queremos pelo menos um gostinho da coisa. Conversando com Armandinho, dá para perceber a fé que leva um cara que já teve sua cota de rockestrelato com A Cor do Som e a jogou pela janela para batalhar em nome de um ritmo e de um som que estão no seu sangue, no seu povo, na sua terra e no seu coração. "É coisa nossa", resume de maneira exemplar, lembrando de sua maior emoção nos últimos tempos, quando o Trio Elétrico Dodô e Osmar foi convidado para animar o carnaval de Toulouse, França, se é que se pode chamar de carnaval o desfile de carros alegóricos que algumas cidades européias realizam anualmente. Pois Armandinho e cia. — em cima de um ônibus especialmente adaptado segundo projeto do próprio filho de Osmar — transformaram o carnaval pós-gaulês em Carnaval

I A L.

ITAMAR ASSUMPÇÃO

A raiva e o tédio

Lira Paulistana (SP) 4/12/85

O "Nego Dito Beleleu" de volta aos palcos, depois de um sumiço de dois anos

Foto Rui Mendes

Itamar Assumpção, o autodenominado "Nego Dito Beleleu", volta depois de um sumiço de pelo menos dois anos. No show de lançamento de seu terceiro LP independente, ele não estava de "espumando de odio" no palco, como em seus shows de 81/82. Preferiu sentar e dizer: "Tudo que me perguntam — Aids, cometa de Halley, a derrota do PMDB — me deixa perguntando: o que eu tenho com isso? Nada, nada...".

Em vez da banda Isca de Polícia, com quem Itamar arremessava um rock seco, raivoso, pingando com o suor do suburbio paulista, ele entrou no palco acompanhado por Paulo Penhasco, L.B., Paulo Petit e quatro violões em punho, substituídos, no meio do show, por duas guitarras e um baixo.

Nenhuma música antiga. Paulo Petit fazia as vezes da percussão no backing vocal, alinhavando as narrativas de Itamar. Este, visivelmente entediado com tudo, soltava letras tão fortes como antigamente, só que numa temática e musicalidade implosivas. Ele avisa que não sabe em quantos planetas e galaxias mora e que perdeu a conta das noites.

"E já que terminou o show, a gente dá o bis", disse ele, soltando logo em seguida, "Fuligas" de Marina. Algumas pessoas disseram que o show tinha sido cansativo. Problema delas. *S.M.*

THE CULT

Festa na velha tribo

Hammersmith Palais (Londres) 24/11/85

Quando consegui depositar meus restos mortais em uma sarjeta gelada de Hammersmith, e olhei para três louras suecas de negro, dançando com seus posters na mão, concluí o verdadeiro espírito do rock'n'roll está vivo. Tinha acabado de sofrer o efeito da bomba Cult e estava, como dizem os anglosaxões, *in bliss*. Nas nuvens, quem sabe, uma expressão intraduzível.

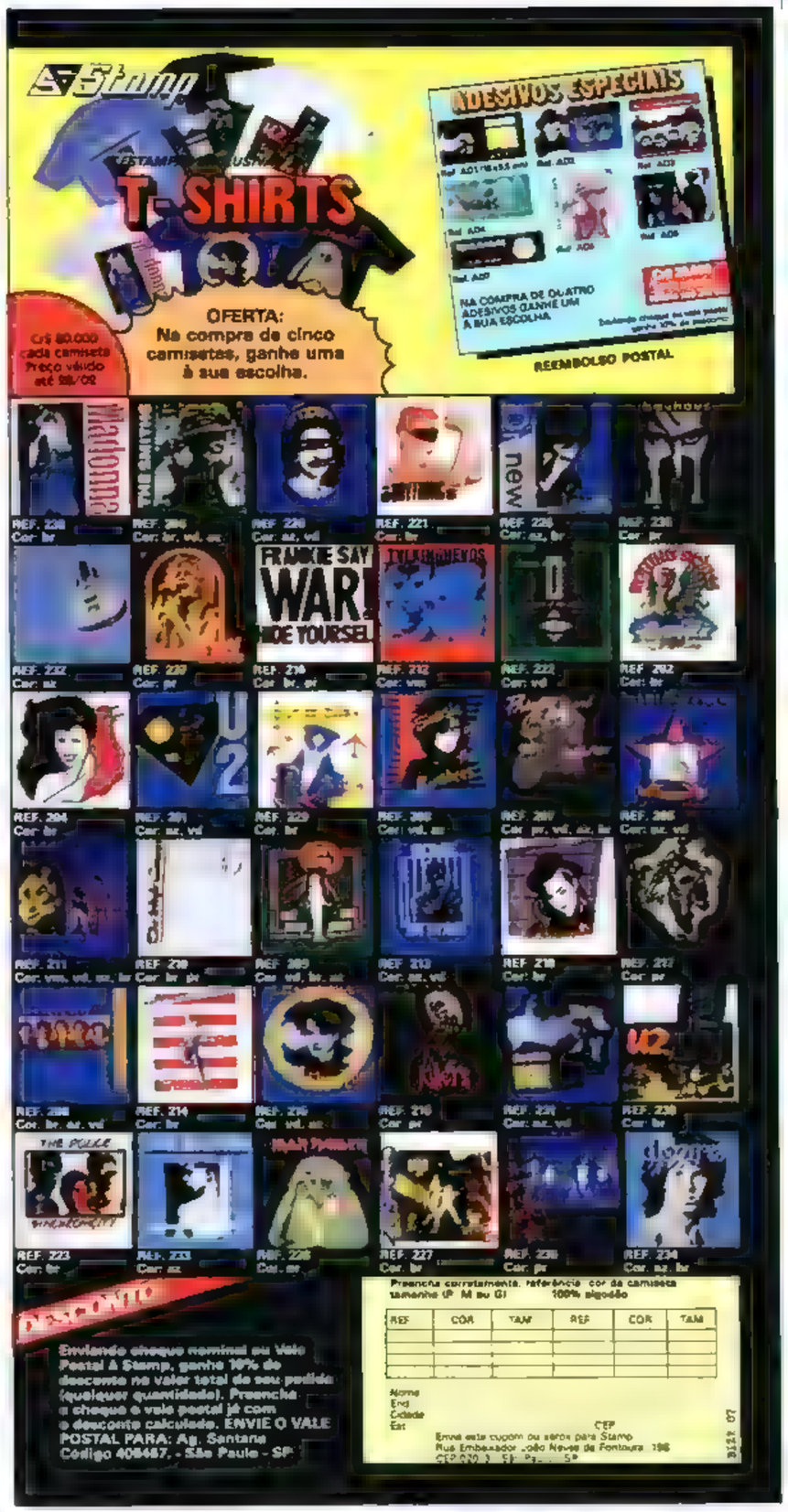
O Cult não tem mistério. Guitarra, baixo, bateria e vocal. E tem todos os mistérios. Produto de sua autenticidade. Vitalidade. E inocência. Características básicas de Ian Astbury, seu *front man*, um sensualíssimo garotão de Sheffield, gato das letras, pantera na frente de um microfone. Ian, com seus cabelos negros escorrendo pelos ombros, veludos, sedas, echarpes, colares, pulseiras e eventualmente sacudindo um pandeiro, parece saído da Londres do final dos anos 60 ou dos parques de São Francisco na mesma época. Seu tema é esse: o sonho dos 60. Poesia, arte, amor, revolução, cabelos longos, possibilidades infinitas. Uma filosofia envolta em referências iconográficas aos índios americanos.

O carisma da figura de Ian, no palco, é o de um branco que chegou a uma tribo, tomou uma droga sagrada, performou certos rituais e passou a comandar uma cerimônia. Grande parte das composições do Cult tem um fortíssimo componente de *dança na tribo*. Só isso já os destaca de qualquer outra banda de rock'n'roll de primeira classe.

O bote final da serpente é que as fantasias visionárias de Ian saem dos tambores — e cordas — certas. Billy Duffy — um Eddie Cochrane de imenso topete louro e imaculada Gibson branca com controles dourados — é um *tremendo* guitarrista. Reinventou a distorção sofisticada, sob controle, com eco na medida certa. Toca por três, no mínimo. Jamie Stewart — além de lindo como um anti-psicodélico — segura um impecável baixo percussivo. E a bateria vai do 4-4 com muito *shhhhhh* ao tribalismo que os tecnopops tentam imitar mas jamais conseguem.

Há muito tempo que eu não via uma platéia — garotada entre 15 e 18 — ficar tão completamente fora de si. Foi o último show de uma longa excursão, os músicos estavam quase mortos, mas caíram matando. Se o Cult é mestre em remixagens — vide seus matantes compactos de 12" pela Beggars Banquet "Ressurrection Joe", "Sanctuary" e "Here Comes The Rain" — ao vivo, a seco, deixam todo o espaço para Billy Duffy mostrar por que é cotado, em certos círculos, como o melhor guitarrista da Inglaterra. Que sejam desconhecidos no Brasil é, no mínimo, uma tragédia.

Quando Ian gritava "There's a Revolution", dava para ver que ele acreditava no que estava dizendo. Há uma revolução, claro, está dentro do coração de quem expõe sua alma e sua sensibilidade para tentar viver uma vida mágica. Fecharam o show, claro, com sua antológica versão de "Wild Thing / Louie Louie". Troggs caindo em Hendrix, Kingsmen caindo em Kinks. Uma mini-história do som dos 60, e melhor. O Cult é talvez a melhor banda dos anos 60 do planeta. Que estejamos nos 80, não faz a menor diferença. Há uma revolução, e ela está dentro de você. *P.E.*


Stamp
T-SHIRTS
OFERTA:
Na compra de cinco camisetas, ganhe uma à sua escolha.
Cr$ 80.000 cada camiseta
Preço válido até 28/02
ADESIVOS ESPECIAIS
NA COMPRA DE QUATRO ADESIVOS GANHE UM À SUA ESCOLHA
REEMBOLSO POSTAL
DESCONTO
Enviando cheque nominal ou Vale Postal à Stamp, ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade). Preencha o cheque e vale postal já com o desconto calculado. ENVIE O VALE POSTAL PARA: Ag. Santana Código 408467, - São Paulo - SP
Preencha corretamente, referência, cor da camiseta, tamanho (P, M ou G) 100% algodão
REF | COR | TAM | REF | COR | TAM
Nome
End
Cidade
Est
CEP
Envie este cupom ou xerox para Stamp
Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 196
CEP 020-3 - São Paulo - SP

A LENDA

Quem viu *Blade Runner* dificilmente escapou de ver o filme uma segunda vez. É um passeio fantástico por um futuro dominado pela paranóia, com cenários e efeitos especiais de cair o queixo. E quem viu *Alien, O Oitavo Passageiro* sentiu fundo no estômago o clima de horror

Estes mesmos espectadores nunca iriam adivinhar que o diretor dos dois filmes, Ridley Scott, fosse criar *A Lenda*, uma história de princesas e unicórnios, onde o Bem enfrenta o Mal e o Amor sempre triunfa. O diretor explicou suas intenções à revista francesa *Première*: "Nesses contos clássicos, os personagens são ou completamente corrompidos ou completamente bons. Na realidade as coisas nunca são assim tão simples, e é por isso que não são mais engraçadas. Eu pretendia que em *A Lenda* a princesa fosse capaz de manipular os outros, que o malvado fosse brilhantemente inteligente e transpirasse uma sensualidade que o tornasse fascinante. O mais inocente de todos é o 'príncipe encantado' Jack, O Verde, o senhor da floresta"

Esse filme começou a surgir, na verdade, em 1980, em um intervalo da preparação de *Blade Runner*. Scott estava pensando em ambientes à moda dos desenhados por Moebius (que inspiraram os cenários de *Alien*) e em fábulas, das tais em que a Luz se confronta com as Trevas. Procurou então o romancista William Hojrtsberg, que por acaso andava com as mesmas idéias. "Eu havia começado a escrever contos de fadas por conta própria, e os guardava numa gaveta. Nunca pensei em usá-los comercialmente, eu os fazia por diversão. Quando Ridley me pediu um roteiro, pensei como seria maravilhoso escrever algo que se perpetuasse, como a abóbora que se transforma em carruagem na história da Cinderela .." E pôs mão à obra.

Mas só depois de *Blade Runner* é que o trabalho deslanchou. E que trabalho: a partir dos desenhos de Assheton Gordon, que colabora com Scott desde que ele era um diretor de comerciais, foram construídos diversos — e gigantescos — cenários. O bosque foi montado em um dos maiores estudios do mundo (o mesmo de 007) e conta com árvores enormes e sinistras, colinas e barrancos de verdade, caminhos sinuosos, raios de luz e fontes de água. O Trono das Trevas foi construído no Castelo de Great Hall

Como atores, Scott convidou o americano Tom Cruise (que trabalhou em *Vidas sem Rumo*, de Coppola), para o papel de Jack, Tim Curry, como o Lorde Demoníaco; e Mia Sara, uma atriz iniciante, para o papel de princesa. Em *A Lenda*, Ridley Scott confirma sua fama de grande estilista do cinema moderno, assumindo até a operação da câmara para garantir nada menos que um visual delirante.

J E M I A A

Um bosque fantástico e irreal de plástico

Jack, a princesa Luz e o unicórnio

Fotos Fox Filmes

AUTOUR DE MINUIT

Fotos Kobe

Turner (Dexter Gordon) e seu pianista (Herbie Hancock), e a fachada do clube Blue Note

Autour de Minuit, o novo filme do diretor francês Bertrand Tavernier, promete marcar época. E, quem sabe, provocar um renascimento do jazz be-bop. Tavernier, que já mostrara sua paixão pelo jazz em *Mississipi Blues*, baseou-se na história real da amizade entre o jazzista americano Bud Powell e o francês Francis Paudras

Dale Turner é o personagem inspirado em Powell, vivido na tela pelo saxofonista Dexter Gordon, e François Cluzet representa o jovem branco, apaixonado pelo be-bop Ele faz o que pode para ajudar o amigo, negro, envelhecido e alcoólatra

O bairro parisiense de Saint-German-des-Prés foi reconstituído em estúdio, detalhe por detalhe, pelo cenógrafo Alexandre Traumer Ele conseguiu milagres, como a acústica perfeita entre paredes de papelao, na réplica do clube Blue Note, permitindo gravar-se ao vivo durante as filmagens

Isso não é pouco importante, considerando que Tavernier convocou um supertime de jazzistas para trabalhar como músicos e atores O trio que acompanha Dexter é formado por Herbie Hancock ao piano, Billy Higgins na bateria e Pierre Michelot no baixo A lista de feras continua com Wayne Shorter, Bobby Hutcherson, Freddie Hubard, Tony Williams, Ron Carter, John McLaughlin e a revelação de *Cotton Club* (outro filme do gênero, do diretor Francis F. Coppola), a cantora Lonette McKee. Herbie Hancock compôs as músicas originais, rearranjou sucessos como "As Time Goes By" e os temas de Bud Powell "Un Poco Loco" e "Time Waits", participou da escolha dos músicos e da montagem da trilha sonora. Espera-se assim um resultado musical melhor do que o massacre sofrido por Duke Ellington em *Cotton Club*

Na cidade de Lyon, Tavernier encontrou intactos bistrôs e ruelas como os da Paris de três décadas atrás E, no bairro de Fourviere, cravado na montanha, um teatro romano O cenário perfeito para a última cena do filme: um show em homenagem a Dale Turner. O concerto foi realizado, de fato, com um público de 3 500 pessoas, em agosto último, mas na tela se passará em 68 ou 69 Hancock, mestre de cerimônias, compôs especialmente para a noite a música "Never Said", com letra de Stevie Wonder, que foi interpretada por Lonette

Com eles estavam Shorter, esbanjando deliciosos solos de sax, Tony Williams, na bateria e uma sessão de metais local. Ajudada pelo bom tempo e a beleza do anfiteatro, a noite foi uma festa regada a nostalgia do jazz be-bop

É curioso como o filme — cujo título é a tradução para o francês de "Round About Midnight", de Thelonius Monk — serviu para "levantar o moral", na vida real, de um velho jazzista De Dexter Gordon, no caso, que é, aos 63 anos, um dos poucos sobreviventes da geração be-bop, marcada pela solidão e por uma tendência suicida. Tavernier, como francês, pode não ser um conhecedor profundo da intimidade desses músicos, mas exatamente por isso jogou-se de cabeça nessa ficção de bases reais. Resta torcer para que o filme seja exibido no Brasil. *Silvano Michelino*

EM CARTAZ

COMANDO PARA MATAR

Foto Bruce McBroom

O argumento do filme é uma cópia, sem muita cerimônia, da série *Rambo*. Mas quem vive aqui o ex-combatente de elite, verdadeira máquina de matar às voltas com o desajuste cotidiano, é Arnold Schwarzenegger, um canastrão musculoso *(Conan, O Exterminador do Futuro)* digno de Silvester Stallone. Sua maior façanha como Coronel Matrix não foi substituir os próprios dublês em cenas incluindo luta livre, saltos de alturas variadas, e um passeio a 100 km/h no trem de aterrissagem de um Boeing. Ou a operação de um verdadeiro arsenal — rifles, metralhadoras e submetralhadoras, disparadores de foguetes, granadas e pistolas, punhais e canos de ferro. Difícil mesmo foi arrancar dele um olhar amoroso para a filha ou um esgar de ódio para o arquinimigo.

Que Arnold não leia isto — ele não aguenta mais a fama de troglodita: "No Mery Griffin Show (um programa da TV americana) o anfitrião Shecky Greene fez uma pergunta qualquer, e eu dei uma resposta normal. 'Uau! Você sabe falar!', ele disse..." Mas que espanta, espanta.

O diretor Mark Lester insuflou bom humor à trama, e muito por conta da *doce-irônica* Cindy (Rae Dawn Chong, aquela da *Guerra do Fogo* e do clip carioca de Jagger), que ajuda Matrix a caçar os raptores de sua filhinha querida (Alyssa Milano, uma atriz estreante, de 11 anos) Outra opção inteligente de Lester foi driblar, cuidadosamente, as implicações políticas do enredo (que inclui golpistas de republiqueta latino-americana, de quem os raptores estão a serviço). Assim, o problema do mercenário Bennett (Vernon Wells, com um visual à Frankie *Gays* to Hollywood) a resolver com Matrix, de quem foi discípulo, é uma suspeitíssima relaçao de amor-e-ódio

Com todos esses temperos, muita ação e uma inverossimilhança que beira o surrealismo, *Comando para Matar* é um bom programa, e não só para os fissurados em armamentos modernos ou halterofilismo

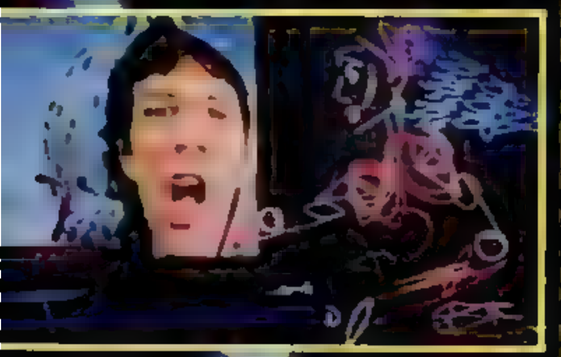
A A

JAGGER DIGITAL

Mick Jagger em carne e osso...

...e o seu clone computadorizado

...quando com a guitarra a guia cibernética...



...que o despacha de [illegible] a tela

Quem se esbaldou à grande com os *cartoons* digitalizados do clip criado para "Money For Nothing" — uma pequena gema de rockvídeo que serviu como ariete principal na invasão que o Dire Straits promoveu nos Estados Unidos ano passado — terá muito o que celebrar com "Hard Woman", outra preciosidade animada em computador que Mick Jagger protagonizou para promover o álbum *She's the Boss* no final de 85.

O famoso clipão dirigido por Julien Temple no Brasil está enterrado em alguma gaveta, ao que parece — não surgiu em *home video* (como se anunciara) e sequer apareceu na programação de especiais da MTV. Enquanto a espera se prolon[illegible] de [illegible] traça de seu primeiro álbum solo, regravou-a — transmutando, assim, de balada melosa num reggae musculoso — e vestiu o resultado com a maior sofisticação tecnológica que um clipável pode desejar nos dias de hoje: animação de computador.

"[illegible] Dire Straits já fez!", [illegible] mais ranheta. É [illegible] respondo, mas não [illegible] nem com o mesmo resultado. Enquanto o clip de "Money For Nothing" unia filme e gráficos computadorizados, o novo clip de Jagger utiliza a mesma tecnologia da [illegible] mais drástica possível — exce[illegible] segundos em que Jagger apar[illegible]ntando, *todas* as imagens dest[illegible] são "pensadas", geradas e a[illegible]das por computador, algo ined[illegible] gênero.

Dirigido por [illegible] Whitney, o próprio presiden[illegible] Digital Productions (que el[illegible] as sequências de *computer* [illegible]ics dos filmes *O Último Guer*[illegible]*as Estrelas* e *2010*), o clip é [illegible]imor. Do bom gosto da angula[illegible] da movimentação das "câm[illegible] imaginárias ao realismo dos [illegible]os (destaque especial para [illegible]-do-sol sobre as montanhas [illegible] semideserto mexicano), pass[illegible]elo tridimensionalismo das [illegible] (basicamente um Jagger [illegible]tadorizado, e mais uma *fe*[illegible]*ale* igualmente gráfica) e p[illegible]colha de cores, "Hard Woman" [illegible] clip, é o concorrente mais [illegible] que o vídeo de "Money For [illegible]ing" terá [illegible] MTV escolher seus pre[illegible] 1986.

J.E.R.

Fotos Paddy A. Lowry

OS CLIPS PASSADOS EM REVISTA

A história dos rockclips foi contada no museu Beaubourg, em Paris. *Silvano Michelino* ouviu tudinho, na maior atenção

Durante todo o mês de outubro e parte de novembro, o pequeno teatro no subsolo do Centre Georges Pompidou, em Paris, foi invadido por mais de 250 videoclips numa retrospectiva inédita para o gênero. E bastante completa — foram 22 programas que deram uma boa geral nos cinco anos de existência dos clips de rock.

Houve muito de tudo. Dos pioneiros — como o Queen, que em 1975 provou que os então chamados promovideos poderiam influir na vendagem de um disco, com o clip de "Bohemian Rhapsody" — aos mais vanguardistas, à frente destes o polonês Zbigniew Rybczinski, cujo clip para a música "Close to the Edit", do grupo Art of Noise, ganhou o prêmio de Melhor Edição na festa dos melhores da MTV do ano passado.

Cada etapa da evolução do clip como uma poderosa ferramenta de marketing foi retratada na exposição, batizada *Paysage du Clip*. Dos primeiros passos em direção a uma linguagem própria — cores saturadas e fumaça em "Vienna", do Ultravox — às tentativas iniciais de simular shows — "Babooshka", de Kate Bush — praticamente nada faltou, nem mesmo os trabalhos impressionistas e abstratos de David Bowie ("Ashes to Ashes").

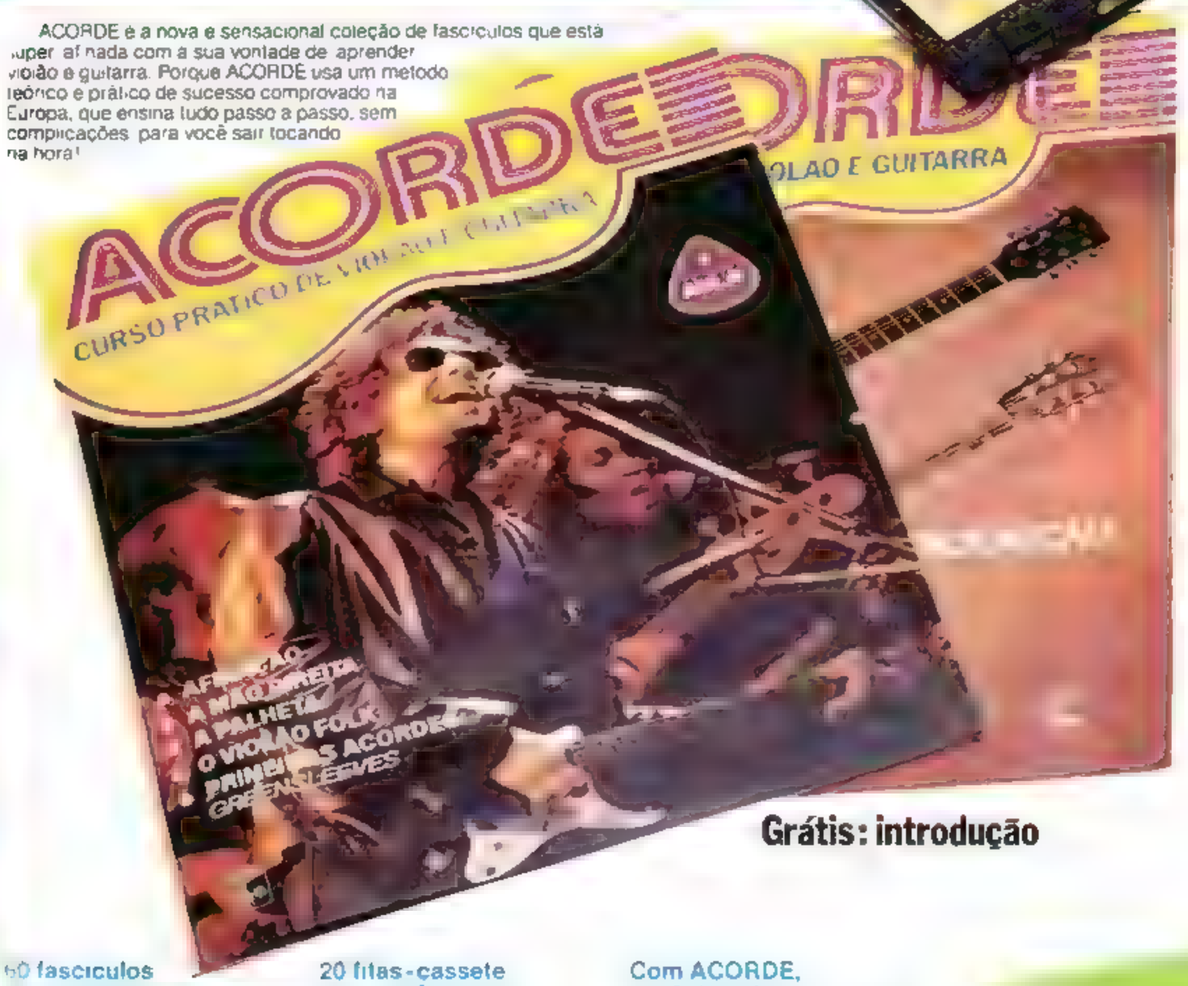
Destaque especial foi dado aos clips de Michael Jackson — principalmente os de "Billie Jean" e "Thriller", responsáveis diretos pela arrancada de 83 na carreira do cantor que resultou em 35 milhões de discos vendidos.

O festival do Beaubourg serviu, sobretudo, para mostrar como a quantidade prejudicou a qualidade dos clips, mas dentro da verdadeira salada clipográfica apresentada pode se pinçar alguns bons momentos, como os programas especiais dedicados à dupla de diretores Godley & Creme (ver BIZZ 2) e ao estúdio Cucumber, responsável pelos excelentes clips de animação criados para "Accidents Will Happen", de Elvis Costello, e "Genius of Love", do Tom Tom Club. E o Cucumber ainda deu ao público, de quebra, a première mundial (uma tremenda pernada na MTV) do primeiro clip de Miles Davis, "Decoy".

Aprenda a tocar violão e guitarra!

COM FITAS-CASSETE

ACORDE é a nova e sensacional coleção de fascículos que está superlotada com a sua vontade de aprender violão e guitarra. Porque ACORDE usa um método teórico e prático de sucesso comprovado na Europa, que ensina tudo passo a passo, sem complicações, para você sair tocando na hora!



Grátis: introdução

50 fascículos com muita música

Cada número de ACORDE vem com músicas escritas em notas (para quem sabe ler música) ou em esquemas fáceis de seguir por quem ainda não sabe ler as notas musicais. E também traz conselhos, dicas e a história dos instrumentos. Além das músicas apresentadas nas aulas, ACORDE vai mandando uma pasta com 84 páginas de partituras de grandes sucessos para você montar e utilizar como quiser.

20 fitas-cassete para você praticar

Em cada fita-cassete que acompanha ACORDE estão os músicos e os conjuntos especialmente convidados que irão ajudá-lo nas aulas. Eles têm toda a paciência do mundo para repetir os exercícios sempre que for necessário, só para você aprender melhor.

Com ACORDE, você dá o ritmo e o tom

ACORDE oferece um panorama completo dos estilos musicais para você aprender de tudo: samba, rock, jazz, música clássica e muito mais. E você escolhe a hora e a vez de estudar, nas horas vagas, junto com seus amigos, depois das aulas ou do trabalho, sempre que der um tempo.

Uma coisa é certa: no primeiro fascículo de ACORDE você já vai sair tocando.

Nas bancas

NOVA CULTURAL

Válido só para os Estados de SP, RJ, PR, SC, RS, ES e MS

WATERBOYS

A ressurreição escocesa do velho bom rock'n'roll

Estes não são, propriamente, uma novidade. *This Is the Sea*, seu novo LP, é o terceiro disco da banda. Ou o primeiro, se acreditarmos na imprensa inglesa, para quem os anteriores eram "uma coleção de *demos* (gravações de demonstração) ou uma salada de velhas canções e idéias primárias" (*Melody Maker*). Mas desta vez funcionou. Com uma produção adequada, as idéias do visionário líder do grupo, Mike Scott, emergiram como uma força misteriosa, impressionante.

Na verdade esse escocês está repetindo, à moda européia, a ressurreição do velho e bombástico rock'n'roll, um fenômeno majoritariamente americano — por enquanto. Isso inclui uma dose de orgulho nacional. Não que Scott vá ter, como Bruce Springsteen (de quem é fã confesso), que aguentar comparações mimosas do tipo Rambo & Reagan. Mesmo porque seria contrangedor ser conhecido como a "Margareth Thatcher do Rock".

E porque suas temáticas vão além do mero cotidiano da raça e da natureza, desencadeando os fantasmas da religiosidade e do sobrenatural. Bem na tradição do irlandês Van Morrison, outro de seus ídolos. É pouco a ver com a religião engajada do U2 (para quem os Boys abriram shows na turnê americana), de quem Scott, entretanto, não desgosta. Mas em suas próprias canções ele prefere adotar um ponto de vista mais pessoal. "Quando eu escrevo 'A sua vida é como uma igreja de grandes portas abertas', as pessoas intuitivamente sabem o que eu quero dizer. A religião é um poderoso depósito de imagens, porque está arraigada em cada um de nós desde eras muito primitivas."

A. A.

BRILLIANT

A banda mais preguiçosa da Inglaterra toma jeito. *Alex Antunes* conta como

Faz três anos que eles são "uma promessa", desde que o baixista Youth rompeu com o Killing Joke e fundou a nova banda de avant-funk & break. Desde então, incharam (chegando a oito membros, inclusive dois baixos e duas guitarras), incharam... e explodiram. Sobram alguns *singles* (só um deles memorável, "Soul Murder") e um trio entusiasmado, além de Youth, Jimmy Cauty (guitarra) e *lady* June Montana (*black* vocals).

O novo *single* é "It's a Man's Man's Man's World". Não, não é deles, a autoria é do *godfather of soul* James Brown — a preguiça continua". Não, não é uma mera regravação, é uma transmutação: na voz de June, esse hino chauvinista continua afirmando que o mundo é do homem — mas lembra que, sem uma mulher, não vale a pena. A idéia de gravá-lo foi da própria June, uma fã de Billie Holiday e Sarah Vaughan. O sucesso foi imediato.

Youth: "Nós *precisamos* ser populares! Nós *precisamos* estar na primeira linha do ataque da mídia na casa das pessoas, em todo lugar! Nós somos *pop*!" O moço se declara cansado de uma certa condição de *cult-group*: "Muita gente usa isso como desculpa para não se lançar para uma audiência maior."

O diabo foi quando estavam gravando o clip. Um dos fogos de artifício, que deveriam queimar sobre June, acabou incendiando o prédio da produtora em Oxford Street, em pleno centro comercial de Londres. Eles, é lógico, adoraram.

Foto Cláudia Dantas

Obina Shok, um grupo afro-brasileiro

OBINA SHOK

O futuro do rock é negro, como o seu passado. Quem profetiza é *Tom Leão*

Idiotas reacionários andam pregando que o rock brasileiro moderno morreu e ainda não sabe. Até movimentos anti-rock já estão se articulando em porões das grandes cidades. Mas o rock, embora explorado à exaustão pela mídia, não é um modismo, como patins e bambolês e já está devidamente incorporado nesta Terra de Santa Cruz. Quero chegar no seguinte: a próxima encarnação do rock já está traçada e bem fincada no solo daqui e do resto do planeta. O futuro do velho rock'n'roll é negro como foi seu berço, o reggae, os ritmos afro e derivados do soul e do funk são a resposta. No Brasil já temos o primeiro representante do que está por vir. Seu nome é Obina Shok.

Formado ano passado, em Brasília, por um senegalês (Jean-Pierre Senghor, vocais e teclados), um gabanês (Roger Kedy, vocais e guitarra) um surinamês (Winston, bateria) e quatro brasileiros (Henrique Hermeto, guitarra base e vocais, Maurício Lagos, baixo; Sérgio Couto e Helio Franco, ambos percussão), o Obina Shok resolveu fazer um tipo de música ainda pouco explorado aqui — misto de juju music, reggae, salsa e derivados —, mas que eles conheciam muito bem.

Os cabeças são Jean-Pierre (neto do poeta libertador africano Leopold Senghor, celebrizado por Bob Dylan numa das faixas do disco *Street Legal*) e Roger, ambos de fala mansa. Segundo eles, o nome Obina provém do dialeto lingala, do Zaire, e significa "transmissão de energia acumulada nas pessoas por um ritmo contagiante". Shok vem de choque, mesmo, no sentido de comoção, abalo emocional. Foi exatamente isso que aconteceu numa noite inesquecível no Parque Lage. Toda a eclética platéia — uma coleção de punks, *darks* e indefinidos — entrou em transe coletivo com o som do Obina: enquanto dançava, parecia flutuar.

MARIA ANGÉLICA (NÃO MORA MAIS AQUI)

Sônia Maia conta esta triste história de amor e morte

Uns adoraram, outros detestaram. Esta foi a reação do público frente às primeiras apresentações de Maria Angélica em São Paulo. De acordo, aliás, com a preferência do fetrista e vocalista Fernando Naporano: "Amor e ódio contra a pasmaceira. Não quero meio-termo. Pretendemos analisar o mundo através do absurdo... O rock'n'roll, por si, foi, é e será o recanto dos marginais." Os primeiros shows não negam essas propostas. Misturam rock dos anos 50 com pop e baladas. Na interpretação e letras, Fernando evoca um Vicente Celestino, valendo-se de uma ironia típica de um Jorge Mautner. Maria Angélica nasceu com Décio Medeiros (bateria) e Victor Bock (guitarra), responsável, ainda, por todos os arranjos. Victor acompanhou o movimento punk de 1982, quando montou um grupo que definiu como "suicida". Frequentava o Teatro Lusa, porão paulista do subúrbia e o mais cavernoso da época. Chegou até a tocar nos Inocentes. Décio brinca na bateria há quinze anos e trabalha como desenhista publicitário. Fernando, já velho conhecido como crítico de música, quase não entrou para a banda: "Eu não tinha coragem. Era muito tímido".

Quanto aos demais integrantes, Naporano explica: "Tem uns que moram por aqui e outros que não. Ninguém suportar nosso padrão de vida, horário, disciplina e rigidez". E cita Herberto Helder, poeta português: "Toda aventura criativa, assim como a criação, é uma derrota irrevogável. E se cria para morrer; e viver nisto e disto. Aos espectadores, obrigado por acompanharem a minha morte".

Foto Ricardo Brum

STYLE COUNCIL

Foto Cristiana Pompeu

THE PARIS MATCH

(Paul Weller)

Empty hours spent combing the streets
In daytime showers they've become my beat
[illegible]
Wish I knew where you are
Because you've coloured my mind
And now I'm all out of time

Empty skies say "try to forget"
Better advice is to have no regrets
[illegible]
Will I see you once more?
Because you've clouded my mind
'Till them I'm biding my time

(refrão)
I'm only sad in a natural way
And I enjoy sometimes feeling this way
The gift you gave is desire
The match that started my fire

Empty nights with nothing to do
I sit and think, every thought is for you
I get so restless and bored
So I go out once more
[illegible]
Feel like I'm wasting my time

(repete refrão)

[illegible]

Horas vazias passadas de rua em rua
Sob chuviscos que caem de dia, elas
se tornaram meu ritmo
Enquanto passeio de café para bar
Como eu queria saber onde você está
Pois você coloriu a minha mente
E agora estou totalmente por fora do tempo

Céus vazios dizem "tente esquecer"
Melhor conselho é não guardar mágoas
Enquanto piso sobre o chão do boulevard
Será que vou ver você outra vez?
Pois você nublou a minha mente
Até então estarei dando um tempo

(refrão)
Só estou triste de um jeito natural
E às vezes até gosto de me sentir assim
O dom que você me deu é o desejo
O fósforo que acendeu meu fogo

Noites vazias sem nada para fazer
Fico sentado pensando, cada pensamento vai para você
Fico tão inquieto e entediado
Que saio para as ruas de novo
[illegible]
Parece que estou desperdiçando o meu tempo

(repete refrão)

© 83 EMI Music Pub. Ltd

* *Match* tem três significados possíveis. (1) "fósforo" (2) disputa esportiva" e (3) uma "combinação perfeita". Paul Weller joga com os três dentro de um trocadilho com *Paris Match*, uma [illegible] intraduzível

Libere Marketing Direto Publicidade e Representações Ltda.

LIBERE NEWS

Rua Luiz Góis, 1491 - CEP 04043 São Paulo / SP

AGORA A NOSSA TIMIDEZ VAI ACABAR!

A timidez é coisa séria mesmo. Atrapalha a gente de maneira terrível. No amor, nas amizades e no trabalho ela está sempre estragando tudo. Um monte de pesquisas já foram feitas pra tentar acabar com a timidez.

Não é fácil: ela é uma coisa muito forte na gente. Mas descobriu-se o B.M. TELE COMAND, uma forma de acabar com a nossa timidez de vez.

É supersimples, ultra fácil de ser entendido, qualquer pessoa pode usar. Existem muitos rapazes assim como a gente que receberam o B.M. TELECOMAND e mudaram totalmente as suas vidas. No duro: deixaram de ser tímidos. E até começaram a conquistar garotas incríveis, conseguiram tudo o que quiseram. Você deve fazer como eles, deixe que o B.M. TELECOMAND transforme a sua vida pra melhor!

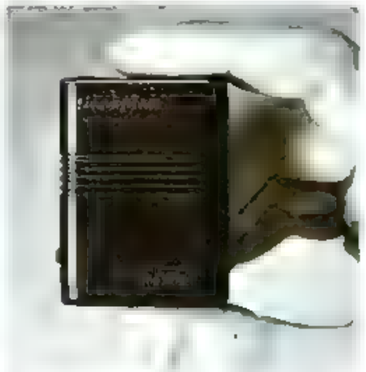
Cr$ 45.000

VEJA O QUE OS OUTROS NÃO ESTÃO VENDO!

Aposto que você sempre quis ver coisas diferentes. Afinal, você é uma pessoa curiosa, sempre querendo saber de tudo que está acontecendo. Só que muita coisa você não pode ver com os seus olhos, os astros, os cometas, algumas coisas mais curiosas, pessoas meio escondidas... Imagine só o que você poderá ver se tiver uma boa luneta ou um bom binóculo. Terá prazer de descobrir pistas, ficará de olho em alguém que você quer saber o que está aprontando, memorizar um monte de coisas que estarão por aí pra ver. Não é mesmo?

Num show ou no futebol você verá os artistas e as jogadas bem pertinho, como se estivessem do seu lado. Escolha seu binóculo ou luneta. Com eles nada será mistério para você.

Binóculo BG-M15 Grand Prix • aumento de 15 vezes	**Cr$ 160.000**
Binóculo BG-M50 Grand Prix • aumento de 50 vezes	**Cr$ 180.000**
Luneta LO-M12 • aumento de 40 vezes • Comprimento 345 mm Peso 95 g	**Cr$ 120.000**
Luneta Spiona • aumento de 10 vezes • Comprimento 253 mm Peso 120 g	**Cr$ 408.000**



As paredes já têm ouvidos!

Espionagem é uma mania que está dominando o mundo. As pessoas estão cada vez mais curiosas pra saber o que as outras estão falando a seu respeito. Aparelhos sofisticados estão sendo criados pra facilitar a escuta até através das paredes! Agora ninguém mais terá segredos!

Uma dessas invenções é o SCORPION, microfone espião do tamanho de uma caixa de fósforos! Isso mesmo; pequeno e superfácil de ser escondido. Com SCORPION, qualquer conversa poderá ser ouvida numa distância de até 150 metros, usando um simples rádio FM! Também poderá ser usado como baba eletrônica, funcionando com pilhas. Antes que espionem você, espione as pessoas!

Cr$ 165.000

Agora tenho o corpo de um herói!

"Eu sempre adorei ler histórias em quadrinhos como esta daqui. É tão emocionante, parece até que estou vivendo tudo isso. Vejo as rotas, os monstros, as lindas garotas que aparecem. Tudo é simplesmente [illegible] Sabe, eu sempre tive uma grande vontade: ter um corpo [illegible] dos heróis da revista. Um corpo bem feito, bonito de músculos. Um dia um amigo me mostrou o ISOTONICS.

Você nem vai acreditar: fiquei espantoso! Comecei a usar somente [illegible] minutos por dia e meus braços ficaram mais fortes, [illegible] pernas endureceram como pedra e meus ombros ficaram mais largos e modelados. Até consegui eliminar aquela [illegible] gordinha que tanto me incomodava. Fiquei tão feliz em ver [illegible] corpo nessa nova forma! Foi só seguir o **Princípio da Resistência Programada**, que vem bem explicado junto com o ISOTONICS, que tudo ficou mais fácil pra mim. Sabe, meu amigo, faça como eu use o ISOTONICS e fique também com o corpo de [illegible]. Que nem o meu."

Cr$ 90.000

Envie seu cupom para LIBERE MARKETING DIRETO E REPRESENTAÇÕES LTDA
Caixa Postal 57020 - CEP 04093 - SP

Sim, desejo receber os seguintes produtos:

Estou enviando ☐ cheque ☐ vale postal no valor de Cr$ _____

( ) Prefiro pagar ao retirá-lo(s) no Correio ao preço de Cr$ _____
(reembolso postal mais despesas postais)

Favor preencher com letra de forma

Nome: _____

End.: _____ Nº _____

Apto. _____ Tel.: _____ Bairro _____

CEP: _____ Cid. _____ Est. _____

	Cheque ou vale postal	Reembolso postal
☐ B.M. Tele Comand	45.000	80.000
☐ Scorpion	165.000	180.000
☐ Luneta Spiona	408.000	430.000
☐ Luneta LO-M12	120.000	140.000
☐ Binóculo - BG-M15	160.000	180.000
☐ Binóculo - BG-M50	180.000	200.000
☐ Isotonics	90.000	108.000

Faça o seu pedido por telefone: (011) 579-5140

M 22 07

O FUTURO (PRESENTE) DA NAÇÃO

OS MELHORES DE 1985 - REVISTA BIZZ

LEGIÃO URBANA

MELHOR GRUPO DO ANO

LEGIÃO URBANA

MELHOR LP NACIONAL

LEGIÃO URBANA

MELHOR VOCALISTA

A EMI ENVIA UMA LEGIÃO DE PARABÉNS.

Artista exclusivo EMI

MORDOMIA JÁ!

AGORA VOCÊ JÁ PODE RECEBER EM SUA CASA, A MARAVILHOSA MODA PRAIA

REF. 1 - MOCHILA ALOWA 3 9 (AZ VERM VD)	160.000
REF. 2 - CAMISETA (EM CORES) *	160.000
REF. 3 - SHORTS (AZ VERM AMAR)	140.000
REF. 4 - REGATA (EM CORES) *	98.000
REF. 5 - CAMISETA (EM CORES) *	160.000
REF. 6 - CAMISETA (EM CORES) *	160.000
REF. 7 - CAMISETA (EM CORES) *	160.000
REF. 8 - CAMISETA (EM CORES) *	160.000
REF. 9 - CAMISETA (EM CORES) *	160.000
REF. 10 - CAMISETA (EM CORES) *	160.000
REF. 10 - CAMISETA (EM CORES) *	160.000
REF. 12 - CAMISETA (EM CORES) *	160.000
REF. 13 - CHINELO DOUBLE FACE	25.000
REF. 19 - CAMISETA (HOT ESTAMPA) **	90.000
REF. 15 - CAMISETA (HOT ESTAMPA) **	90.000
REF. 16 - CAMISETA (HOT ESTAMPA) **	90.000
REF. 17 - CAMISETA (HOT ESTAMPA) **	90.000
REF. 18 - CAMISETA (HOT ESTAMPA) **	90.000
REF. 19 - CANETA (PED MIN 2 UNID)	25.000
REF. 21 - ADESIVO (PED MIN. 2 UNID.)	20.000
REF. 22 - CHAVEIRO FLUTUANTE (PED MIN. 2 UNID.)	25.000
REF. 23 - CHINELO (AZUL VERMELHO)	120.000

* CAMISETAS CORES: LILAS, AMAR., BRAM., AZ., ROIAL, VERDE, PINK E VERM.

** CAMISETAS HOT ESTAMPA CORES: VERM, VERDE, PRETO, BRANCO E AZUL

GARANTIMOS ENTREGA RÁPIDA DOS PRODUTOS

APROVEITE NA COMPRA DE 1 CAMISETAS OU SHORTS VOCÊ GANHA 1 CHAVEIRO FLUTUANTE

MANDAMOS UM ADESIVO GRÁTIS EM CADA PEDIDO

NÃO FIQUE BOIANDO
PEÇA JÁ!

MANDE SEU PEDIDO P/ J.A.L. COELHO COML. LTDA.
AV. JABAQUARA, 1189 - SÃO PAULO CAPITAL CEP 04045
OU ORD.PAGTO.P/ BRADESCO C/C 58.141-0 - AG. 0120
OFERTAS VÁLIDAS ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO

QUANT	REF	COR	TAM

DAREMOS PRIORIDADE DE ENTREGA PARA PEDIDOS C/ CHEQUE

8132 07

Armandinho, rei da guitarra baiana, cruza ferro e afoxé com Hendrix

Foto: Cláudia Dantas

ARMANDINHO

O homem que enfiou o frevo na tomada

Filho de Osmar, um dos criadores do trio elétrico, do frevo eletrificado e da guitarra baiana aos 7, 8 anos de idade Armandinho já empunhava bandolins e cavaquinhos. Estes vinham do regional (conjunto de chorinho) do pai, uma tradição familiar que deu a pedra de toque para o estilo que Armandinho desenvolveria com o Trio Elétrico Dodô & Osmar e A Cor do Som.

Essa base de chorinho seria completada anos depois, com a descoberta dos Beatles e — depois — Jimi Hendrix. ("Foi ele realmente que criou a linguagem própria da guitarra, toda aquela distorção.") Praticamente da noite para o dia, deixou o bandolim no canto mais próximo e descolou sua primeira guitarra elétrica. Aprendeu sozinho mesmo. "Não foi difícil, àquela altura eu já tinha mais que uma noção de música e dedilhado, além dos dedos calejados." Quem conhece a versão trioeletrizante de "Eleanor Rigby" (que ele gravou tanto com Dodô & Osmar quanto com A Cor do Som) sabe do que ele está falando.

Mas sua paixão é mesmo a guitarra baiana, com seu peculiar e estridente timbre diretamente associado aos alto-falantes de "corneta" que fazem as vezes de caixa acústica no caminhão do trio elétrico. Originalmente idêntica ao bandolim em termos de afinação e número de cordas, ela acabou sofrendo uma alteração nas mãos de Armandinho. Suas quatro cordas foram aumentadas para cinco, com o acréscimo de uma mais grave, para solucionar a limitação aos agudos que ele sempre viu no instrumento (ver *Ficha Técnica*).

Armandinho lembra ainda que a criação da guitarra baiana pelo misto de músico e engenheiro eletrônico Dodô, no início da década de 50, foi um ato do mais autêntico pioneirismo nativo. Por conta própria, Dodô chegou à mesma solução dada por americanos como Leo Fender ao problema da microfonia. A solução foi o corpo de madeira maciça, que Dodô desenvolveu ali mesmo no fundo de seu quintal. "Ele simplesmente amarrou uma corda sobre um pedaço de pau acoplado a um captador e viu que funcionava... que não apitava mais daquele jeito irritante com apenas um pouquinho de volume, quando o instrumento ainda tinha caixa de ressonância."

Desde que deixou A Cor do Som, é essa a paixão que o consome. A guitarra elétrica é usada esporadicamente, quase que só no aconchego de sua casa ou em uma e outra gravação. Para ele, uma só guitarra baiana faz carnaval, e até extrapola o reinado de Momo: pode ser encontrada em seu colo durante as quatro estações.

Autodidata convicto, pondera que sua formação técnica, no que diz respeito ao uso de distorção e similares, veio toda à base de sua experiência pessoal, testando amps e pedais com apenas sua guitarra baiana em mente.

Essa obsessão levou Armandinho, alguns anos atrás — desgostoso com a guitarra baiana fabricada pela Del Vecchio —, a levar um projeto completo à Giannini. "Eles não se interessaram." *JAL*

FICHA TÉCNICA

DA PEDALEIRA AO AMPLIFICADOR

O bandolim elétrico de corpo maciço conhecido como "guitarra baiana" foi criado por Dodô do Trio Elétrico Dodô & Osmar, e até hoje, segundo Armandinho, é um instrumento artesanal. A Del Vecchio chegou a fabricar o instrumento no final dos anos 70, mas não deu muito certo. A guitarra baiana atualmente utilizada por Armandinho foi feita pelo célebre luthier paulistano Vitorio.

No setor guitarra, Armandinho confessa que já teve uma Fender Stratocaster, mas que hoje está contente com o seguinte trio: uma Gibson Les Paul, uma Hohner (alemã) e uma Yamaha novinha em folha. Seu amplificador é um Roland Jazz Chorus — que se adapta bem tanto a guitarra normal quanto a guitarra baiana, o que não acontecia com seu Fender Twin Reverb. Outra engenhoca recentemente descartada foi o sintetizador para guitarra Korg: "Começou a dar problema, mas eu adoraria ter uma guitarra baiana sintetizadora como a GR da Roland".

No setor pedaleira, Armandinho fecha com a marca Boss — são dela o seu delay *(antigo, analógico ainda),* distortion, flanger *e* oitavador. *Este último, segundo ele, é fundamental, no seu trabalho, para ampliar o alcance em altura da guitarra baiana até o território dos médios e graves. Agora, para compor, ele usa mesmo um violão e um bandolim acústico.*

FIBER
Newline

FIQUE POR DENTRO DESTE SOM

A Giannini está lançando uma nova linha de violões que você não pode deixar de conhecer. Fiber New Line. Eles possuem características técnicas que permitem um resultado final muito superior a maioria de seus concorrentes. Os Fiber New Line podem ser tocados tanto acusticamente como amplificados pois foram desenvolvidos de maneira a realizar bem as duas funções. E, com certeza, depois que você conhecê-los por inteiro, não vai tocar em mais nenhum.
Fiber New Line - A fibra do som.

Você encontra a linha Fiber New Line nas versões Fiber Tone, Cutaway e Slim nas cores: caixa preta com tampo Red Cedar, caixa café com tampo sunburst e caixa cinza com tampo moonburst. A versão Fiber Tone só é fabricada em caixa preta com tampo Red Cedar.

Giannini
O SOM MAIOR

CARTAS E SERVIÇOS

ERRAMOS

As leitoras **Márcia R. Gouveia (SP), Patrícia Marcelino (MT), Elizabeth Carvalho (PE), Patrícia Amorim (SP), Solange M. Mainent (MG)** *e o leitor* **Ayrton L. Falcao F.º (PB)** *nos escreveram, corrigindo dois enganos na matéria com o Nick Rhodes (BIZZ 3): na introdução o correto é* Roger Taylor *(ao invés de Robert), e a ordem certa, na foto do Duran, é* Simon, Andy, John, Nick e Roger. *Outro erro nosso, na sessão Visual Cinema (BIZZ 5): a atriz Kelly LeBrock contracena, em* Mulher Nota Mil, *com Gene* Wilder, *e não com Gene . Kelly!*

BRONCAS

. A sessão Showbizz e a Heavy Metal são simplesmente frustrantes Não dizem nada, pior que político no horário do TRE. Façam menos sessões, e caprichem mais na elaboração das mais importantes, 'ok'? Outra coisa, não coloquem mais esses disquinhos "brinde" que encarecem o produto;' se alguém quiser um disco do Ultraje, do Hendrix ou da Janis, a própria pessoa compra Melhorem, *please*, sob o risco de perder uma leitora, pois o meu dinheiro não é capim'

Mayra C. de Mattos
(Novo Hamburgo - RS)

MAIS BRONCAS

Como membro do grupo Elite Sofisticada, não entendo como o Alex Antunes, se julgando capaz de fazer uma crítica sobre um disco, pôde nos comparar e chegar ao cúmulo de dizer que "imitamos" o Capital Inicial. Que ele pelo menos nos indique onde se passa tal atitude e não, simplesmente, jogue numa revista como essa, que parece estar num nível bom, uma frase tão idiota, mal explicada e mal esclarecida

Rogério Lopes
(Brasília - DF)

O Alex Antunes responde: "À parte o respeito que a BIZZ tem pelas bandas ainda não consagradas (vide a sessão Porão etc.), podemos partir de uma constatação: a imitação de certos 'modelos' é uma constante — e nem por isso muito justificável — no rock nacional Temos brilhantes imitadores do Police, que também ouvem Madness temos, e teremos mais, imitadores dos Smiths, e por aí afora O som da primeira e segunda gerações de bandas de Brasília girou em torno de certas referências comuns. Lógico, com especificidades: a Elite sempre se identificou mais com o som da Plebe Rude (e o seu nome é uma clara réplica a ela). Até por isso foi surpreendente ouvir na faixa 'Fuga', da coletânea Rumores, *um vocal inegavelmente parecido com o do Dinho e o instrumental com o do Capital".*

CORRESPONDÊNCIA

Gostaria de trocar informações e ideias com jovens de todos os sexos, que amem: Cure, Joy Division, New Order, Bauhaus, rock Brasília, Cocteau Twins, Jesus and Mary Chain, Sisters of Mercy, Style Council. Prefiro quem lê Nietzsche ou similares. Também troco fitas gravadas. **Eduardo N. Souza, R. Pereira da Silva, 65/902, CEP 24220. Niterói - RJ.**

DISCOS

Compro, em bom estado, os LPs *Exile on Main Street* (Rolling Stones), *The Sun Sessions — 1954/1955* (Elvis Presley) e *Low* (David Bowie). **Maria Lucia M. Marques, cx. postal 163, CEP 14940. Ibitinga - SP.**

Troco os LPs *Women and Children First* (Van Halen), *The Grand Wazoo* (Frank Zappa & Mothers), *Who Are You* (Who), *Wovava* (Osibisa), *Fresh Fruit in Foreign Places* (Kid Creole & Coconuts) e ainda April Wine por discos de Laurie Anderson, Talking Heads, Blondie, Sex Pistols, Pretenders, Joan Armatrading, Joan Jett e outros. **Naira F. Carvalho, R. Major Ferreira, 101, CEP 28800. Rio Bonito - RJ.**

MÚSICOS

Baixista e vocalista, compositor procura banda que curta David Bowie, Lou Reed, Eno. Contatos com **Pedro, tel. 265-6468 (manhã). Rio de Janeiro - RJ.**

Baixista e guitarrista de rock, admiradores de jazz, funk, hard, Smiths, estão à caça de baterista, percussionista, tecladista, vocalista (ou eventualmente outros instrumentistas) munidos de instrumento e de certa experiência, na expectativa de que tragam sua contribuição para formação de banda com repertório próprio. Contatos com **Luiz (tel. 571-7322) ou Alcides (tel. 278-2406). São Paulo - SP.**

ANARQUISMO

O Centro de Documentação e Pesquisa Anarquista, inaugurado no dia 8 de outubro de 85, aceita qualquer documento, folheto, livro ou informação sobre Anarquismo, assim como deseja manter correspondência com interessados no tema **CDPA, cx. postal 2540, CEP 40021. Salvador - BA**

FÃ-CLUBES

Vírus Vírus Fã-Clube. R. Edson, 981, ap. 72, CEP 04618 São Paulo - SP

Bruce Springsteen Amigo Herói Bruce Springsteen Fã-Clube. R Hilda Bergo Duarte, 30, CEP 79800 Dourados - MS

Rita Lee Fã-Clube . Cx. postal 8907, CEP 01051. São Paulo - SP

Elvis Presley Elvis Presley's Kingdom. Cx. postal 6844, CEP 80000. Curitiba - PR

Deep Purple Sociedade dos Apreciadores do Deep Purple. Cx. postal 2960, CEP 01051 São Paulo - SP

O leitor **Altair O. Alves** *(Travessa da Confiança, 45/102, CEP 21210, Rio de Janeiro - RJ) tentou entrar em contato com o Duran Duran Fã-Clube (r. Abaeté, 201, CEP 90000, Porto Alegre - RS), mas a carta foi devolvida pelo correio. Alô, duranies gaúchos! Escrevam para o Altair e para a gente, confirmando esse endereço.*

Não perca essa oportunidade de completar sua coleção de BIZZ

Se você marcou e não tem todas as edições de BIZZ, tudo bem. Ainda dá tempo.
As seis primeiras edições estão na mão e pelo mesmo preço da revista que está em banca.
Para receber os números que você ainda não tem, envie o cupom abaixo para. Revista BIZZ, Editora Abril, Estrada Velha de Osasco, 132, Cep 06000 - Osasco - SP, aos cuidados de "Numeros Atrasados".

Desejo receber pelo reembolso postal os números atrasados, assinalados abaixo com um X, pelo preço da última edição em banca, mais despesas postais, que pagarei ao retirar no correio.

EDIÇÃO Nº	1	2	3	4	5	6

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

CEP _____ ESTADO _____

Se você não quiser recortar a sua revista, copie numa folha a parte ou envie uma cópia xerox.

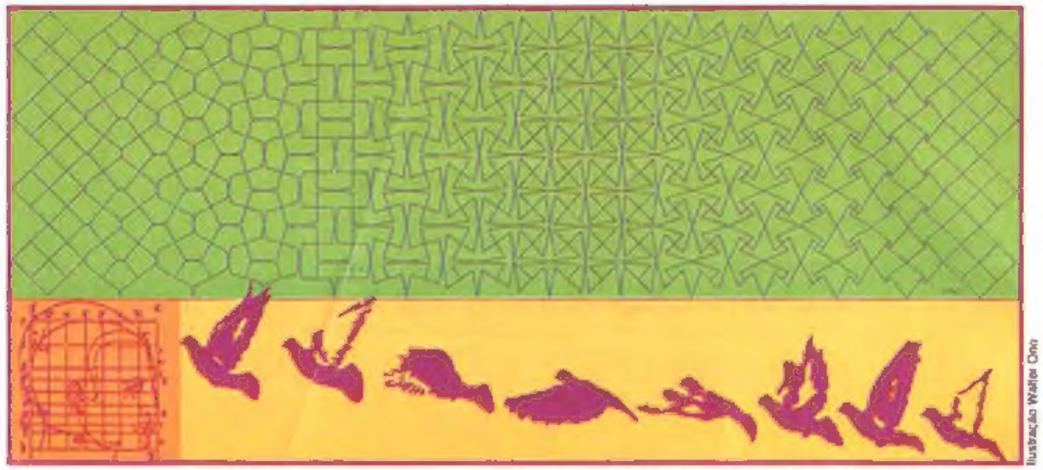


Ilustração Walter Ono

Computadores aprendem a pensar

Os computadores, como os conhecemos hoje, são meros mastigadores de números. Seguem conjuntos de instruções seqüenciais para resolver um problema, localizando todas as informações de uma forma literal, passo a passo.

Eles vão mudar muito num futuro próximo, se depender de estudos avançados em torno do computador de quinta geração que estão sendo feitos no Japão. Estas máquinas são a linha de frente da chamada inteligência artificial. Ou seja, simulam, com certa aproximação, o pensamento humano. Manipulam idéias, e não números. Lembram por associação ou categoria, em vez de percorrerem longas listas, e trazem soluções, e não dados estatísticos.

A primeira fase do projeto do Instituto para Tecnologia de Computação de Nova Geração, em Tóquio, foi a montagem de um complexo de milhares de peças, batizado de máquina de banco de dados relacional. Trocando em miúdos, é um vasto banco de memória de conhecimento pertinente. Inclui milhares de objetos e as características que os definem. E contém as relações entre um objeto e o próximo. Suponhamos, por exemplo, que um destes objetos seja um pintassilgo. Na memória, ele ocupa mil bits, ou caracteres, com a descrição de sua cor, tamanho, peso etc. Outro objeto pode ser a palavra pássaro, definido por outros mil caracteres. Implícita na memória, estaria a conexão entre os dois — pintassilgos são pássaros. Os bancos de dados apresentariam seus objetos, suas definições e as conexões em forma simbólica. Estes símbolos seriam unidades processadas tão eficientemente quanto dados numéricos nos computadores atuais.

Foi um passo adiante. Mas a máquina estava longe de pensar. No mesmo ano, 1983, a equipe apareceu com outra engenhoca, o processador seqüencial de inferências. Os computadores tradicionais processam dados matematicamente, somando, subtraindo, multiplicando ou dividindo, para chegar a uma resposta. O processador processa pedaços de conhecimento, ou inferências lógicas, para analisar uma situação do tipo: se um pintassilgo é um pássaro e pássaros voam, então pintassilgos voam. A máquina é capaz de mostrar as exceções ao caso. E mais: emas, por exemplo, são também pássaros, mas não voam. Já o dodô não só não voa como está extinto.

Os japoneses tomaram emprestada uma linguagem de computador chamada Prolog *(programming in logic)*, inventada na França e Inglaterra, capaz de processar um milhão de inferências lógicas por segundo. Sabem, porém, que, para se aproximar do raciocínio humano, uma máquina precisa trabalhar com rapidez muito maior. Por isso, tentam trabalhar com diversos processadores trabalhando em paralelo. Milhares deles formariam uma rede nervosa semelhante ao cérebro, cada um trabalhando numa pequena parte do problema em questão. O uso disseminado dessas máquinas não vai surgir tão logo. Mas os japoneses trabalham a mil e prometem surpresas.

Femi Kuti, o filho de *Fela Kuti*, arrasou em um especial de música nigeriana exibido aqui. Fela, o soberano dos ritmos afros mesclados com funk, continua na cadeia, mesmo com golpe na Nigéria. Mas seu espírito sobrevive. Femi é um autêntico James Brown da selva. Outro estouro afro em Londres foi *Touré Kunda:* três irmãos senegaleses com forte jogo de cintura. Têm um impecável LP ao vivo gravado no Japão. Lá no Oriente tudo bem. E no Brasil? Quando os executivos da multissonoras vão acordar para a música africana?

Foto EMI

Frankie Goes to Hollywood, aquele grupo de bichas high tech, e o negrão da pesada Edwin Starr apareceram na BBC comparando versões da antológica "War". Não precisa dizer que o soul de Starr implodiu os gemidos tecnotrônicos de Trevor Horn e os ZTT-boys.

...E passamos a transmitir diretamente de London Town ao som de "Can your Pussy Do the Dog", dos *Cramps*, sem dúvida o grande clássico libidinal dos últimos meses. É o "rock das aranhas", versão costa oeste dos EUA.

Sly Dunbar e *Robbie Shakespeare*, from Jamaica, a maior seção rítmica do planeta, está a caminho do break. A culpa é de seu produtor, o ubíquo *Bill Laswell*, que tem mais horas de mesa de som do que uma multidão do meio discográfico internacional. O resultado, em "Make 'em Move", é de tirar o sono do entortador de cangotes Afrika Bambaataa.

Paula Yates é a namorada de Bob "Madre Teresa" Geldof. É uma blondinha torpe. Apresenta o *The Tube*, no canal 4, o melhor programa musical da TV inglesa. Apresenta, não: fala blondices desconexas. Andou posando para a *Penthouse*. Não é muito gostosa. Bob, o defensor dos famintos e oprimidos, fez que não viu. Como se vê, idiotias são idiotias em qualquer lugar do mundo.

Por falar em *The Tube*, o **Brasil** apareceu no dito, com gafieira, pandeiros acrobáticos e tropicalices do gênero. O apresentador ficou perplexo. Batucada ganha qualquer um. **A Certain Ratio** — a banda que certas bandas paulistas dariam a vida para conseguir imitar com certa competência — abriu para o **New Order** com show chocho. Quando começaram a batucar, tacaram fogo na platéia.

O santo **Bo Diddley**, praticamente o inventor da guitarra chunkachunka, mestre inspirador, entre outros, dos Stones e dos Animals, tocou por apenas uma noite em um clubinho na zona norte da cidade. Um respeitável senhor a caminho da obesidade e com óculos fundo-de-garrafa. Bo não precisou fazer nada para a platéia urrar "Mona", "Who Do You Love" e outros sucessos. Mas quem roubou o show foi seu "parceiro": nada mais nada menos que **Wilko Johnson**, ex-Doctor Feelgood, considerado por muitos o melhor guitarrista de rhythm'n'blues da Europa.

Pau mercadológico para conquistar o consumidor londrino — talvez o mais exigente do mundo. A supercadeia americana Tower Records — com lojas nos EUA, Havaí e Japão — instalou-se escandalosamente em Piccadilly Circus. Vende inclusive prensagens americanas a preços altamente competitivos. Agora são três na "guerra das estrelas"; a Tower, a HMV e a Virgin Megastore, esta última reformulada e com praticamente *tudo* em estoque.

A má consciência — e o bom marketing — lubrificam os tentáculos da indústria pop. *Robert Wyatt* e *Jerry Dammers* (ex-Specials) fizeram uma musiquinha para ajudar o povo da Namíbia. Só que a música mãe e deles são cantos de libertação namibianos travestidos. Para chiar contra a apartheid na África do Sul, saiu "Sun City", o LP produzido pelo não menos ubíquo *Arthur Baker*, com *Peter Gabriel*, *Lou Reed*, *Bob Dylan*, *Bono Vox*, *Ringo Starr*, *Jackson Browne* e um cast de milhões. A melhor — e mais pertinente — definição a respeito foi a de *Miles Davis*: "A África do Sul me faz vomitar"

Foto Sipa Press

Pepe Escobar

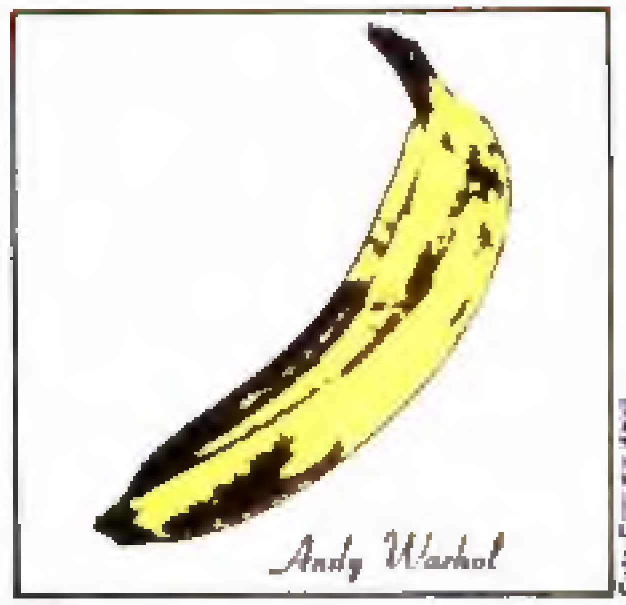


Foto Estúdio Abril

THE VELVET UNDERGROUND & NICO *(1967)*

Dizem que 1967 foi o ano em que "tudo aconteceu" — tudo sendo a linha divisória do psicodelismo, decretando o fim da música pop como reduto das fantasias ingênuas e adolescentes. No vinil, a marca incicatrizável é composta pelo "tripé básico" — *Sgt. Pepper's* dos Beatles (BIZZ 1), o primeiro dos Doors (BIZZ 5) e o primeiro do Velvet Underground.

Os Beatles, fundindo contrapontos bachianos com filosofia oriental, não estavam (muito) distantes dos contrapontos jazzísticos com tragédia grega dos Doors. Em ambos está a aspiração a fazer Arte a partir do velho rock'n'roll. Já o "subterrâneo de veludo" (nome tirado de um barato livrinho pornô) trazia a metamorfose mais radical. Em miúdos: agressividade gratuita convivendo com o mais acre-doce lirismo, e o mais preto-branco realismo urbano. O que era LSD para John Lennon e Jim Morrison, era a heroína ("minha esposa/ minha vida", na faixa "Heroin") para Lou Reed. Nenhum papo de "all you need is love" nem "light my fire". "Botas de couro preto reluzindo no escuro/ Experimente o chicote", cantava Lou, ele também de couro preto e óculos escuros (na faixa "Venus in Furs", inspirada no romance homônimo de Leopold Sacher-Masoch). Qualquer semelhança com o punk ou com o David Bowie pré-*Ziggy Stardust* não é mera coincidência.

Compositor cativo de (tentativos) hits bobinhos — contratado para isso pelo selo Pickwick —, Lou Reed conheceu um galês muito estranho no ano de 64. Eles tinham em comum a formação erudita — Lou como pianista e John Cale como discípulo de vanguardistas como LaMonte Young.

Na concepção Velvet, Lou faria letras e vocais enquanto John cuidaria do baixo, dos teclados, dos arranjos e instrumentos esdrúxulos, como violinos e violas. Além disso, Lou e Sterling Morrison tocavam guitarra rítmica com tamanha demência e descompasso que, até hoje, 99% dos produtores jamais admitiriam a dupla dentro de uma gravação "séria". Está aí a chave de um dos momentos mais picantes de *Velvet Underground & Nico*. É a faixa "Run Run Run", que culmina num duelo de guitarras saturadas e distorcidas, raspadas com toda a força do punho — ou seja, a guinada anti-Hendrix que os punks "criaram" em 76 e que David Byrne dos Talking Heads enxugou e dilapidou para transformar em estilo.

Em torno de Cale e Reed, arregimentaram-se as seguintes peças: o já citado Morrison e, suprema audácia, uma mulher baterista. Munida apenas de caixa, bumbo e um chimbau com pandeiro, Maureen "Mo" Tucker limitava-se a marcar o tempo com a seca displicência que faria Billy Cobham e similares darem meia-volta e fugir pela culatra.

Meses depois — no começo de 66 — o grupo passou a tocar toda semana no Café Bizarre, no bairro nova-iorquino de Greenwich Village. Foi aí que apareceu o artista plástico e catalizador em geral, Andy Warhol, que os integrou a seu show multimídia itinerante, o lendário *Exploding Plastic Inevitable*. Mais que isso, Warhol obrigou o Velvet a incorporar uma atriz e modelo alemã — a espectral e imóvel Nico — como cantora.

As quatro músicas que Nico canta no LP dão o perfeito contraste para o mundo das sombras descrito obsessivamente por Lou Reed. Na superfície, parecem até baladas da mais solar e melódica doçura. Chegue mais perto que dá para ver a lâmina. Como em "Sunday Morning", que Lou compôs quando Warhol o provocou para fazer uma letra sobre a paranóia — o velho albino a considerava o tema mais quente e universal do momento (isso no auge do "flower power"!). Um violão é delicadamente dedilhado, e o sotaque teutônico de Nico sussurra: "Cuidado! O mundo está atrás de você/ Há sempre alguém à sua volta".

J.A.L.

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Loriggio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO

Chefe de Redação: José Eduardo Mendonça
Editor: José Emilio Rondeau
Consultor Especial: José Augusto Lemos
Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Ferraz
Repórter: Luisa de Oliveira
Chefe de Arte: Cristina Canabrava Arruda. **Chefe de Paginação:** Rodolfo Tucci. **Diagramador:** Cleber V. Garcia
Produtor de Texto: Jorge Toth
Atendimento ao Leitor: César Garcia Lima
Assistentes de Promoções: Ana Lucia Dip Deiron, Sônia Maia
Colaboradores - Texto: Alex Antunes, Alexandre Dines, Alvin Vogt, Ana Maria Bahiana, Antonio Carlos Miguel, Bia Abramo, Carla Gullo, Carmen Pereira, Jamari França, Lauro Machado Coelho, Leopoldo Rey, Marco Antônio de Menezes (New York), Pepe Escobar (Londres), Silvano Michelino (Paris), Tom Leão. **Fotos:** Angelo Pastorello, Claudia Dantas, Geraldo Luis Gomes, Mauricio Valladares, Rudy A. Louro, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press - Gerente: Miriam Mitoni. **Escritórios - Milão:** Laura Ceris - International Business Centre, Corso Europa, 12. Phone 02 54 58331 e 54 58212 20122 Milano. Telex 331585 e 332805. **Nova York:** Odilio Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Telex 237670. Phone (212) 5990 5993. **Paris:** Pedro de Souza, 33 av. Champs Elysees, 2.º B, Bureaux 213 bis 214, Paris 75008. Phone 42 25 58 85. Telex ABRIL PA 660731F

Departamento de Documentação - Gerente: Aura Rojas Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

Gerente Comercial: Sandra Carvalho
Gerente de Publicidade: Carlos Alberto F. de Araujo
Representantes: Ricardo Corte Rea, Marcia A. de Andrade
Coordenadora de Publicidade: Rosângela Garcia de Souza Lima
Rio - Gerente: Getulio T. Batista. **Representante:** Raimundo Maia
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves
Brasília: Gilberto Amaral de Sá
Curitiba: Angelo A. Ceali
Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza: Alcysio Carreri Filho
Porto Alegre: Eckehard Engel
Recife: Edmilson R. Oliveira
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anúncios para Terceiros: Vicente Castaldi Filho
Diretor de Propaganda: Roberto Pedroso
Diretor Administrativo: Pedro Frazão

EDITORA ABRIL

Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydée Gomes Guerreiro
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Nowinski
Diretor Adjunto de Circulação: Roberto Galvano
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

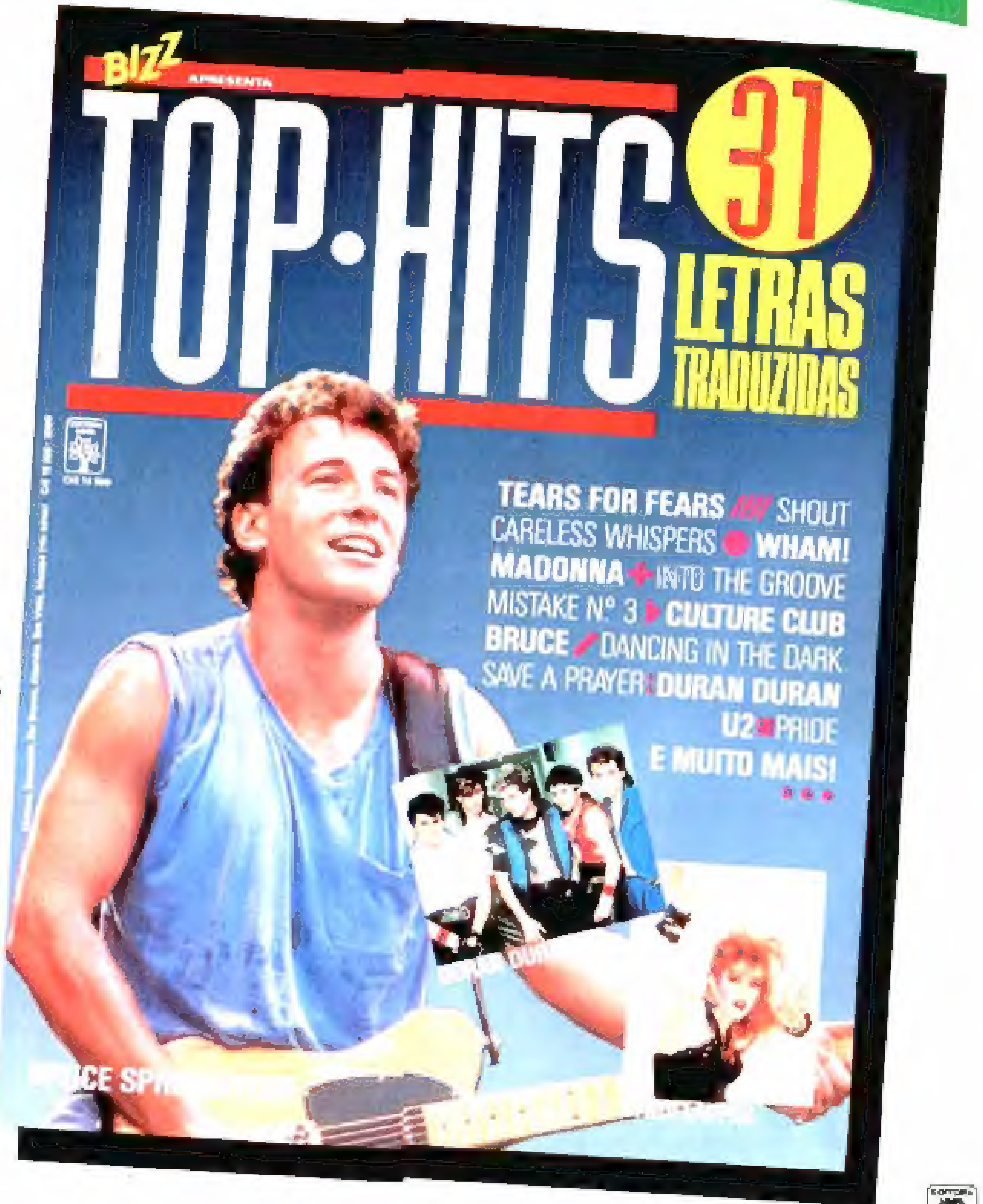
Diretora Responsável: Lígia de Lima Dória Castelo

Bizz é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** [illegible] **Administração:** [illegible] **Escritórios - Belo Horizonte:** [illegible] **Brasília:** [illegible] **Curitiba:** [illegible] **Florianópolis:** [illegible] **Fortaleza:** [illegible] **Porto Alegre:** [illegible] **Recife:** [illegible] **Rio de Janeiro:** [illegible] **Salvador:** [illegible] **Distribuidor em Portugal:** [illegible] **Números atrasados:** [illegible]

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

The hit parade lyrics that you enjoy are here. Translated.*

* As letras dos sucessos que você gosta estão aqui. Traduzidas.



Chegou Top Hits, uma edição especial da revista Bizz. São as melhores letras das paradas de sucesso, traduzidas. Nenhuma outra revista traz tantos Hits reunidos, além de mostrar tantas fotos transadas de seus ídolos. Top Hits. Uma revista feita para se cantar e entender o que está cantando. Do you understand, my friends?

Nas Bancas

BROWN SUGAR BLUES

Foto Rui Mendes

José Augusto Lemos

"De Billie Holiday a Sid Vicious, a heroína matou muitos talentos — o número de anônimos é muito maior"

Pois é, "açúcar marrom" ou "mascavo" são alguns dos apelidos carinhosos que a heroína conquistou ao longo do tempo. Mas — numa aproximação grosseira, porém ilustrativa — uma seringa com alguns cc desse pó estaria para uma cachimbada de ópio assim como um quilo de açúcar refinado está para um copo de garapa. *Sugar blues* é isso aí.

De Billie Holiday a Sid Vicious, a heró matou muitos talentos — o número de anônimos é muito maior, deve estar pau a pau com as estatísticas de vítimas do álcool e do tabaco.

Os sobreviventes são outra história. Eric Clapton e Keith Richard tiveram de trocar, gota por gota, o sangue do corpo em clínicas suíças. James Taylor e Iggy Pop tiveram de amargar dias, meses, anos em clínicas de recuperação — sofrendo as náuseas e tremores da "síndrome de abstinência", quando cada segundo é um século no limbo. As agonias da "síndrome de abstinência" estão descritas com conhecimento de causa, para quem quiser ler, nos livros de William Burroughs (*Junky* e *O Almoço Nu*) e no diário de desintoxicação de Jean Cocteau (*Ópio*).

Outro sobrevivente, Pete Townshend, lidera hoje a maciça campanha levada pelos músicos ingleses contra a praga da heró. E as propagandas veiculadas nos semanários de música são implacavelmente realistas. Fotos na base do "antes, durante e depois" mostram um garoto transformando-se lentamente num ser encolhido e macilento, assaltado por dores de cabeça, câimbras estomacais e coceira por todo o corpo. A fome na Etiópia não preocupa menos os roqueiros de consciência que a fome espiritual que está por trás da praga da heró. Isso tem suas razões.

Garrote vil

São muito comuns, nos bastidores do meio musical europeu/americano, frases do tipo "depois de dar um show para vinte mil pessoas, só a heró pode pôr você para dormir". Em outra simplificação grosseira, daria para concluir: trata-se da melhor anestesia para um ego inflado. Simplificando ainda mais, trata-se da melhor anestesia. Você nem percebe que um dia acaba mergulhando no sono eterno.

Por essas e outras, o tráfico de drogas pode ser caso de polícia — o uso, não. Em países civilizados, os viciados têm uma carteirinha especial da previdência social que lhes permite receber a qualquer momento uma dose de metadona, substância usada como substituta da heró nas terapias de desintoxicação. Gente famosa flagrada com o pó em cima também não merece distinções especiais. Quando Mick Jagger e Keith Richard dançaram pela primeira vez, a Justiça britânica preparava-se para crucificar a dupla como exemplo. Botaram os dois gênios atrás das grades, e o clima era de Inquisição, com garrote vil, fogueiras e tudo mais. Foi aí que o *Times*, talvez o mais conservador dos jornais ingleses, escreveu o célebre editorial "The Wheel and the Butterfly", denunciando essas intenções, e o julgamento correu numa boa. Como o mais letal dos venenos, a heró não merece mesmo nenhum mártir.

Essa anestesia pode ser cara mas, como receita para um suicídio, é imbatível.

MÊS QUE VEM NA BIZZ
TEM: A PRIMEIRA PARTE DA HISTÓRIA DO *DURAN DURAN*
ENTREVISTAS COM *KEITH RICHARD* E *CAETANO VELOSO*
GANHE UM FLEXIDISC COM UMA MÚSICA DOS *SMITHS*

DIRE STRAITS
GOLD!

Brothers in Arms,
o mais recente lançamento do *Dire Straits*
agora é Disco de Ouro!
Mais de cem mil cópias vendidas no Brasil!

Conheça também
os outros discos do Dire Straits
e o trabalho solo de Mark Knopfler:

Dire Straits, Communiqué, Making Movies, Love Over Gold e Alchemy, do Dire Straits
e Local Hero e Cal, de Mark Knopfler.

Todos também disponíveis em Compact Disc no Brasil

PolyGram
PolyGram do Brasil Ltda.

REGINALDO ATACA DE NOVO!

Reginaldo é inglês. Vira noites e mais noites no *in* do *in* americano, francês, javanês. Com o rolar do tempo, Reginaldo ficou conhecido como Reg. No dia em que a genialidade foi visitá-lo, Reg mudou de nome. Mudou para *Elton. Elton John.*

O LP *Reg Strikes Back* é a volta de Reg à frente de um tufão de músicos que já consagrou a faixa *I Don't Wanna Go On With You Like That*, que explodiu no mundo inteiro.

A volta bombástica de *Elton John* já está nas lojas. Quem assina embaixo é Reg, ou Reginaldo se preferirem.

Em discos e fitas
PolyGram